

FEMININX -

Projeto de obra seriada de ficção audiovisual

Olívia Pedroso

Trabalho de Projeto de Mestrado

em Ciências da Comunicação -

Comunicação e Artes

Setembro, 2019

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários
à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação - Comunicação e
Artes realizado sob a orientação científica de Luís Gouveia Monteiro.

À todas as pessoas que queiram viver livremente suas feminilidades.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer:

Luís Gouveia Monteiro, pelo olhar sensível e preciso;

Arianna Aragno, pelo amor e tudo o que dele nasce;

Marina Certain, pela parceria de hoje e de amanhã;

Catarina Pedroso, Cecília Laszkiewicz e Orlando Pedroso por estarem sempre perto, mesmo que longe;

Bia Falleiros, por ter sido faísca de tudo isso;

Eduardo Pompeo, Rafa Ella Brites, Angelo Ravazi, Leonardo Levis, Bernardo Barcellos, Cadu Marino, Henry Jorge Bartholomeu, Celso Freitas, Thaís Carneiro, Giulia Setembrino, Marina Hasche, Eugenia Kimura, Eduardo Piagge, Laerte, Tom Hamburger, Antonio Miano, Anastasia Lukovnikova, todas as mulheres que me inspiraram e me instigaram a desenvolver esse projeto e todas as pessoas que colaboraram para sua feitura.

FEMININX -

Projeto de obra seriada de ficção audiovisual

Memória Descritiva

Olívia Pedroso

RESUMO

O presente trabalho constitui a memória descritiva do processo de elaboração do projeto da obra audiovisual seriada de ficção *Femininx*, criada por mim e pela roteirista Marina Certain. O texto apresenta as elaborações que fiz ao longo do mestrado acerca do formato e do conteúdo da série, tendo em vista o aprofundamento da pesquisa artística. Encontra-se aqui o percurso de construção da ideia até a elaboração da bíblia¹ da série, atravessando o contexto histórico de lutas feministas, a análise do projeto, dos episódios e das personagens.

Palavras-chave: feminilidade, gênero, sexualidade, série, televisão, *streaming*, bíblia.

ABSTRACT

The present work constitutes the descriptive memory of the elaboration process of fictional anthology series *Femininx*, created by the screenwriter Marina Certain and myself. The text presents the elaborations that I made during the Master's course about the format and content of the series, in order to deepen the artistic research. Here is the path from the construction of the idea to the elaboration of the series bible, crossing the historical context of the feminist struggle, the analysis of the project, the episodes and characters.

Keywords: femininity, gender, sexuality, serie, television, streaming, serie bible.

¹ Termo usado para denominar o projeto escrito de uma obra audiovisual seriada.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	2
O INÍCIO: COMO SURTIU O PROJETO	
CAPÍTULO II	4
MOVIMENTOS FEMINISTAS: AS QUATRO ONDAS	
CAPÍTULO III	11
VIOLÊNCIA DE GÊNERO: UM CONTEXTO SOCIAL E POLÍTICO DOS ÚLTIMOS ANOS	
CAPÍTULO IV	15
AS QUESTÕES DE GÊNERO NA TELEVISÃO E NAS SÉRIES	
CAPÍTULO V	19
REPRESENTAÇÃO DA MULHER - A ALTERNATIVA DE LAURA MULVEY	
CAPÍTULO VI	26
A ESTRUTURA NARRATIVA DO ROTEIRO DE FILME	
CAPÍTULO VII	37
O FORMATO DE SÉRIE	
CAPÍTULO VIII	39
A ESPECTADORA DE SÉRIE	
CAPÍTULO IX	44
A CONSTRUÇÃO DA BÍBLIA DE <i>FEMININX</i>	
CAPÍTULO X	47
O PROCESSO CRIATIVO DE <i>FEMININX</i> : A ESCOLHA DOS TEMAS, A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS E DAS TRAMAS	
CONCLUSÃO	51
BIBLIOGRAFIAS	53
ANEXO - A BÍBLIA DE <i>FEMININX</i>	55

INTRODUÇÃO

Femininx é uma série de ficção antológica composta por dez episódios provocativos que exploram as múltiplas expressões do que é ser mulher – cis e transgênero – nos dias de hoje. De maneira frontal, honesta e sensível apresenta histórias e personagens que são consideradas tabus, mas que fazem parte da vida de qualquer um de nós – direta ou indiretamente.

Sem pudores, a série coloca em cena protagonistas travestis, transsexuais e crossdressers; homo, hetero e bissexuais; negras e brancas; jovens e idosas; ricas e pobres. Personagens complexas e envolventes que experimentam algum tipo de situação traumática em seu cotidiano e, a partir daí, passam a questionar e a desafiar rótulos e binarismos em busca da liberdade de ser quem se é.

O projeto da bíblia de *Femininx* (Anexo) é fruto do estudo sobre gênero, sexualidade, representação da mulher no cinema, linguagem audiovisual de série, estrutura de escrita da bíblia e de uma pesquisa empírica de relatos acerca da feminilidade. Ao mesmo tempo, é parte fundamental do processo que permite dar segmento à feitura propriamente da série, sua filmagem e exibição.

Nesta memória descritiva, apresento as relações entre teoria e prática que se fizeram ao longo do desenvolvimento do projeto e que, desde já, apontam sugestões para a futura etapa de realização da série. Uma vez que esse texto constitui-se por análises, comentários e extratos do conteúdo da bíblia, recomendo que a leitura do Anexo se faça antes da memória descritiva.

CAPÍTULO I

O INÍCIO: COMO SURTIU O PROJETO

A ideia da série *Femininx* surgiu a partir da observação da minha realidade enquanto mulher, moradora da cidade de São Paulo, no Brasil, e pertencente a classes social e econômica privilegiadas. Desde o início, esse projeto baseou-se majoritariamente no ato de reparar (n)as ações do meu cotidiano e de pessoas próximas, o que trouxe, mesmo quando o projeto tomou corpo, um caráter pessoal e parcial, qualidades que perduram também nessa memória descritiva. Faço a seguir um breve retorno ao início, relatando a origem íntima dessa investigação.

Há alguns anos atrás, ainda sem pretensão de pesquisa, passei a observar e a analisar situações que me traziam sensações de incômodo, de injustiça, de inferioridade, de abuso, de raiva e de opressão relativas ao fato de ser mulher. Era tão sutil quanto evidente a diferenciação de tratamento no ambiente de trabalho, as relações de poder dentro da família, a disparidade de abordagens do ser "solteira" e ser "comprometida", o medo de ser violentada na rua e o constante "estado de alerta", a luta por um lugar de fala, a expectativa em cima do que se espera de mim como mulher. E com um elenco dessas e de outras incontáveis situações, passei alguns meses expondo minhas histórias em rede social como forma de dar vazão àqueles sentimentos. Para minha surpresa, cada publicação trazia como retorno uma vasta quantidade de mensagens de mulheres que tinham passado pelas mesmas circunstâncias e que tinham ficado igualmente incomodadas, raivosas, reprimidas... o que deixou muito claro que essas histórias não pertenciam só a mim.

A emergência dessas situações recorrentes, junto a movimentações feministas que vinham ganhando maior notoriedade nas plataformas sociais da *web*, evidenciavam para essa geração de mulheres brasileiras alguns dos sintomas do que vive-se atualmente enquanto sociedade machista e patriarcal: o quanto temos que adaptar nossos comportamentos para adequarem-se aos padrões da mulher – ou da feminilidade –, para evitarmos profundos constrangimentos e, acima de tudo, quantos mecanismos criamos constantemente para sentirmo-nos livres.

Movimentadas pelo desejo de mudança a partir do (re)pensar estratégias e nossas próprias condutas (a começar por reconhecer o machismo que nós mesmas reproduzimos), e (re)encontrar nossos lugares enquanto mulheres no momento atual, Certain e eu passamos a nos reunir periodicamente para criar vínculos entre as micro-políticas que vínhamos fazendo cotidianamente, com os nossos ofícios profissionais de realizadora e roteirista de cinema.

A partir daí, nosso objetivo tornou-se a criação de uma série audiovisual como representação de um repertório empírico e experiencial; uma obra que traga em si a reflexão e a coragem do confronto tanto na linguagem (procedimentos narrativos e visuais) quanto no conteúdo. E para tanto, era preciso aprofundar a pesquisa tanto no estudo sobre a linguagem de série audiovisual, quanto em assuntos pertinentes às questões de gênero.

CAPÍTULO II

MOVIMENTOS FEMINISTAS: AS QUATRO ONDAS

Para uma melhor compreensão das questões levantadas pelo trabalho a seguir, transcorro sumariamente sobre os três movimentos feministas que construíram – junto à outras lutas de direitos humanos – um percurso de conceitos em torno de questões da mulher e tornaram possível o atual momento de efervescente luta feminista, que já leva o nome de "quarta onda feminista".

Desde muito tempo, poetisas, filósofas, rainhas, líderes indígenas, entre tantas outras ao redor do mundo, questionaram o patriarcado e a misoginia através de seus escritos, de suas pinturas, ou mesmo liderando povos e batalhas. Pontualmente e sem fazer parte de grupos organizados especificamente para uma luta feminina, essas mulheres influenciaram mas não constituíram movimentos feministas.

Safo (Grécia, 630 a.C), Cleópatra (Reino Ptolemaico – antigo Egito –, 69 a.C.), Murasaki Shikibu (Japão, meados de 973), Hildegarda de Bingen (Alemanha, 1098), Cristina de Pisano (Itália, 1363), Artemisia Gentileschi (Itália, 1593), Bathsua Makin (Inglaterra, 1600), Juana Inés de la Cruz (Espanha, 1648), Marie de Gournay (França, 1622), Aqualtune (Congo, meados de 1600), Maria Ortiz (Brasil, 1603), Dandara (Brasil, 1694), Bartolina Sisa (Bolívia, 1750), Mary Wollstonecraft (Inglaterra, 1759), Ching Shih (China, 1775), Flora Tristan (França, 1803), Mary Shelley (Inglaterra, 1851) são alguns exemplos de mulheres que indagaram, conceitualmente e/ou na prática, sobre a inferioridade social da mulher.

Mas a partir de meados do século XIX, foi possível identificar momentos de maior agitação política acerca do tema, em muitos países do mundo, simultaneamente. As chamadas ondas feministas são momentos históricos caracterizados pelo acúmulo de movimentos que culminam em avanços relacionados ao tema da liberdade da mulher¹. Cada uma delas possui características próprias e relativas ao seu tempo, com nomes e conceitos de

¹ Franchini, B. S. *O que são as ondas do feminismo?* in: Revista QG Feminista, 2017. Acedido a 21 de junho de 2019, em: <https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a>

maior notoriedade. Faço, abaixo, um resumo sucinto de cada uma delas, relacionando alguns dos temas levantados historicamente com questões tratadas nos Argumentos de *Femininx*.

Primeira Onda Feminista

Com início no Reino Unido e nos Estados Unidos, e posteriormente difundido por diversos outros países, o "Sufrágio" foi o primeiro movimento feminista que, como diz o nome, reivindicava principalmente o direito das mulheres ao voto, mas também à participação feminina na política e na vida pública de forma mais ampla. Composto em sua maioria por mulheres brancas e burguesas, a primeira onda é marcada pelo liberalismo e o universalismo, teorias que defendem a igualdade moral e intelectual entre homens e mulheres. Elizabeth Stanton, Susan Anthony e Lucy Stone fundaram, em Maio de 1869, em Nova Iorque, a 'National Woman Suffrage Association', do qual poderiam tornar-se membro qualquer mulher que acreditasse no seu direito de voto. Na Inglaterra, a maior associação sufragista chamava-se 'NUWSS—National Union of Women's Suffrage Societies' e era presidida por Millicent Garret Fawcett².

Com dissidências ideológicas, disputas internas ao movimento já aconteciam por exemplo com as feministas marxistas – que incorporaram ao debate a luta de classes e as mulheres operárias – e pela segregação de mulheres negras que lutavam também pela abolição da escravatura. A fim de libertar também os homens da condição de escravizados, feministas negras divergiam de algumas feministas brancas que, por sua vez, não concordavam em agregar-se à luta abolicionista. Entre elas, Sojourner Truth³ foi uma abolicionista afro americana conhecida por seu discurso "Ain't I a woman" (em português, "Eu não sou uma mulher?"), proferido na Convenção dos Direitos da Mulher de Ohio de 1851, e publicado em 1981 por bell hooks:

Esse homem há pouco disse que as mulheres precisam de ajuda para subir às carruagens e levantadas sobre as poças, e de me cederem os melhores lugares... e não sou eu uma mulher? Olhem para mim! Olhem para os meus

² Abreu, Zina, "Luta das mulheres pelo direito de voto: movimentos sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos". Universidade da Madeira, 2002, p. 454. Disponível em:

<https://core.ac.uk/download/pdf/61433997.pdf>

³ Escrava alforriada chamada Isabella.

braços! [...] Eu lavrei, plantei e colhi para os celeiros e nenhum homem podia ajudar-me – e não sou eu uma mulher? Eu posso trabalhar tanto quanto qualquer homem (quando eu puder fazê-lo) e ser chicoteada também – e não sou eu uma mulher? Eu dei à luz cinco crianças e vi todas serem vendidas para a escravatura e quando chorei a minha dor de mãe, ninguém senão Jesus ouviu – e não sou eu uma mulher?” (TRUTH em hooks, 2018, 115).

Em 1949, na França, a escritora e intelectual existencialista, Simone de Beauvoir, lança o livro *O Segundo Sexo*⁴ que, bem como outras publicações da autora, tornou-se referência para os estudos feministas e de gênero por fazer um profundo tratado sobre a opressão das mulheres e sobre os movimentos feministas da época. É da autora, a tão reproduzida frase "Não se nasce mulher, torna-se mulher"⁵, escrita no segundo volume de *O Segundo Sexo*.

Há mais de 120 anos, mulheres questionam esse estatuto que as determina, a categoria imposta, a estigmatização do "sexo frágil". E, com base nessas questões, mulheres passaram a se organizar pela igualdade de oportunidades relativas aos estudos, ao trabalho, às posições de poder – pautas vivas e tão necessárias ainda hoje.

Fundamentada nos questionamentos acerca dessas problemáticas, *Femininx* tem como pano de fundo as pautas levantadas na primeira onda feminista, seja na sutil servilidade de Ana com os trabalhos domésticos (episódio *Ana*), na maneira como o policial trata a noiva Anita – como se fosse posse do seu futuro marido (episódio *Marcela*), ou do pudor à própria sexualidade presente em mulheres idosas, como Adelita (episódio *Manu*).

Segunda Onda Feminista

Iniciada em meados dos anos 50 e com duração até meados dos anos 90 do século XX, a segunda onda feminista foi responsável pelos estudos dos conceitos originários da opressão a partir da sua condição de mulher: nascer com vagina e ter como principal função social e econômica, a reprodução. Foi nessa altura que a distinção entre "sexo" e "gênero" começou a surgir, vinculando o primeiro às condições biológicas e o segundo, à construção social.

⁴ Beauvoir, Simone de. *Le Deuxième Sexe*. Gallimard. Paris, 1949.

⁵ Do original, em francês: “On ne naît pas femme, on devient femme”, Simone de Beauvoir, 1949.

Entendendo que o patriarcado, associado ao capitalismo, cumpre a função de explorar a condição reprodutiva da mulher, as feministas da segunda onda lutaram, por exemplo, pela legalização do aborto, pelo reconhecimento do trabalho doméstico, criticaram a maternidade, o casamento, a pornografia, o estupro e outras violências sexuais como ferramentas de manutenção do poder masculino.

Nessa época, as escritoras e ativistas Audre Lorde e Adrienne Rich trouxeram questões sobre a sexualidade e a lesbianidade através de poemas e outros textos, sendo essa última famosa pelo ensaio "Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica"⁶, no qual discorre sobre como a heterossexualidade perpetua o poder social masculino.

Angela Davis, filósofa e também ativista, expandiu a discussão acerca do vínculo entre questões de raça (ou etnia), classe e gênero⁷. Explicitando as diferenças contingenciais, mas constitutivas e decisivas entre as mulheres e em meio ao fortalecimento de muitos movimentos negros, Davis foi fundamental para a construção da identidade da mulher negra, que busca dignidade depois de séculos de escravidão.

Já as autoras Patricia Collins e Dorothy Smith são algumas das que defenderam a criação de um olhar feminino, de uma linguagem e epistemologia da mulher. Robin Morgan, por sua vez, foi responsável pela edição do livro amplamente divulgado *Sisterhood is Powerful*⁸, nome que representa umas das principais características do movimento: a conscientização das mulheres por meio de atividades coletivas, possibilitando e favorecendo seu empoderamento através da "irmandade".

Marcando ainda os dias atuais, as questões suscitadas na segunda onda feminista aparecem com força nos episódios de *Femininx*, nomeadamente: *Lena*, no momento em que o casal de lésbicas se vê diante de um homem que tenta salvaguardá-las por meio da violência; *Marta e Juliana*, que questiona a romantização da maternidade e o lugar cristalizado da "mãe"; a ideia de fim da liberdade individual que o casamento carrega, e a cultura do estupro, presentes em *Marcela*, a pornografia como modelo de sexo na relação de Manu e Chico, no episódio *Manu*; a parceria entre mulheres sugerida pelo episódio *Lins*.

⁶ Rich, Adrienne. "Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence" in *Blood, Bread, and Poetry: Selected Prose 1979-1985*. W.W. Norton & Company. 1986.

⁷ Davis, Angela. *Women, Race & Class*. Nova York, Random House, 1981; Vintage, 1983.

⁸ Morgan, Robin (organizadora), *Sisterhood is Powerful: An Anthology of Writings from the Women's Liberation Movement*. United States: Random House. 1970.

Terceira Onda Feminista

Nos anos 90 os movimentos feministas começaram a se transformar sentido à destruição de pensamentos categóricos e crítica às prévias narrativas de liberação e de vitimização da mulher. Com o recente fim da União Soviética e a queda do muro de Berlim, a dissolução das ditaduras na América Latina, o crescimento do imperialismo estadunidense e a expansão da internet como meio de comunicação – entre tantas outras transformações no mundo –, a terceira onda feminista rejeitou, em sua essência e de forma geral, tentativas de identificação de objetivos comuns e padronizados e do seu reconhecimento como um movimento coletivo.

Grupos feministas punks trouxeram de forma radical a negação ao corporativismo e temas relacionados ao estupro, ao abuso doméstico, ao patriarcado e ao empoderamento feminino. Junto ao discurso político, cresceu também a cultura musical punk com o movimento "*riot grrrl*"⁹ (garota rebelde, em tradução livre), a linguagem dos zines¹⁰ e o Craftivismo¹¹, voltados para a ideia "*do it yourself*" ("faça você mesma").

Ao mesmo tempo, feministas da terceira onda se apropriaram de estereótipos, condutas e termos renegados pelas ativistas da primeira e da segunda onda e transformam seus significados a favor da sua liberdade de escolha individual. Os sutiãs e os batons que foram queimados nos anos 60 e 70 retornaram como forma de empoderamento feminino. A prostituição e a pornografia passaram a ser estudadas pelo campo da sexualidade como potenciais libertadores. No vocabulário, a palavra "vadia", por exemplo, foi agregada ao vocabulário feminista como orgulho de ser livre.

Em 1989, a estudiosa Kimberlé Crenshaw introduziu a teoria interseccional, que estuda a forma de opressão, dominação e discriminação das identidades sociais minoritárias sobrepostas ou interseccionadas. Criado na terceira onda, o feminismo interseccional reconhece a intersecção de identidades sociais que uma mesma pessoa possui e entende que uma mulher branca, pertencente a uma classe econômica alta e que está de acordo com padrões estéticos do que se espera de uma mulher ocidental não tem os mesmos direitos e

⁹ Manifesto disponível em: <https://www.historyisaweapon.com/defcon1/riotgrrrlmanifesto.html>

¹⁰ Publicação independente, feita de forma informal, reproduzida por fotocopadora e que, por essas características, possibilita diversos formatos e linguagens.

¹¹ Ativismo feminista anticapitalista, ambientalista e solidário centrado nas práticas artesanais.

nem sofre as mesmas opressões que uma mulher negra, transgênero, gorda, moradora de uma favela, por exemplo.

Em 1990, Judith Butler funda a teoria Queer com a publicação de *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*¹², problematizando conceitos cristalizados e naturalizados do binarismo "homem/mulher", "feminino/masculino" decorrentes da heterossexualidade compulsória marcada pelo falocentrismo. Entre outros conceitos, Butler defende a construção da identidade como um processo contínuo e acende o debate sobre performatividade de gênero. Pouco antes, Donna Haraway havia publicado o *Manifesto Ciborgue*¹³, que ofusca as fronteiras entre "humano/animal" e "máquina" e defende a "política de afinidades" no lugar de "políticas de identidade" que o feminismo até então se pautava.

A terceira onda se faz presente em *Femininx* em todos os episódios que entendem a "mulher" e a "feminilidade" como termos relacionados a pessoas que se entendem como tal, independente de seus órgãos sexuais. Os episódios *Lins, Filipe, Pipo, Cris e Jorge* tem como protagonistas pessoas que nasceram com pênis mas não se entendem como "homens" (e Cris, que nasceu com vagina e não se entende como "mulher"). De forma mais híbrida e menos binárias, essas personagens tiram o "feminino" e o "masculino" de lugares estancados e definitivos, como levantaram – e ainda levantam – autoras desse movimento.

Quarta Onda Feminista

Apesar de ainda estar em curso, já se identifica o momento atual como "a quarta onda feminista", que traz como características principais a interseccionalidade – plantada na terceira onda – e a forte atuação nos meios de comunicação digitais¹⁴. Através da internet vê-se a proliferação de debates plurais e heterogêneos, respaldados por coletivos políticos e artísticos compostos por uma grande diversidade de integrantes. Hoje, o movimento (que é, mais do que nunca, muitos movimentos) tem como líderes mulheres negras, indígenas,

¹² Butler, Judith. *Gender Trouble: Feminism And the Subversion of Identity*. London & New York: Routledge, 1990.

¹³ Haraway, Donna J., "A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century" In: *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature*, New York, Routledge, 1991.

¹⁴ Rocha, Fernanda de Brito Mota. *A quarta onda do movimento feminista: o fenômeno do ativismo digital*. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2017.

brancas, universitárias, lésbicas, moradoras da periferia, trabalhadoras rurais, portadoras de necessidades especiais, pessoas transgêneros, entre tantas outras minorias.

Fortemente presente nas redes sociais – ambiente de grande liberdade na escrita – o feminismo atual reforça a importância da linguagem inclusiva de gênero. Na língua portuguesa, a tentativa de suprimir a generalização de um grupo misto de pessoas referindo-se ao masculino incorporou o uso de outras letras que substituíssem o "o". Evitando também a substituição pelo "a" ou mesmo o uso do "o(a)", que reforçam o binarismo de gênero, o final das palavras é substituído por "x", "e", "i" – transformação que deu origem ao título da série *Femininx*.

Diante do histórico de lutas feministas, esse projeto de mestrado toma como ponto de partida as múltiplas formas de ser mulher, e vê no feminismo atual a possibilidade de ser transmutável como uma das ideias mais colocadas em prática. Para a escrita desse texto, quando não foi possível superar a binaridade removendo da frase os pronomes e artigos, optei pelo uso do gênero feminino ao tratar do genérico "pessoas"¹⁵. O estranhamento do uso do feminino como genérico pode causar incômodo e até distanciamento da leitora, mas me disponho a encarar as consequências em detrimento de evidenciar quão significativa é essa mudança.

¹⁵ À exceção do capítulo "Representação da Mulher - A alternativa de Laura Mulvey", uma vez que a autora refere-se justamente ao espectador masculino.

CAPÍTULO III

VIOLÊNCIA DE GÊNERO: UM CONTEXTO SOCIAL E POLÍTICO DOS ÚLTIMOS ANOS

Especificando ainda mais o fenômeno do feminismo digital contemporâneo, este capítulo dedica-se a alguns acontecimentos pontuais e relevantes em alguns países do mundo nos últimos anos.

No Brasil, a pauta cresceu substancialmente em 2015, a partir da campanha lançada no Twitter pela ONG Olga, *#PrimeiroAssedio*, que surgiu em apoio a uma garota de 12 anos, alvo de comentários de cunho sexual durante sua participação de um *reality show*. Em poucos dias, milhares de mulheres compartilharam a *hashtag* em diferentes plataformas online, relatando os primeiros casos de assédio que sofreram – ou que se lembram de ter sofrido. Algumas delas engasgadas, pulsando, prestes a rebentar com casos que as acompanham com frescor ainda hoje; outras que tiveram de cavar fundo as memórias ocultadas durante anos.

Com os dados coletados a partir da replicação da *hashtag* no Twitter, a ONG Olga constatou que a média do primeiro assédio em meninas brasileiras acontece aos 9,7 anos de idade e que 65% deles é cometido por conhecidos¹⁶. Os testemunhos relataram desde situações de extrema agressividade – muitas vezes carregadas de violência física também, como sexo oral, vaginal e anal forçados –, como também situações vinculadas à brincadeiras e doçura, que mascaram e confundem a relação abusiva. À essas últimas, frequentemente foram mencionados avós, primos e parceiros revelando a proximidade afetiva dos agressores, que até então eram categorizados como "monstros", "psicopatas", "desconhecidos"...

Em novembro desse mesmo ano, foi criada espontaneamente uma outra *hashtag*, *#MeuAmigoSecreto*, que fazia uma analogia ao jogo de trocas de presentes comumente feito na noite de natal. Na brincadeira natalina, cada um descreve características da pessoa que será presenteada até que os outros participantes adivinhem a quem se refere. Dando continuidade à tentativa de mostrar quão perto estão os agressores, unida à necessidade de denunciar o machismo impregnado nos conhecidos, mulheres relataram diversos casos de abusos sexuais, morais e psicológicos causados por homens próximos a elas.

¹⁶ Fonte: <https://olga-project.herokuapp.com/2015/10/26/hashtag-transformacao-82-mil-tweets-sobre-o-primeiroassedio/>

A falta de políticas públicas relacionadas à violência contra as mulheres, juntamente à cultura de subordinação da mulher em relação ao homem, dificulta o registro de casos no Brasil. Mesmo assim, as pesquisas apontam números crescentes nos últimos anos, tanto em relação a tortura física (invariavelmente vinculadas à tortura moral e psicológica), quanto a feminicídio (assassinato de mulheres baseado no gênero). Uma recente pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, realizada pelo Instituto Datafolha, mostra que em 2018, 27,4% das brasileiras acima dos 16 anos passaram por algum tipo de violência, sendo que 42% ocorreram no ambiente doméstico e que mais da metade das vítimas (52%) não denunciou o agressor ou procurou ajuda. Atualmente, estima-se que uma mulher é estuprada a cada 11 minutos no país¹⁷.

Naquele mesmo ano de 2015, várias cidades da Argentina, Chile e Uruguai reuniram-se para reivindicar soluções para a violência contra as mulheres e dar maior visibilidade aos problemas profundamente enraizados nesses países, levantando a campanha chamada *Ni Una Menos*¹⁸. Com o registro de 277 mulheres vítimas de feminicídio em 2014 na Argentina¹⁹, uma multidão de pessoas marchou em direção ao Congresso da capital Buenos Aires exigindo ações para combater e responder a violência contra as mulheres e outras formas de agressão de gênero. Atualmente, as marchas *Ni Una Menos* proliferaram-se pela América Latina e confere nome ao coletivo de ativistas feministas que promove marchas e atividades contra violência de gênero.

Já nos Estados Unidos, em outubro de 2017, a atriz Alyssa Milano lançou no Twitter a campanha mundialmente famosa, #MeToo, com os seguintes dizeres: "If you've been sexually harassed or assaulted wrote 'Me Too.' as a reply to this tweet". [...] we might give people a sense of the magnitude of the problem"²⁰. A iniciativa surgiu como um ato de solidariedade às mais de 20 mulheres que alegaram ter sido estupradas pelo produtor cinematográfico

¹⁷ Fonte: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/violencia-sexual/#violencia-sexual-no-brasil>

¹⁸ Em português, Nenhuma a Menos. Fonte: <http://niunamenos.org.ar/>

¹⁹ Fonte: Asociación Civil La Casa del Encuentro. <http://www.lacasadelencontro.org/>

²⁰ Em português, "Se você foi assediada sexualmente ou agredida, escreva "Eu Também" como resposta a esse tweet". [...] nós precisamos dar às pessoas um senso da magnitude desse problema". Fonte: <https://www.theguardian.com/culture/2017/dec/01/alyssa-milano-mee-too-sexual-harassment-abuse>

Harvey Weinstein²¹ e desencadeou uma torrente de denúncias contra outros tantos famosos da indústria de cinema de Hollywood, da política e do esporte²². Aderindo à *hashtag*, diversas atrizes consagradas revelaram os abusos sofridos ao longo de suas trajetórias profissionais, dos quais tiveram que manter em silêncio para sustentar suas carreiras. Foi a partir de 2017 que os casos ganharam mais visibilidade fora das redes sociais e passaram a ser divulgados com maior importância na grande mídia e nos maiores festivais de cinema do mundo, com atrizes que discursaram sobre os abusos, ao vivo, durante as premiações dos Oscar e do Festival de Cinema de Cannes. Desde então, diversos nomes importantes foram demitidos e afastados depois de serem acusados de abuso sexual.

Como visto anteriormente, desde a segunda onda feminista, ativistas perceberam a necessidade de aproximar a luta das mulheres às outras lutas de gênero e, hoje, mesmo com os conflitos internos, os movimentos estão ainda mais unidos, formando a atual luta LGBTQI+ (sigla que está em constante mudança justamente por seu caráter híbrido, inclusivo e indefinível). Para muitas, falar do "feminino" não mais está relacionado apenas à "mulher" e nem mesmo a ideia de "mulher" limita-se à uma só possibilidade de "feminino". A palavra "feminin_" recebe atualmente o "x" para se completar – ou para manter-se sempre incompleta.

Com papel fundamental para a luta, as redes sociais serviram – e ainda servem – como uma espécie de abertura de diários confidenciais das pessoas que sofrem e revoltam-se com desigualdade de gênero. E é a partir dessa rede compartilhada que o assunto passou a transitar com mais força e criatividade nos ambientes artístico, comunicativo e acadêmico, ferramentas potentes para mudanças nos panoramas político e social.

Em se tratando de Brasil, apesar da atual conjuntura política conservadora (ou talvez, intensificada pela existência dessa oposição política radical), nos últimos anos nomes de autoras feministas passaram a ser mais amplamente estudados, mais cursos de nível superior com essa temática foram criados, mais pessoas LGBTQI+ começaram a ter representatividade na política e na televisão (ambientes fundamentalmente masculinos e machistas). Para além

²¹ Mais tarde, Weinstein chegou a ser acusado por 70 mulheres por abusos de diversos graus. Fonte: <https://www.dn.pt/vida-e-futuro/interior/um-ano-de-metoo-quem-sao-as-mulheres-que-comecaram-uma-nova-era-9939912.html>

²² Fonte: <https://oglobo.globo.com/sociedade/levantamento-mostra-que-movimento-metoo-tirou-201-homens-do-poder-23183032>

das instituições e dos meios de comunicação tradicionais, é visível o aumento da quantidade de canais de YouTube, perfis de Instagram e páginas de Facebook de entidades, indivíduos ou grupos independentes que usam a plataforma virtual mais democrática em busca de um lugar de fala para afirmar sua identidade LGBTQI+. A porta para soltar a voz pelos direitos de gênero está mais aberta do que nunca.

CAPÍTULO IV

AS QUESTÕES DE GÊNERO NA TELEVISÃO E NAS SÉRIES

Cada vez mais vinculados entre si e aproveitando a atual onda feminista para capitalizar o movimento LGBTQI+, a televisão, o cinema e produtos *streaming*, abordam de forma cada vez mais massiva as questões de gênero. Ainda que em pequena quantidade, a emissora de televisão brasileira Rede Globo – uma das maiores redes de televisão comercial do mundo – conta atualmente com uma roteirista e duas atrizes transgênero²³. Personagens de novelas, programas de auditório e mini séries tentam trazer o tema – antes tratado como piada²⁴ – de mais forma educativa e ampla mas, ainda assim, com uma abordagem superficial, contraditória e pautada em princípios machistas.

Na atual novela da Globo, *A Dona do Pedaço*²⁵, a atriz transgênero Glamour Garcia interpreta a personagem, também transgênero, Britney. Analiso aqui a cena de um dos episódios, em que Britney relata ao chefe Marcio (interpretado por Anderson Di Rizzi) que seu colega de trabalho lhe insulta constantemente por ser mulher transgênero. O patrão, ao invés de demonstrar-se contrariado, pede-lhe para se acalmar e diz-lhe para "não trazer os problemas pessoais para dentro do trabalho". A conversa se encerra quando ele a tranquiliza dizendo que vai convidar o funcionário para tomar uma cerveja e ter uma conversa "de homem para homem". Nessa cena, que dura menos de um minuto, é evidente as contradições machistas²⁶ de Marcio que:

- I. acredita que os insultos transfóbicos, ocorridos dentro da fábrica, são de cunho pessoal e não profissional;

²³ Fonte: <https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/tonygoes/2019/08/quem-esta-com-medo-sao-os-conservadores-nao-eu-diz-linn-da-quebrada.shtml>

²⁴ Programas da Rede Globo como "Zorra Total" (1999-2015), "Casseta e Planeta" (1978-presente) e "Sai de Baixo" (1996-2002 / 2013) faziam com grande frequência piadas de gênero, principalmente sobre mulheres e pessoas gays.

²⁵ Criada por Walcyr Carrasco, Rede Globo, 2019. A cena analisada faz parte do episódio que foi ao ar em 30 de agosto de 2019 e está disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7882806/>. Acessada em 05 de setembro de 2019.

²⁶ Mais adiante, trago a ideia de personagens contraditórias como uma estratégia construtiva política e socialmente. No caso de Márcio, a contradição chega como verdade incontestável de algo que a sociedade já reproduz com o uso, por exemplo, de expressões como "conversa de homem para homem".

- II. ao contrário de sua funcionária, pode misturar trabalho e relações pessoais, ao propor uma conversa de trabalho no bar;
- III. perpetua a ideia de que uma "conversa de homem pra homem" é mais séria e efetiva.

Esse é apenas um exemplo de situação que aborda questões de gênero de forma irresponsável e tratando da violência de gênero através da lógica machista. Em uma simples cena como essa, o personagem diminui a gravidade da agressão, retira o problema do ambiente de trabalho e afasta a vítima da situação sem perguntá-la como ela se sentiria mais confortável e respeitada²⁷.

No quesito séries de ficção televisivas ou de *streaming*, a produção relativa às questões de gênero no Brasil são incipientes e de pouca relevância de público²⁸. As poucas séries que levantam essa temática não foram produzidas por grandes produtoras, nem foram veiculadas por empresas importantes do mercado²⁹. Ainda em suas primeiras temporadas, *Samantha* (Netflix, 2018) e *Coisa Mais Linda* (Netflix, 2019) são os nomes mais importantes dentro desse contexto.

Já os Estados Unidos lançam, há vários anos, produções de cunho feminista que fizeram significativo sucesso de público e que influenciaram outras produções ao longo do mundo. Algumas delas: *The L World* (Showtime, 2004), *Girls* (HBO, 2012), *Orange is the New Black* (Netflix, 2013), *Transparent* (Amazon Studios, 2014), *Easy* (Netflix, 2016), *Handmaid's Tale* (Hulu, 2017), *Big Little Lies* (HBO, 2017), *Dear White People* (Netflix, 2017), *Strangers* (Facebook Watch, 2017) *Sex Education* (Netflix, 2019).

Dos exemplos supracitados, atendo-me à série *Easy*, que é uma das maiores referências para a escrita do projeto de *Femininx*. Atualmente com três temporadas lançadas, *Easy* é uma série antológica escrita, dirigida, editada e produzida por Joe Swanberg,

²⁷ Imaginemos, então, que tipo de conversa os dois personagens homens cisgênero terão sobre violência contra pessoas transgênero no ambiente de trabalho.

²⁸ Como dado agravador da situação, de acordo com a publicação do Diário Oficial da União do dia 21 de agosto de 2019, o atual presidente do país Jair Bolsonaro suspendeu o edital público que financiaria filmes com temática LGBTQI+ após declarar-se contra a feitura desse tipo de produção audiovisual. Fonte: <https://oglobo.globo.com/cultura/governo-bolsonaro-suspende-edital-com-series-lgbt-para-tvs-publicas-23891805>

²⁹ Alguns exemplos: "Septo" (Diretoras diversas, 2016), "O Lar de Todas as Cores" (Daniel Sena, Projeto Cais, 2015), "Esconderijo" (Gabriela DiMello, 2017), "#Brecha"(Geison Luz, 2017). Todos feitos com produção independente. Este ano foi anunciada a criação da série "Todxs", produzida pela HBO Latina, sobre a temática LGBTQI+.

conhecido por seus filmes do subgênero "mumblecore". Não pelo baixo orçamento, nem pelas produções independentes, *Femininx* se aproxima do mumblecore por reunir temas cotidianos e histórias comuns de forma realista, sem grandes apelos comerciais e, enquanto proposta de direção, o uso do improviso com os atores. Para além disso – e principalmente – , *Easy* é uma série que explora relacionamentos amorosos e sexuais contemporâneos através de um ponto de vista feminista que foge de padrões hegemônicos, tanto no conteúdo quanto na linguagem. Faço uma análise de alguns pontos específicos do segundo episódio da segunda temporada, chamado *Casamento Aberto*.

Na tentativa de mudar algumas dinâmicas do longo relacionamento, Andi e Kyle decidem "abrir" a relação monogâmica para experiências com outras pessoas. A primeira cena rapidamente deixa claro como Andi está significativamente mais tranquila que o marido com a decisão do casal: ela lhe faz a proposta de forma bastante assertiva na terapia de casal e ele, sem muita opção, aceita. A partir daí, todo o episódio constrói uma mulher decidida e independente, sem deixar de se preocupar com os sentimentos de Kyle, que se demonstra mais frágil e sensível. Sem julgamentos sobre suas personalidades, o episódio "permite" que ela seja ontologicamente mais ativa que ele, ou melhor, permite que ele tome decisões pessoais consequentemente às atitudes dela. "Sem julgamentos" significa que o episódio não posiciona o personagem como sendo mais fraco que ela, nem ela como sendo mais cruel que ele, os dois se respeitam como são e, ao final, deixam claro que se admiram por tais qualidades.

Essa pequena constatação ganha considerável importância diante de séries, filmes (e da própria vida real) que enquadram – e exigem – que o homem seja mais forte, mais ativo e menos sensível que a mulher. Aqui, Kyle pode não querer transar com outras mulheres, pode não querer receber uma massagem erótica, pode ter uma conversa íntima com outro amigo homem, pode ficar confuso, pode lidar sozinho com o ciúmes da companheira, sem transformar em violência – contra ela ou contra ele, mesmo. Andi, por sua vez, pode deixar marido e filhos brincando para responder às mensagens no celular, pode dizer pra Kyle que tais mensagens eram flertes com outros homens, pode ainda dizer o nome do homem com quem ela vai sair para possivelmente transar, sem que a própria série a julgue por isso. Ela pode também transar com um homem que recém conheceu e fazer sexo intenso e vigoroso com ele. Apenas por uma noite. Ela não sente culpa, Andi não se sente inferior e não foi

preciso levantar questões de gênero como temática nesse episódio, elas simplesmente estão ali, intrínsecas.

Mediante ao realismo radicalmente franco, câmera e personagens não alimentam qualquer fetichismo estético, não constroem imagens exageradas, não se insistem em enquadramentos *widescreen* ou em super *close-ups*. Se aproximam da pessoa espectadora transmitindo a sensação de que aquela vida realmente poderia ser dela³⁰ e não uma utopia.

É com esse olhar que a série como um todo trata tanto da feminilidade quanto da masculinidade como gêneros flexíveis e não estancados, nem parados no tempo. Dessa forma, traz a importância de discutir o masculino, ou o que se espera do homem ocidental contemporâneo. Está mais do que claro que debater sobre a mulher e sobre a feminilidade depende também de entender que o masculino também não é um gênero esgotado, pelo contrário, que precisa ser cada vez mais articulado, desdobrado, transmutado.

Fundamentais como construtores de conscientes e inconscientes coletivos, as séries e o cinema absorvem e ao mesmo tempo refletem as morais sociais da respectiva conjuntura. Igualmente acontece na forma como olha e reproduz o comportamento das pessoas. E, se filmar pessoas é filmar seus comportamentos, inerente às obras há também uma visão generalizada sobre "a mulher" e sobre "o homem".

Contemporânea à segunda onda feminista, a crítica cinematográfica Laura Mulvey, discorreu sobre a representatividade da mulher no cinema, importante para uma certa compreensão histórica da construção visual e narrativa que diverge, através de estereótipos, os gêneros identitários binários "homem" e "mulher".

³⁰ Refiro-me aqui a espectadoras que se identificariam com um universo estadunidense de classe social e econômica média.

CAPÍTULO V

REPRESENTAÇÃO DA MULHER - A ALTERNATIVA DE LAURA MULVEY

O tema da representação da mulher no cinema ganhou maior expressividade com Laura Mulvey em *Prazer Visual e Cinema Narrativo*, texto que ajudou a estabelecer a teoria do cinema feminista como um campo legítimo de estudo. Ainda que restrito ao tema da imagem da mulher (e não da feminilidade como expressão mais ampla da sexualidade), e de tratar especificamente da linguagem cinematográfica, faço uso do texto para dialogar as análises da autora em relação às escolhas de *Femininx*³¹.

Mulvey utiliza-se da teoria psicanalítica para demonstrar o modo pelo qual o inconsciente da sociedade patriarcal estruturou a forma do cinema tradicional narrativo, mas também o quanto esse tipo de filme estabelece diretrizes na própria sociedade. Com a análise, a autora propõe um cinema alternativo que reaja contra as obsessões e premissas que esse cinema instituiu a partir dos anos 60.

A magia do estilo de Hollywood, em seus melhores exemplos (e de todo o cinema que se fez dentro de sua esfera de influência) resultou, não exclusivamente, mas num aspecto importante, da manipulação habilidosa e satisfatória do prazer visual. Incontestado, o cinema dominante codificou o erótico dentro da linguagem da ordem patriarcal dominante. (MULVEY em XAVIER, 1983, p. 440)

Trazendo como fundamento central do cinema narrativo tradicional a satisfação e o prazer visual, a autora investiga três instâncias do olhar próprias desse cinema, através de um tipo específico de fascínio que o próprio provoca: a escopofilia.

Segundo a autora, o prazer de olhar (escopofilia), foi dividido entre ativo/masculino e passivo/feminino que, apesar de fazer uma divisão binária (e excluir todas as outras formas de identidade) e polarizada (não permite que o masculino seja passivo e o feminino ativo), estabelece uma rígida definição de funções na qual a imagem da mulher (aqui relacionada ao feminino) permanece submetida ao olhar do homem (relacionado ao masculino).

³¹ Apesar de *Femininx* se tratar de uma obra seriada, utilizo aqui a teoria do cinema porque as estruturas narrativas e de produção são bastante similares. Separadamente, cada episódio de *Femininx* constitui um pequeno filme narrativo e de ficção.

"[...] O olhar masculino determinante projeta sua fantasia na figura feminina, estilizada de acordo com essa fantasia. Em seu papel tradicional exibicionista, as mulheres são simultaneamente olhadas e exibidas, tendo sua aparência codificada no sentido de emitir um impacto erótico e visual de forma a que se possa dizer que conota a sua condição de "para-ser-olhada". (1983, p. 444)

Para Mulvey, essa relação cinematográfica do corpo da mulher como objeto erótico acontece nos filmes narrativos tradicionais em três instâncias diferentes mas interligadas: o olhar da câmera (olhar da realização) que registra os acontecimentos à sua frente, o olhar do espectador quando assiste o produto final (o filme) e, finalmente, o olhar dos personagens entre si. Resumo rapidamente cada uma delas para, posteriormente, relacioná-las à maneira como esses olhares se dão na série *Femininx*.

O primeiro olhar refere-se às muitas as maneiras que pode-se filmar uma personagem, um diálogo, uma situação. Cada escolha de posição de câmera, combinada à construção da *mise-èn-scene* (cenário, figurino, maquiagem, luz, som, atuação etc.) formam códigos reconhecíveis – um acervo imagético da história do cinema. No filme narrativo tradicional é frequente a formulação de planos detalhes de determinados gestos que codificam a sensualidade estereotipada da mulher, como por exemplo, quando a câmera enquadra o momento em que as belas pernas da personagem se cruzam, quando enfatiza os seios no decote do vestido, quando atém-se à maneira como ela mexe no cabelo e de como manifesta o desejo pelo homem.

Através dessas escolhas produz-se imagens voyeristas caracterizadas pela fragmentação do corpo, o recorte, a fetichização e a criação de um ícone – a musa, uma mulher idealizada – que, segundo Mulvey, existe em função da satisfação sexual do homem. Essas imagens, mostradas repetitivamente de determinada maneira, sugestiona o olhar do espectador também na sua vida pessoal, para além da tela dos filmes.

A segunda instância consiste na relação de identificação entre o espectador homem e o protagonista do filme, também homem, que se apresenta como possibilidade de realização do desejo reprimido de sua audiência. Ao mesmo tempo que o filme provoca uma temporária suspensão do ego do espectador (na sala escura, o corpo que assiste é praticamente apagado

em detrimento ao projetado que brilha à sua frente), o reforça através da idealização de si mesmo, de um jogo narcísico de fascínio e de reconhecimento com o seu semelhante. Ou seja, aquele que aparece na tela é uma espécie de versão melhorada de você mesmo, seu ideal de ego.

Na medida em que o espectador se identifica com o principal protagonista masculino, ele projeta seu olhar no do seu semelhante, o seu substituto na tela, de forma que o poder do protagonista masculino, ao controlar os eventos, coincida com o poder ativo do olhar erótico, os dois criando uma sensação satisfatória de onipotência. (1983, p. 445)

Utilizada ainda hoje como grande referência para a escrita narrativa, a *Poética*, de Aristóteles³², escrita nos anos 300 a.C. e traduzida para o inglês em 1780, já dizia que o "reconhecimento", como indica o próprio significado da palavra, é a passagem do ignorar ao conhecer" (1993, p. 452). Reconhecendo a outra pessoa, passa-se a conhecer a si mesma. Em se tratando de personagem, cria-se, através desse (auto)reconhecimento, a capacidade de identificação, de empatia.

Já a terceira instância (o olhar entre os personagens), constitui-se pela insistente relação de posse que os personagens homens tem das personagens mulheres que, em determinado momento do filme, passam a agir em função deles. Para a autora, os personagens homens adquirem o poder da narrativa e das ações, controlando o avanço da trama e as rédeas das personagens mulheres.

Através da psicanálise, Mulvey explica que essa forma dominadora, fetichizada e idealizada da mulher é uma resposta à ameaça de castração que a sua figura implica. Ou seja, a ausência do pênis representa o medo da perda de poder e de prazer do homem. E para aliviar essa tensão, o inconsciente masculino – e os filmes narrativos tradicionais – utilizam-se de estratégias como a desvalorização da mulher, sua punição, a desmistificação do seu mistério, a redenção do objeto culpado, a substituição da mulher por um objeto fetiche, supervaloriza-a, torná-la dócil ao invés de perigosa.

Segundo Mulvey, à medida que a representação fetichista da imagem ameaça destruir a magia da ilusão e que a imagem erótica aparece na tela, oculta-se o medo da castração,

³² ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. 3ª ed. São Paulo: Ars Poética, 1993.

congela-se o olhar do espectador, fixa-o e impede-o de conseguir qualquer distanciamento da imagem. É nesse momento de fascínio, arrebatado pelo prazer de olhar a imagem, que o espectador sente-se dentro do filme e a magia do cinema se faz. É também a situação exata em que o filme alimenta o ego narcísico de quem o assiste.

Na contramão dos protocolos que esse cinema solidificou (o que Mulvey chama de "acumulação monolítica de convenções tradicionais do cinema"), o projeto da série *Femininx* propõe outras formas de olhar as relações, as espectadoras, as personagens e as narrativas – a começar por um ponto de vista menos binário que a própria Mulvey apresentou em 1973.

Nesse sentido, acredito que o medo da castração da qual a autora se refere está vinculado especificamente ao homem cisgênero, ou seja, àquele que nasceu com pênis e que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído, "homem". Assim, levo em consideração pessoas transgênero, transexuais e intersexuais, que nascem com pênis mas que não se identificam com o gênero que lhes foi atribuído no nascimento e que, muitas vezes, não se reconhecem com o próprio órgão sexual.

Além disso, a maioria dos episódios da série tem como protagonistas mulheres cis ou transgênero incomodadas com o padrão patriarcal de sociedade na qual vivem, dialogando assim, com um público feminino (de mulheres, homens e pessoas não-binárias) e contrariando a ideia de Mulvey de que o espectador de cinema é masculino (e composto por homens). Essas são algumas práticas que compõem o projeto *Femininx* na busca de desfazer a noção hegemônica do cinema de que o poder está vinculado ao homem cisgênero, propondo outras relações entre as instâncias detentoras dos três olhares destacados pela autora:

1) O olhar da câmera que registra os acontecimentos:

Enquanto projeto escrito, ainda não é possível analisar o valor de registro das imagens de *Femininx* mas, para já, existe um planejamento de produção da série a fim de orientar a forma como a filmagem pode ocorrer. Uma das propostas é que a equipe de realizadoras seja composta por mulheres cis e transgênero³³ que proponham visões plurais menos

³³ Isso não significa que homens cis e transgênero não possam propor visões igualmente plurais menos heteronormativas, mas existe aqui um incentivo para que mais mulheres cis e transgênero ocupem a direção de obras audiovisuais, uma vez que ainda são minoria. Segundo uma pesquisa feita na Califórnia, apenas 4% dos 1223 diretores que realizaram filmes populares entre 2007 e 2016 eram mulheres. Esse número cai

heteronormativas, falocêntricas, machistas e patriarcais. Dessa forma, propõe-se realizar a série evitando limitar as cenas à idealizações, achatamentos, fetiches e romantismos. Ao invés disso, buscar um olhar frontal, horizontal, corajoso, sem julgamentos nem hierarquias. Isso significa, por exemplo, evitar padrões de beleza da imagem existentes para satisfazer o desejo também padronizado da espectadora.

Essa postura vale igualmente para o projeto escrito (a bíblia), no qual procuramos não cair na tentação de criar cenas e situações em prol de agradar as espectadoras. "A destruição do prazer como arma política", instiga Mulvey, como forma de atacar a satisfação e o reforço do ego, "abrir caminho para a negação total da tranquilidade e da plenitude" do cinema tradicional narrativo, quebrando a lógica de fascínio com a qual trabalha.

Nesse sentido, é necessário que o cinema tradicional passe a estar desconfortável diante de sua própria existência, a confrontar-se com cada escolha que possa alimentar os níveis de poder entre gêneros, identidades e sexualidades. Ideias essas que surgem com o convite feito por Mulvey (reconhecendo que "cineastas radicais" já o praticam), de romper com as expectativas normatizadoras do prazer e conceber uma nova linguagem do prazer, "sem deixar o passado pra trás, sem rejeitá-lo, mas transcendendo formas já desgastadas ou opressivas".

II) O olhar das espectadoras para o produto final:

Se no cinema tradicional a identificação com o protagonista alimenta o ego idealizado do espectador, na série *Femininx*, a espectadora é colocada num constante debate consigo mesma porque se identifica com personagens contraditórias. Ou seja, a mesma personagem que se assemelha ao universo da espectadora e à forma como se posiciona diante dele, apresenta também determinadas atitudes incoerentes, trazendo-a para um plano menos fictício e mais palpável. Essas várias facetas que compõem cada personagem cria um jogo de aproximação e distanciamento com a espectadora que, simultaneamente se identifica e rejeita suas próprias contradições.

Segundo Aristóteles, a tragédia imita homens (sic) melhores, enquanto a comédia imita homens piores do que ordinariamente são (1993, p. 444). Se comparadas à esse juízo

radicalmente ao se tratar de mulheres negras, asiáticas e latinoamericanas. Fonte:
<https://f5.folha.uol.com.br/cinema/2018/01/o-que-faz- apenas-4-das-diretoras-de-filmes-de-hollywood-serem-mulheres.shtml>

de valores, as personagens de *Femininx* contém as duas ídoles, simultaneamente. Cada protagonista é melhor e é também pior do que o regular – se é que existe alguma regularidade nisso.

Neste sentido, a série não realiza as fantasias das espectadoras, nem cumpre o inalcançável (como se vê frequentemente no cinema narrativo tradicional) mas legitimized seus desejos complexos e contraditórios que são constantemente reprimidos. Marta, por exemplo, tem toda liberdade de querer satisfazer seu apetite sexual e de transar com um homem dentro de casa enquanto seu bebê dorme. Ela, como personagem influenciadora de suas espectadoras, liberta muitas mães solteiras que não se permitem viver seus desejos sexuais por estarem enquadradas na categoria romantizada de "mãe".

É importante ressaltar aqui que *Femininx* pressupõe a existência de um público feminino e LGBTQI+ que, ao se identificar com as protagonistas, são levadas a refletir sobre suas próprias vidas, questionando os padrões de relacionamentos (sexuais ou não) baseados no patriarcalismo e na heteronormatividade. Diferente de relacionarem-se pelo ego e pelo narcisismo em direção à objetificação do corpo da mulher – como analisa Mulvey nas relações masculinas dos filmes tradicionais e seus espectadores –, a identificação das espectadoras de *Femininx* com suas personagens acontece no sentido contrário, sem idealizar, erotizar, punir, desvalorizar, culpabilizar... Pelo contrário, as narrativas e a caracterização das personagens valorizam a busca pela identidade sexual e de gênero individual.

III) O olhar entre as personagens:

No projeto da série, as protagonistas apresentam certa vulnerabilidade e disposição para flexibilizar-se diante do mundo que as concerne. Mesmo que fortes e determinadas – como demonstra Lena ao dialogar sobre homossexualidade diante de sua família – as personagens não controlam as outras ao seu redor. Pelo contrário, existe uma construção de cumplicidade e parceria entre elas, com a intenção de potencializarem-se enquanto mulheres.

Apesar das situações de conflito entre elas, como no caso de Manu e sua mãe ausente, ambas buscam estratégias para lidar com as diferenças e não se tornarem inimigas. Débora compra as passagens aéreas para que filha e avó possam ir ao seu casamento e, mais adiante, Manu aceita a nova relação da mãe. Já no episódio *Juliana e Marta*, a relação de empregadora

e empregada torna-se cada vez mais íntima, diminuindo as distâncias sociais e econômicas pré-existentes. Ao longo da trama elas se identificam pessoalmente, como uma forma de espelhamento pessoal.

Mas para não cair em idealizações, a série leva em consideração também as contradições das personagens, que não são e nem pretendem ser perfeitas. Manu apresenta-se, por exemplo, como uma jovem moderna que não precisa do registro legal do casamento para confirmar seu relacionamento com Chico; faz home office; e é repleta de tatuagens mas, ao mesmo tempo, mostra-se tradicionalista e preconceituosa ao duvidar do novo relacionamento da mãe, que está se casando aos 60 anos de idade. Esse tipo de construção paradoxal, recorrente em todos os episódios, é uma proposta de criar vínculos mais complexos entre as personagens e entre espectadoras e personagens.

Segundo Mulvey, as convenções do filme narrativo tradicional rejeitam os dois primeiros olhares supracitados e subordina-os ao terceiro, de forma a criar a ilusão de que o filme trata-se unicamente do olhar dos personagens. Dessa forma, a experiência fílmica é reduzida ao controle das protagonistas, "impedindo uma consciência distanciada da plateia".

Em *Femininx*, é fundamental que os três olhares estejam ativos simultaneamente e que sejam declaradamente parciais, evitando a ideia de "plenitude". Aqui, não se pretende que o filme complete uma falta existente nas espectadoras, mas ajuda a potencializar diversos pontos de vista, tanto pela narrativa (ou pela câmera), quanto pelas personagens e da relação do filme com as espectadoras. Faz-se assim, necessária a clareza dos diversos posicionamentos diante do que se espera da feminilidade, não como "assim que se é", mas "assim que se pode ser".

CAPÍTULO VI

A ESTRUTURA NARRATIVA DO ROTEIRO DE FILME

Existem muitas maneiras de contar uma história, de planejar uma narrativa, de escrever uma ficção. A indústria cinematográfica de Hollywood encontrou uma estrutura fílmica de enorme sucesso reproduzida há anos, tornando-se referência para tantos outros países além dos Estados Unidos. No processo de elaboração de um filme, o ponto de partida é o roteiro.

Com o objetivo principal de conquistar um público de massa, os filmes hollywoodianos seguem um padrão de roteiro amplamente difundido e muitos conceitos, propostas e exercícios de elaboração desse modelo foram publicados através de manuais. Um dos mais importantes pensadores e professores de roteiro do mundo foi o estadunidense Syd Field, que lançou, entre muitos outros, o *Manual de Roteiro - Os fundamentos do texto cinematográfico*³⁴.

A pesquisa de Field visava encontrar as propriedades elementares para a criação de um "bom" roteiro – pressupondo que, para ele, o "bom" está vinculado ao sucesso do filme aos moldes da indústria de entretenimento hollywoodiana. Mas mesmo que eu não considere esse fator como medida para valorar um filme ou um roteiro, encontram-se conceitos básicos que operam em concordância com a construção da maioria dos Argumentos de *Femininx*. Abordo aqui, então, as noções que serviram-nos de apoio para o processo de criação do projeto da série.

Para Syd Field, o roteiro de cinema possui "componentes conceituais básicos comuns no que se refere à forma"³⁵, à estrutura, à sua construção. "Forma", que é diferente de "fórmula": enquanto esse último funciona como réplica de produtos exatamente iguais, o primeiro refere-se à ideia de agrupar e organizar, de forma semelhante, elementos diferentes, de variados tipos e aspectos, para que se alcance resultados díspares.

³⁴ FIELD, Syd. *Manual de Roteiro - Os fundamentos do texto cinematográfico. Objetiva. Rio de Janeiro, 2001* (tradução Álvaro Ramos) (1979 - 1982).

³⁵ *Ibidem*, p. 9.

Estrutura é o que sustenta a história no lugar. É o relacionamento entre essas partes que unifica o roteiro, o todo. Esse é o paradigma da estrutura dramática. (2001, p. 12)

Para o autor, a história é composta por uma determinada pessoa que está num lugar vivendo a sua "coisa" e pode ter infinitas possibilidades de desenvolvimento, uma vez que cada um desses elementos – "pessoa", "lugar" e "coisa" – também são infinitas. Assim, a forma para criar um ("bom") roteiro é a mesma, mas o conteúdo deve ser único e próprio de cada filme.

Este conteúdo é movido devido à premissa dramática, ou seja, o assunto do qual o filme trata, aquilo que fornece o impulso dramático que desloca a história. E se a história é centrada em uma pessoa (personagem principal), é preciso definir qual é a sua "necessidade dramática", o que ela quer transformar no espaço/tempo em que está.

Ideias essas baseadas na Poética de Aristóteles que afirma que o mito é a imitação de ações e que, na tragédia, o elemento mais importante é a trama dos fatos, ou seja, a ideia de que as personagens assumem características para efetuar certas ações e alcançarem a finalidade da narrativa³⁶. É necessário entender, assim, qual é a necessidade dramática (ou a finalidade) da sua personagem e, posteriormente, construir os elementos que a edificam.

No episódio *Lins*, por exemplo, a protagonista vive na periferia da cidade de São Paulo (Brasil), no ano de 2019 e a sua "coisa" é investir na carreira profissional de atriz. A premissa dramática do episódio é a inclusão de pessoas transgênero no mercado de trabalho audiovisual e a necessidade dramática da personagem é, então, fazer parte desse universo para alcançar reconhecimento. Entendendo esses três elementos fundamentais da história, foi possível começar a desenvolver os acontecimentos, os conflitos e as ações que a movem.

A Poética de Aristóteles é citada também por Field para a introdução das unidades de ação dramática: ação, tempo e espaço. Através dela, o autor estrutura o roteiro também em três partes: atos I, II e III.

O ato I consiste na apresentação dos principais elementos da história: quem é a personagem, qual é a premissa dramática, qual situação dramática da história (as

³⁶ ARISTÓTELES. Poética. Trad. Eudoro de Souza. 3ª ed. São Paulo: Ars Poética, 1993. p.448

circunstâncias em torno da ação) e ainda estabelecer os relacionamentos entre o personagem principal e as outras pessoas que habitam os cenários de seu mundo.

O ato II, é o período mais longo do filme, quando a personagem confronta os obstáculos que dificultam o alcance à sua necessidade dramática. Normalmente, a superação de um obstáculo resulta no encontro com um novo obstáculo.

Já o ato III é quando acontece a resolução da história, que não é o seu fim. "O fim é aquela cena, imagem ou sequência com que o roteiro termina; não é a solução da história" (1993, p. 15).

Assim, a estrutura dramática do roteiro constitui-se na organização linear dos incidentes (que não significa cronologicamente e nem unilateralmente) e de eventos interrelacionados que conduzem à resolução dramática, pautadas por ações.

Analisando o Argumento de *Lins*, poderíamos dizer que a primeira página e meia equivale ao primeiro ato do roteiro. Nessa parte, apresenta-se a protagonista:

"O som da sandália de salto alto marca a entrada de LINS (48) no estúdio. Já de pé, a Diretora a recebe, animada: "Que bom que você veio! Parabéns, só tenho visto notícias boas do filme!". Vaidosa e brincalhona, Lins agradece dando uma voltinha e exibindo-se no vestido justo que pouco cobre as próteses de silicone no peito, coxas e nádegas. Suas mãos e pés são grandes, e as muitas plásticas em seu rosto confundem sua idade. Com a voz anasalada e aguda, Lins que diz que nunca imaginou tamanho sucesso: "O 'bapho' mais recente é que fui indicada ao prêmio de melhor atriz no Festival do Rio!". [...]

Hotel cinco estrelas. Sentada em uma poltrona de design no lobby do hotel, Lins dá uma entrevista a um REPÓRTER (31) de uma revista de cultura e lazer. Minimalista, o ambiente ostenta no pé direito alto, valorizando os lustres pendentes e as grandes esculturas abstratas. Agora com um look elegante e maquiagem nude, Lins posa para o fotógrafo que acompanha a entrevista. Ao lado, uma equipe de maquiagem, figurino e produção. O Repórter comenta sobre a importância da longa-metragem no contexto político atual: "Fiquei sabendo que você virou a 'menina dos olhos' da preparadora de elenco! E olha que ela tem fama de ser super rigorosa!". Sorrindo, Lins responde com falsa modéstia: "Imagina, querido! Agora que fui lançada nesse mundo 'glamour' do cinema, não vou largar nunca mais! Quero me aperfeiçoar e me dedicar inteiramente à vida de atriz".

Corredor sombrio. Iluminada apenas por feixes de luzes azuis e verdes, Lins caminha com firmeza pelo longo e estreito corredor. A cada passo que dá, seus seios fartos saltam no decote do top branco.

Casa de Lins. De pé no meio da kitchenette, Lins e a amiga BIBI (34) planejam o futuro próximo. Apontando para a pequena televisão de tubo, Lins: “Na minha casa nova vai ter home theater, com caixas de som no teto pra dar todo aquele lance emocionante quando a gente vê os filmes!”. Apesar dos móveis gastos e das paredes encardidas, fotografias de paisagens genéricas e essências aromatizantes enfeitam e perfumam o ambiente. Bibi sugere que ela compre um apartamento na Vila Leopoldina, região que está cada vez mais ‘fervida’. Lins diz que antes quer ‘recuperar a dignidade’ perante a família e comprar uma casa pra sua mãe, que vive de aluguel no Embu. O toque do celular interrompe a conversa. É um cliente querendo marcar um horário para um programa. Convencida e irônica, ela responde: “Obrigada pelo convite, querido, mas mudei de business!”.

A descrição da personagem conta sobre quem é essa história: uma mulher de 48 anos, ex-prostituta que está fazendo certo sucesso como atriz de um filme. Ela é vaidosa e brincalhona e possui muitas plásticas no corpo. A descrição do tamanho das mãos e dos pés, e a voz anasalada e aguda sugerem que ela seja uma mulher transexual.

Pelo fato de que poucas atrizes transexuais fazem filmes e, menos ainda alcançam grande reconhecimento, a premissa dramática é a entrada de Lins no universo do cinema e o quanto isso está rendendo notícia.

As relações pessoais entre Lins e as outras personagens estão de acordo com cada situação dramática desse episódio, que é composto por três instâncias repetitivas: o ambiente cinematográfico e o universo da fama – permeado por dinheiro, utopias e relações de interesse –; o ambiente soturno, onde mais adiante revela-se um espaço *underground* em que ela viveu no período da prostituição; e sua casa, uma quitinete³⁷ montada com móveis velhos, de onde Lins pretende se mudar. É neste último onde encontram-se as verdadeiras relações de Lins – amigas que viveram ali momentos importantes para a transição sexual.

³⁷ Casa que comporta cozinha e quarto em apenas um cômodo. No Brasil está vinculada à habitação para pessoas de baixa renda. Em Portugal, chama-se "T0".

A "necessidade dramática" apresenta-se com a fala de Lins ao repórter: "Agora que fui lançada nesse mundo 'glamour' do cinema, não vou largar nunca mais! Quero me aperfeiçoar e me dedicar inteiramente à vida de atriz". Junto à informação posterior de que ela está deixando para trás a profissão de trabalhadora do sexo, revela-se aqui que Lins quer provocar uma mudança significativa em sua vida.

As três páginas e meia que seguem o Argumento constituem o ato II, composto pelos obstáculos dos quais Lins enfrenta para manter-se nesse mundo ideal da fama, da mudança de casa e do que enfrentou naquele ambiente da prostituição. É nessa parte que Lins vive situações preconceituosas, insultos e assédios. É também quando revela-se ser uma mulher transexual que possui pênis e a violência do seu irmão, que volta à procura de dinheiro.

Por fim, o ato III soluciona a história com a sequência que comporta o convite à participação de Lins como atriz e criadora de uma série, mais a cena final, em que ela atua como mulher em uma filmagem. Nesse caso, um *happy ending* em que a personagem alcança sua necessidade dramática.

Para interligar a "espinha dorsal" da narrativa, dividida nessas três partes, há um artifício que mantém a história coesa, um incidente ou um evento que "engancha" a parte I, a parte II e a parte III. O chamado "Ponto de Virada" (2001, p. 16) reverte a situação para outra direção, muda o caminho que vinha percorrendo a personagem principal. Aristóteles dá o nome de "peripécia" a esse artifício de mutação dos acontecimentos para o contrário (1993, p. 452) e acrescenta a necessidade de, para a obtenção do sucesso dessa inversão, a verossimilhança.

No episódio *Cris e Jorge*, o que aparentava ser um lindo começo de relação amorosa desmorona-se subitamente quando Jorge conta que é portador de HIV depois de ter transado sem preservativo com Cris. Tomado por medo e raiva, Cris se afasta de Jorge colapsando a relação e o momento de vida dos dois amantes. Esse é o Ponto de Virada I da narrativa. Mais pro final, o segundo Ponto de Virada acontece quando Cris recebe a notícia de que não está contaminado por HIV, vertendo a história para um outro caminho que não o sofrimento que vive durante o segundo ato.

Por outro lado, contestando o modelo de manual estadunidense hegemônico, os roteiristas Leandro Saraiva e Newton Cannito afirmam, em *Manual de Roteiro - ou Manuel, o*

primo pobre dos manuais de cinema e TV, que "o número de atos (ou partes) de um filme é definido pelo número de transformações radicais em suas situações dramáticas" (2004, p. 105-06)³⁸. Para eles, a história pode ter mais ou menos pontos de virada dependendo do que ela precisar ter, libertando os filmes de estruturas tão amarradas. Nos episódios de *Femininx*, não se encontram mais de duas viradas narrativas, mas o tempo de duração de cada ato não é seguido rigorosamente, como define Syd Field.

Para além da estrutura narrativa, Field aborda também algumas regras de escrita próprias do roteiro e que também se fazem presente nos Argumentos de *Femininx*. Diferente de um romance, não estão presentes no roteiro os pensamentos nem os sentimentos das personagens e sim, a forma como elas expressam em ação suas subjetividades. O roteiro "é uma história contada com imagens" (2001, p. 9), ou seja, com aquilo que será visto. É um exercício de criar a maneira como a personagem demonstra os sentimentos, os desejos, as necessidades em forma de ação.

No episódio *Lena*, por exemplo, o conflito apresentado na primeira cena (Lena conta que está namorando uma garota) manifesta-se em cada uma das personagens de formas diferentes – sempre aparente, visível e por meio de uma ação: Lena "engole as palavras" demonstrando-se acanhada; surpresa, Maria Auxiliadora "salta", indagando; Vieira acena a cabeça e vira-se para a janela tranquilamente; e Cristina "não tira os olhos do trânsito, evitando a situação".

Sempre escrita no presente, a descrição em forma de ação também vale para os ambientes, para as situações, para o "clima" da cena. Nesse mesmo episódio, a família janta em um restaurante caótico, intensificando a tensão da conversa familiar. Foi preciso, então, mostrar *como* esse ambiente está caótico: "Crianças correm e adultos falam alto [...]", "Na mesa ao lado, uma criança começa a chorar, com sono. O barulho toma conta do salão". Assim, entende-se o que está *acontecendo* no filme, o que se *vê* naquele momento, mesmo que na história aquela situação tenha acontecido no passado, ou que seja uma premonição

³⁸ SARAIVA, Leandro e CANNITO, Newton. *Manual de Roteiro - ou Manuel, o primo pobre dos manuais de cinema e TV*. São Paulo : Conrad Editora do Brasil, 2004.

do futuro, que seja um sonho, uma especulação, exhibe o que está presente na tela naquele instante.

Field recorda também que toda decisão criativa é uma escolha e não uma necessidade (2001, p. 21). O que acontece com a personagem e de que maneira sucede é de responsabilidade de quem a está criando e cada invenção acarreta em consequências. Nesse sentido, cada escolha de palavra exige um trabalho minucioso para não criar interpretações diferentes das que se procura. Analiso o seguinte trecho do episódio *Andréia*:

"Sentados nas espreguiçadeiras, Andréia e seus primos mais velhos, JULIANA (21) e BRUNO (25), tomam sol hipnotizados por seus celulares. Abílio se aproxima e senta-se na mesma esteira de Juliana, que chama atenção por seus seios torneados de silicone. Abílio a elogia, enquanto percorre os dedos pela alça de seu biquíni: "Sempre achei mulheres com marca de sol mais charmosas". Juliana sorri, desconcertada, e agradece. Bruno segue absorto pelo feed do Instagram. Indignada, Andréia, que está com o celular na mão, filma a situação sem que ninguém perceba."

Fundamentais aqui as escolhas das palavras "hipnotizados", "seios torneados" e "agradece". A primeira permite que Abílio assedie a neta sem que Bruno perceba; a segunda demonstra o porquê de Abílio percorrer os dedos pela alça do biquíni; e a terceira exprime a afabilidade que Juliana mantém mesmo com o desconforto de ser assediada pelo "vôdrasto". São escolhas essas que acarretam consequências para o entendimento do episódio, tanto relativas à história, quanto ao tema e à personalidade de cada um presente.

São escolhas criativas, também, a construção das personagens através da maneira como eles agem. Escrever que Juliana e Bruno tomam sol "hipnotizados" por seus celulares contam um pouco sobre a relação deles com o aparelho, com a tecnologia e como um tipo de alienação do mundo ao redor. Mais adiante da história, no discurso do brinde, a dinâmica familiar se evidencia com os pequenos gestos pontuados na descrição da cena:

"Com as empregadas a postos para servir o almoço, Gustavo propõe um brinde. Num discurso formal e pomposo, ele diz como é gratificante ver todos reunidos e que "espera, fortemente, que o amor continue sendo o que move a família Nogueira Marinho, uma família tradicional, respeitada e querida por muitos". Cláudia ameaça começar uma fala, mas logo é interrompida por seu outro irmão, Flávio. Percebendo o incômodo da enteada, Abílio se

aproxima e acaricia sua nuca. Atenta aos movimentos de Abílio, Andréia o filma novamente. Flávio tira sarro da cafonice do irmão e diz que na verdade, tudo isso só é possível graças a sua mãe: "mulher de pulso firme, que sempre foi atrás dos seus sonhos, construindo uma carreira respeitável e uma família incrível". Todos se emocionam. Flávio continua seu discurso, comentando que não pode esquecer de agradecer a Abílio, homem que sempre esteve ao lado de Cecília e que acolheu seus filhos e netos como se fossem seus. Abílio e Cecília se entreolham com ternura. Todos aplaudem. Abílio pede um momento, diz que Cláudia também tem algo a dizer. Desconcertada, Cláudia agradece: "Bom, na verdade acho que eles já falaram tudo, eu só tenho a te desejar um feliz aniversário, mãe. Amamos você." Todos brindam e se sentam para comer."

Primeiramente, o uso de "a postos" enfatiza a relação servil com a qual as empregadas domésticas se posicionam na casa, como se fossem posse daquelas pessoas que as contratam. Além disso, quem propõe o brinde (sujeito ativo) é o mesmo que faz um discurso romantizado e tradicionalista, que parece não se relacionar com a "vida real" dessa família, repleta de perversões ocultas. Em seguida, Cláudia tenta falar mas é interrompida pelo outro irmão macho, que coloca-se como uma pessoa desromantizada ao "tirar sarro da cafonice do irmão" mas completa o discurso sendo tão tradicionalista quando o outro. Sua tática funciona: "Todos se emocionam". Ali, o mesmo carinho que Abílio faz ao perceber que Cláudia foi calada pelos irmãos, é interpretado não só como um gesto de acolhimento mas também como um pequeno assédio, uma vez que a personagem já foi apresentada como anteriormente. Esse simples gesto na nuca, associado à interrupção dos irmãos, faz com que o elogio de Flávio para Abílio chegue à espectadora de forma repugnante, como uma espécie de aliança natural em que um acoberta o outro. Pior ainda que tudo isso acontece com o consentimento da família, que aplaude.

Para que os conflitos surjam na história e para que se saiba como ultrapassar os obstáculos, é preciso conhecer a fundo as personagens. Quanto mais desenvolvidas são, mais possibilidades se abrem para os percursos que elas podem percorrer. E para além da quantidade de caminhos, a qualidade das ações aumenta também relativamente ao grau de conhecimento. Existe então, técnicas de desenvolvimento de personagens para roteiros cinematográficos.

Syd Field sugere a criação da "vida interior" e da "vida exterior" das protagonistas (2001, p. 28), sendo a primeira relativa ao período do seu nascimento até o início do filme, seu processo de formação; e a segunda, seu processo de revelação, que começa no início do filme e termina no final da história. Como proposta de pesquisa e criação dessas duas vidas, o autor sugere a elaboração de perguntas das personagens: quantos anos tem, onde nasceu, como foi a relação com os pais, teve pai ou mãe ausente, foi para a escola, gostava de estudar, como foi sua primeira relação sexual, como são seus amigos, quais foram suas maiores mentiras, seus segredos velados...? Essas e outras perguntas biográficas dão corpo e forma para desenvolver a "vida externa", com novas perguntas: onde vive agora, como é sua casa, como é sua rotina, é feliz assim ou gostaria de mudar...?

A partir de todas essas informações criadas/coletadas da personagem, constrói-se a maneira dela de expressar, de deixar *visível* o que relaciona-se com os acontecimentos da narrativa. Segundo Syd Field, os elementos que constituem a personagem são: sua personalidade, seu ponto de vista, sua atitude e seu comportamento (2001, p. 36-38).

O conjunto de qualidades que definem a individualidade da personagem é a sua personalidade. Elaborar uma personagem rabugenta, ranzinza, séria, com senso de humor maldoso é completamente diferente de uma personagem leviana, espiritual, cômica, singela. Sua atitude (maneira de agir ou de sentir que revela sua opinião), seu comportamento (a maneira como expressa sua percepção das coisas), e seu ponto de vista (forma de olhar o mundo) podem ser coerentes se planejados, evitando situações aparentam ser descabidas ao espectador que assiste ao filme.

No episódio *Filipe*, a apresentação do protagonista define rapidamente seu comportamento, sua postura, suas afinidades, suas habilidades. A pequena e precisa descrição do ele que faz naquele específico momento deixa claro de quem se trata essa história:

"Filipe (14), um jovem franzino e pardo, se arruma no banheiro de casa. O ambiente é precário: paredes de reboco com tijolos aparentes, box de plástico rachado, espelho de pia coberto por manchas de mofo.

Vaidoso, o garoto passa uma quantidade abundante de creme de pentear nos cabelos crespos enquanto faz movimentos sensuais ao som de Enviadescer, da funkeira travesti MC Linn da Quebrada. Depois que termina de trançar a última mecha de cabelo, Filipe pega o

celular e dá play em um tutorial de uma youtuber mirim que ensina truques de maquiagem. Durante a apresentação do vídeo, ele repete várias das gírias usadas pela garota demonstrando familiaridade com o canal."

Logo em seguida, apresenta-se o contexto em que Filipe está, trazendo um novo significado para as ações recém mostradas:

"LUARA (17) bate na porta com força: "Abre aí, moleque! Preciso mijar e tô atrasada pro trabalho!". Assim que o irmão abre a porta, Luara: "Porra, teu cabelo tá mara, hein!". Filipe dá um beijo no próprio ombro. Antes de sair, Luara o alerta: "Ow, se o pai ou a mãe te pegarem assim, cê tá fudido!". Pensativo, Filipe termina de aplicar o primer no rosto."

As sensações de proibido, de perigo, de subversão surgem com o comentário da irmã, em oposição ao espaço livre e protegido que envolvia o protagonista anteriormente. Sem o menor cuidado com a identidade sexual do irmão, Luara refere-se a Filipe por "moleque" e expõe o conflito da personagem na história: entender-se como travesti significaria também assumir para os pais – e enfrentar as consequências disso.

Personagens tridimensionais, complexas e que constituem-se também por pitadas de contradição são mais únicas e fortes. Algo próprio da protagonista, que se esconde em sua fundeza e que revela-se durante o episódio – tanto para a espectadora quanto para a própria personagem – pode criar um momento intrigante para o rumo da trama quando construído ao longo dos acontecimentos. Ou seja, existindo um processo de costura entre personalidade, atitude, comportamento e ponto de vista, é possível revelar uma nova característica dessa personagem, surpreendendo construtivamente.

No episódio *Ana*, se não fossem as ligeiras indicações de que, em meio ao comportamento um tanto submisso, um tanto tímido e de poucas palavras, a protagonista surpreende (a si mesma e à espectadora) com ímpetos, seria um grande estranhamento que ela provocasse/permitisse que Thaís a beijasse ao final. Sempre em direção à sua dignidade, Ana tem algumas reações impulsivas em meio à muitas outras de conformismo.

"João continua: "Até um dia em que um irlandês me descobriu e me chamou pra tocar no pub dele... E adivinha quem tava lá me esperando?". Raquel: "Dona Ana, a bela adormecida à espera do príncipe encantado tupiniquim". Todos riem. Ana: "Adormecida nada! Quando eu não tava no pub trabalhando, tava estudando pro mestrado que...". João a interrompe: "A

coitadinha aí, com essa cara de polaca, era a única que não precisava correr quando o pessoal da imigração chegava pra fiscalizar o bar”. Ana olha pra cima. [...]

Ana se levanta e pega um copo d’água: “Você tá inconveniente de novo, João”.

Em silêncio, Ana, Livia e Raquel tiram a mesa, lavam a louça e arrumam a cozinha enquanto João e Pedro assistem televisão no sofá. Raquel: “Não sei como você ainda aguenta o papai, mãe”. Ana continua arrumando as coisas. [...]

Ana, melancólica: “É complicado mesmo... principalmente depois que os filhos saem de casa. A dinâmica muda totalmente e você se vê de novo numa vida a dois com uma pessoa que muitas vezes parece um desconhecido”. Interrompendo, Beth se levanta para ir ao banheiro: “Acho que tá na hora de ir embora, né minha gente? Já tô mais pra lá do que pra cá! Vou pagar minha parte, vocês ficam mais?”. Ana olha pra Thaís e diz que toparia uma saideira. Thaís sorri: “Com prazer”. [...]

Ao se despedirem, Ana e Thaís se olham em silêncio por alguns segundos. Ana: “Brigada (sic) por essa noite. Tá até difícil de sair do carro...”. Thaís sorri, se aproxima e dá um beijo na boca de Ana que, apesar de surpresa, não recua.

Ana entra no quarto de casa, tira a roupa e deita ao lado de João que, sonolento, a abraça. Ana o abraça de volta. Os dois dormem juntos.”

Por último e em poucas palavras, Syd Field levanta a necessidade de identificação entre protagonista e espectadora (2001, p. 39). Fazê-la reconhecer alguém ou a si mesma em uma personagem é uma maneira bastante eficiente de envolvê-la na trama e, por isso, um dos principais elementos de uma série, que é feita em episódios e que depende da fidelização das espectadoras para seguirem a jornada por tantos outros capítulos.

Esse é um dos métodos de criação de roteiro e de personagens que funciona para o desenvolvimento de um filme (ou série) narrativo, de ficção, aos moldes do cinema tradicional hegemônico de Hollywood, mas existem muitos outros métodos (ou mesmo a ausência de métodos) que não acreditam na "ação" como agente principal da narrativa. Para a elaboração de *Femininx*, foi importante conhecer o método de Syd Field tanto para usá-lo como ferramenta, quanto para negá-lo quando preciso. O episódio *Manu*, por exemplo, baseia-se mais em uma experiência sensitiva e não dá muita importância para as ações narrativas.

CAPÍTULO VII

O FORMATO DE SÉRIE

Diferente de um longa-metragem que dura em média entre 90 e 120 minutos, uma obra audiovisual seriada pode ficar meses e até anos sendo veiculada com novos episódios. A série estadunidense *ER*³⁹, por exemplo, é composta por 331 capítulos e manteve-se no ar durante 15 anos. *Twin Peaks*⁴⁰, por sua vez, foi lançada em 1990 e só foi retomada 27 anos depois, com a terceira temporada. Ambas possuem narrativas contínuas, ou seja, os episódios são como capítulos de uma mesma história, divididas em núcleos de personagens, semelhante às telenovelas.

Já uma série antológica de ficção desenvolve ideias sobre um tema central através de episódios independentes entre si, ou seja, cada episódio apresenta o início e o fim de uma trama. Enquanto a série contínua possui um arco narrativo único, a antologia possui um arco narrativo em cada episódio. Dessa forma, permite a existência de diferentes protagonistas que, juntos, compõem um mosaico de histórias variadas acerca de um mesmo assunto.

Sendo antológica ou com o arco narrativo único, a maioria das séries de ficção tem como característica fundamental a jornada da(s) protagonista(s). É através da fidelização que o espectador continuará assistindo os episódios a seguir, dando continuidade à existência da série. Tanto em *Easy*, quanto em *Black Mirror*⁴¹, o interesse por assistir novos episódios se dá com a possibilidade de conhecer novas histórias e novas personagens tão intrigantes quanto as anteriores. Daí a importância que se tem na construção da protagonista, de seu arco narrativo e de um tema a partir do qual desenvolvem-se todos os episódios.

Em *Femininx*, cada narrativa compõe parte das múltiplas formas de expressar a feminilidade e formam um conjunto complexo de pontos de vista, uma vez que não é de nosso interesse procurar qualquer tipo de encerramento ou conclusão sobre o assunto. Pelo

³⁹ Criada por Michael Crichton e produzida por Constant c Productions e Amblin Entertainment em associação com a Warner Bros. Television Production, Inc.

⁴⁰ Criada por Mark Frost e David Lynch e transmitida pela ABC (American Broadcasting Company) em 1990 e 1991; e pela Showtime em 2017.

⁴¹ Criada por Charlie Brooker e transmitida por Channer 4 (2011-2014) e pela Netflix (2016-presente).

contrário, a série respeita a necessidade de desenvolver cada vez mais a temática da feminilidade, de acordo com as questões contemporâneas que surgem no mundo.

Assim, essa antologia possibilita também que os dez episódios já criados sejam distribuídos em uma ou mais temporadas conforme o acordo que se faça com o canal de veiculação, e ainda abre caminho para que novos episódios componham uma sequência ilimitada de temporadas. Diante da possibilidade de criar sempre novos protagonistas, a "feminilidade" torna-se o tema guarda-chuva de um terreno fértil de tramas – fator importante tanto para o mercado quanto para a criação de um acervo narrativo de ficção sobre questões de gênero e sexualidade.

Os Argumentos que compõem a bíblia de *Femininx* sugerem episódios de aproximadamente 40 minutos de duração, correspondendo à média das séries atuais (*streaming* ou *webséries*). Mas o projeto é flexível para adaptar-se à outras condições, tanto para ajustar-se ao formato tradicional da televisão, quanto para durações específicas de determinados canais *web*.

CAPÍTULO VIII

A ESPECTADORA DE SÉRIE

"Um equívoco paralelo ao "eu dou o que o público quer" é o "eu não estou nem aí para o público". Isso é virtualmente impossível. É claro que quem cria algo não vai, antes, fazer uma pesquisa para conhecer o público (não se trata de publicidade). Mas é quase um pressuposto lógico que, quando se escreve algo, haja como pano de fundo a imagem de um público ideal. (SARAIVA e CANNITO, 2004. p.38)

Idealmente, as espectadoras de *Femininx* são todas as pessoas que se interessam por assuntos acerca da feminilidade e da masculinidade, tendo conhecimento prévio ou não sobre as questões abordadas pela série. Nesse sentido, foi um trabalho minucioso construir, de forma acessível – porém, não simplista –, situações que abordem conceitos elaborados por autoras e por movimentos feministas nos últimos anos. Buscamos, assim, personagens contemporâneas, com características bastante reais e que utilizam-se de uma linguagem coloquial, de forma a provocar maior identificação com o público.

Também é público-alvo de *Femininx* pessoas que estejam interessadas e pré-dispostas a acessar um conteúdo que não se oferece de maneira carinhosa, mas provocativa e frontal. Além disso, a série demanda da espectadora uma atenção minuciosa para detectar as sutilezas presentes nas entrelinhas, como o discreto gesto de levantar sua blusa e cobrir o colo quando Andréia encontra seu "vôdrasto" assediador (episódio *Andréia*).

Mas, para além de pessoas que já tenham afinidade com o tema ou predisposição a conhecê-los através de imagem e som, enfrentamos o desafio de tocar aquelas que nunca se sensibilizaram pelas questões de gênero ou ainda as que são avessas às ideias defendidas pela série. Como se aproximar de um público que possui imensos privilégios – a ponto de não os perceberem – é uma das principais perguntas que permeou a escrita dos episódios. Ou ainda, como questiona Djamila Ribeiro em *O que é: Lugar de Fala?*⁴², fazer com que

"[...]indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de *locus*

⁴² RIBEIRO, Djamila. *O que é: Lugar de Fala?*. Belo Horizonte (MG). Letramento. Justificando, 2017.

social⁴³ consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados" (RIBEIRO, 2017, p. 86).

Talvez esse (auto)reconhecimento aconteça através dos conflitos pessoais de cada personagem, dos sentimentos de raiva, de frustração, de amor, de injustiça e de tantos outros que provém das personalidades, não dos temas. A afinação dos dramas pessoais devem ser desenvolvidos com mais profundidade na etapa de elaboração dos roteiros da série, em um trabalho de aperfeiçoamento das protagonistas.

Ademais, espera-se que a linguagem audiovisual elaborada para a feitura da série (nomeadamente as escolhas de direção, de fotografia, de montagem, de arte e de som, relativas à etapa de filmagem) se relacione com uma espectadora ativa, curiosa, disposta a sair de padrões hegemônicos da imagem em movimento. Ou seja, evitar um produto reducionista que seja consumido apenas por entretenimento.

Diferente do filme projetado no cinema, a série é um formato de obra audiovisual majoritariamente assistido em ambiente doméstico, mais privado do que coletivo. Em conformidade à atual tendência ao entretenimento virtual, é muito comum que o público de série a assista individualmente e através de seu dispositivo portátil. Em casa e sozinha (no máximo, em casal), a espectadora consome o produto audiovisual que "o mundo todo" está assistindo, sentindo-se assim, inserida à sociedade.

À esse processo, já iniciado pela televisão há muitos anos, vê-se a necessidade de estabelecer uma relação de continuidade com a espectadora, de provocar o desejo de continuar ingerindo a imagem. Criado em meados de 2003 e pulverizado em meados de 2012, o termo "*binge-watching*"⁴⁴ (compulsão por assistir, em tradução livre) está fortemente relacionado ao fenômeno das séries.

No entanto, a crescente produção de séries *streaming* tem mudado a relação entre os produtos audiovisuais e suas espectadoras. Enquanto a televisão tradicional dos anos XX cria programas que atinjam toda a família, com uma linguagem pouco ousada e pouco agressiva,

⁴³ Anteriormente, no mesmo livro, a autora explica que "*locus social*" é o direito à existência digna, à voz como possibilidade de existir. No caso, pessoas que tem maior direito à fala, ao poder.

⁴⁴ Fonte: <http://www.macmillandictionaryblog.com/binge-watching>

as séries atuais ganham a possibilidade de estipular relações mais singulares com as espectadoras.

Uma mesma telenovela, por exemplo, é constituída por grupos de personagens que representam universos diferentes entre si, de forma a agradar públicos também diversos. A espectadora pode se identificar com o núcleo de personagens da escola, ou mesmo com o pessoal da fábrica, da lanchonete, do hospital, com a família rica ou com a "*gang* da favela"... Com um leque de opções que atinge, ao mesmo tempo, todas as idades, gêneros, etnias e gostos, a novela e os seriados televisivos estabelecem uma relação fiel e duradoura entre espectadoras e programa. Todos os dias, milhões de pessoas ligam a televisão para assistir às mesmas personagens que já conhecem de longa data.

Já séries *streaming* utilizam-se de uma lógica bastante diferente quanto à relação com seu público. Podendo acessar ao conteúdo quando quiser, onde quiser e com quem quiser, sua espectadora estabelece uma relação mais particular com o produto que assiste, do que aquela que tinha com a televisão tradicional. As séries *online* estão "à disposição" de seu público a qualquer hora e em qualquer lugar, deixando para sua espectadora a escolha do conteúdo, do horário, do local e da maneira como assistir: pulando episódios ou reassistindo-os, dormindo na metade ou concluindo a temporada inteira em uma só noite... Ao invés de definir a programação em relação ao horário de veiculação (como a televisão tradicional), as séries *streaming* (bem como o conteúdo infinito de vídeos *online*) dão ao público a sensação de que pode, ele mesmo, gerir seu hábito como espectador.

Ainda nessa direção, uma série específica não tem a pretensão de provocar empatia com todo tipo de gente (mesmo os grandes sucessos) mas sim, de atingir um público específico (que pode ser numeroso). Séries de ação, de relacionamentos amorosos, de política, de mundos distópicos fazem, cada qual, um recorte de público, e suas existências dependem da fidelidade de quem as assiste. E aqui, é necessário distinguir a diferença determinante entre a ideia de "familiaridade" da televisão tradicional e a de "fidelidade" das séries *streaming*.

Entre as várias definições da palavra "*heimliche*" apresentadas no famoso texto de Sigmund Freud, *Das Unheimliche* (O Inquietante, na tradução brasileira⁴⁵), grande parte delas traduz o tipo de relação que a televisão provoca com sua espectadora: "familiar", "doméstico" (como antagônico de "selvagem"), "tranquilidade", "satisfação", "bem-estar", "proteção". Para tanto, produz-se uma programação fundamentada nessas características, não só pela escolha dos temas (que, quando ousados, raramente ultrapassam a camada superficial da questão e acabam abordando assuntos de forma equivocada, como exemplificado no capítulo "As questões de gênero nos *media*", sobre a novela *A Dona do Pedaço* mas, principalmente na banalização da linguagem. Enquanto modelo de negócio, mais importante para a televisão tradicional é a "quantidade" (de público) do que a "qualidade" (dos programas).

No geral, as séries *streamings* se libertaram da necessidade de transmitir "comodidade" ao público, e passaram a se preocupar fundamentalmente com a "fidelidade" (público e série viverão juntos para sempre, na alegria e na tristeza). Nesse sentido, torna-se fundamental para a existência da série, o conhecimento do público-alvo (o público "ideal") que, de partida é mais independente do que o da televisão: escolhe seu casamento e não é sujeito à imposição de uma programação enrijecida. Apostando em suas espectadoras (em suas capacidades sensitivas e intelectuais), as séries *streaming* estão mais ousadas tanto no que concerne à forma, quanto ao conteúdo.

No caso das séries antológicas, que unem a ideia de comunicar-se com uma espectadora mais autônoma (que pode assistir o que, como, quando e onde lhe apetece) à dispensável criação de uma familiaridade com seu público, propõem-se a instalação de um novo universo diegético a cada episódio. Aqui, não se trata da lógica de manter um relacionamento duradouro entre personagens e espectadoras mas de criar afinidade entre essas últimas e a proposição geral da série e a maneira como ela se realiza através de imagem e som.

Compostas por episódios independentes entre si, as séries antológicas constroem, a cada capítulo, personagens que "nascem", percorrem uma determinada jornada, e "morrem"

⁴⁵ Freud, Sigmund. "O Inquietante" em *Sigmund Freud - Obras Completas Volume 14 (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras. 2010.

com o fim da história. Ou seja, tem como pressuposto a noção de que o encontro entre ficção e público terá a duração dos poucos minutos correspondentes à extensão do episódio. Com o encerramento de um universo, inicia-se a apresentação de todo um universo novo. Dessa forma, a fidelidade depende de espectadoras que estejam dispostas a conhecer novas protagonistas, se envolver com elas e deixá-las para trás, em um espaço de tempo curto.

A questão que inicia este capítulo retorna, mas agora redesenhada: esse público já existe ou é criado pelas produções? Os programadores oferecem aquilo que as espectadoras querem ver ou provocam nelas o desejo de assistir o que ainda desconhecem? E ainda, subestima-se a capacidade sensitiva do público, exibindo um conteúdo e formato já conhecidos (e garantindo, assim, a audiência); ou desafia-o a entrar em contato com novas linguagens, acreditando nas suas capacidades (e arriscando-se à rejeição)?

O professor e pesquisador Luís Gouveia Monteiro, trabalhando acerca dessas e outras perguntas relativas aos *media* e suas espectadoras, acredita que, a partir dessa nossa configuração de espectadoras (e de seus interesses por um conteúdo de curta duração, que não se limita ao entretenimento) a televisão atual pode arriscar e presumir a inteligência de seu público, criando produtos para espectadoras que ainda não existem. Assim, pode vir a criar novas espectadoras. Mais do que isso, em seu texto dedicado ao Winter Doctoral Seminar da Universidade Nova de Lisboa, intitulado *A hipótese da inteligência do espectador: as audiências como oráculo avariado*, Monteiro aposta em "usar as imagens para resgatar um pensamento pré-linguístico evolutivamente mais antigo e mais sábio do que as palavras, mais próximo da intuição e da inteligência dos sentidos." (MONTEIRO, 2019)⁴⁶

Elucubrando sobre as próximas etapas de desenvolvimento de *Femininx*, a ideia levantada por Monteiro de se afastar cada vez mais da palavra (ainda muito presente nos diálogos da série) e de utilizar a imagem como potencial de sensibilização, parece-me mostrar um caminho bastante interessante para o futuro desse projeto. Acreditando na inteligência cognitiva, intuitiva e emocional das pessoas, a série pode abordar, através de uma linguagem ousada, questões que (ainda) não fazem parte de seus pensamentos cotidianos – e, assim, criar novas espectadoras.

⁴⁶ MONTEIRO, Luís Gouveia. *A hipótese da inteligência do espectador: as audiências como oráculo avariado*. Winter Doctoral Seminar, 2019.

CAPÍTULO IX

A CONSTRUÇÃO DA BÍBLIA DE *FEMININX*

A apresentação de um projeto de série possui um formato específico chamado bíblia (na indústria americana, *show bible* ou *series bible*), que é um dos documentos feitos para vender a obra a produtores e investidores. Sendo ela o "rosto" e o "passaporte" do projeto, a bíblia não possui um formato único e universal e é composta por linguagens visual e escrita relacionadas à proposta estética e às demandas de cada série. Unido a isso, seu caráter mercadológico direciona a escolha das imagens, o linguajar e o tamanho dos textos que, preferivelmente, devem ser curtos.

Uma vez que o projeto é vendido, inicia-se o processo de desenvolvimento que passa pelo desdobramento dos argumentos em roteiros, negociação do orçamento, planejamento efetivo de equipe e elenco, cronograma de pré-produção, produção, pós-produção, veiculação etc. Então, uma bíblia desenvolvida e consistente facilita o extenso planejamento que vem a seguir.

Apresento aqui a estrutura de *Femininx* e seus principais pontos constituintes:

I. Apresentação

I.i. Contexto: breve texto que apresenta ao leitor o contexto político do qual surgiu a série e sua questão-chave. É uma espécie de justificativa do porquê a série deve ser produzida.

I.ii. A Série: breve descrição do que constitui a série a partir das premissas: o quê, para quê, como, quem e quando:

O que - obra seriada de ficção que explora a múltiplas expressões do que é ser mulher [...] Personagens [...] que experimentam algum tipo de situação traumática em seu cotidiano e, a partir daí, passam a questionar e a desafiar rótulos e binarismos - muitas vezes transformando seus microcosmos - em busca da liberdade de ser quem se é. [...] Grandes conflitos rodeados por sutilezas, small talks e pitadas de humor que aprofundam e dão cor às discussões presentes em cada um dos episódios.

Para quê - [expandir] as fronteiras dos relatos compartilhados nas redes sociais e toca um público amplo, provocando um surpreendente encontro entre espectador e personagens

e trazendo à luz esses conflitos humanos de uma maneira inédita no panorama audiovisual brasileiro.

Como - De forma provocativa e corajosa [...], de maneira frontal, honesta e sensível [...] Sem pudores [...] através de um olhar realista e intimista [...]

Quem - [...] personagens (complexas e envolventes) que são considerados tabus mas que fazem parte das vidas de qualquer um de nós – direta ou indiretamente" [...] protagonistas travestis, transsexuais e crossdressers; homo, hetero e bissexuais; negras e brancas; jovens e idosas; ricas e pobres.

Quando - [...] nos dias de hoje.

II. Sinopses: pequeno parágrafo que resume o enredo do episódio e seu potencial, através da apresentação da personagem e do ela busca naquele espaço/tempo. Mantém-se ainda um mistério do encaminhamento final da história, de forma a instigar o leitor a saber ainda mais.

Exemplo, episódio *Lins: Depois do sucesso como protagonista de um filme, Lins, travesti e prostituta, vislumbra a chance de mudar de vida e dedicar-se à carreira de atriz. Ela deixa seus clientes para trás, planeja mudar de casa e passa a frequentar testes de elenco e filmagens. Sempre performando o mesmo papel – de travesti marginalizada –, Lins percebe que o universo do cinema pode ser tão agressivo e preconceituoso como a vida real.*

III. Estrutura, Linguagens e Referências: breve texto que expõe o formato da série, suas referências, linguagem estética e estratégia de produção, de forma a orientar a leitura dos Argumentos que vem a seguir.

IV. Argumentos: de formato similar a um conto, são o desenvolvimento mais longo e envolvente das sinopses. Neles conta-se o princípio, o meio e o fim da história e pode incluir também trechos de diálogos.

Nos Argumentos de *Femininx*, optamos pelo uso do português brasileiro coloquial, contemporâneo e carregado de gírias, com o objetivo de aproximar a escrita da realidade das personagens. A forma como falam contam ainda mais a maneira como veem o mundo, suas origens, seus trejeitos pessoais, além de fazerem com que o texto seja mais vivo e visual.

Sobre a identidade visual: após a escrita dos textos, entramos no processo de elaboração e desenvolvimento da composição visual da bíblia, concebido pela designer gráfica Bia Falleiros. O ponto de partida para a criação da imagem de capa foi a ideia de fluidez como maneira de representar como entendemos a feminilidade. A imagem do líquido revolto traz a agitação do tema, que não se trata de "águas calmas". Optamos então, por cores fortes porém terrosas e dessaturadas. Com algumas modificações, essa imagem-base foi aplicada nas páginas seguintes, estipulando as aberturas de cada capítulo.

Também nos Argumentos, por determinarem o modo como imaginamos cada uma das personagens, a seleção das fotografias que ilustram cada episódio rendeu uma pesquisa não menos minuciosa. Fomos cuidadosas em trazer heterogeneidade nos tons de pele e nas etnias, e em evitar a predominância de padrões de beleza atuais, como por exemplo, a magreza. Essas escolhas contribuem para a posterior eleição das atrizes e colocam em questão os modelos estéticos da mulher como fatores determinantes do que se entende por "feminino".

CAPÍTULO X

O PROCESSO CRIATIVO DE *FEMININX*:

A ESCOLHA DOS TEMAS, A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS E DAS TRAMAS

Durante quase dois anos, eu e Certain mantivemos o curso de alimentar uma listagem de situações relacionadas à pesquisa, através da troca de reportagens com pautas referentes à feminilidade, machismo, patriarcalismo etc. As histórias reais que traziam esses textos (relacionadas a indivíduos ou mesmo a índices sociais), juntamente às situações que nós duas reconhecemos ter passado ao longo da vida e ainda com publicações via redes sociais (de indivíduos, entidades, coletivos, associações etc.) deram início ao processo de feitura dos Argumentos da série. A partir daquele momento, ativamos nossas antenas e direcionamos os sentidos para encontrar alimentos que dessem substância para a fermentação e fecundação do projeto.

Com uma vasta gama de temas, começamos a ficcionalizar as histórias que mais nos interessavam, guiadas pela originalidade das situações, variedade de universos e de pontos de vista. Desses últimos dois aspectos, surgiram episódios como *Andréia* e *Filipe* que, apesar de basearem-se em dinâmicas familiares, apresentam contextos completamente diversos – diante de uma tão marcantes diferença social e econômica do Brasil.

O primeiro acontece dentro de uma estrutura familiar rica, tradicional e provedora de patrimônio familiar. Nesse ambiente repleto produtos de grandes marcas e sustentado pelas aparências, a jovem Andréia registra os "discretos" assédios cometidos por seu "vôdrasto", Abílio, contra as mulheres da família. Como prática bastante comum, as empregadas domésticas também são submetidas ao abuso sexual e de poder – nesse último caso, pelos homens e mulheres da família. Intrincadas à essa estrutura, a avó e a mãe não apoiam Andreia, mesmo reconhecendo a perversidade das ações de Abílio.

Já a história de Filipe se desenrola em um bairro periférico da cidade de São Paulo, dentro de uma família financeiramente bastante pobre. As dinâmicas ali giram em torno de um tradicionalismo que tange o da narrativa de Andréia mas que se manifestam de outra forma. Vinculados aos serviços, seu pai, Macedo, exerce um trabalho manual bruto (mas ao mesmo tempo delicado, complexificando as características do personagem) e sua mãe,

Gislane, trabalha com os deveres da casa. Aos 13 anos, Filipe frequenta uma escola pública brasileira precária que ensina sexualidade de forma conservadora, e, diante desse contexto opressor, tenta se entender como pessoa transgênero. Pego com o rosto maquiado, Filipe é flagelado por Gislane até que Macedo a intercepta, protegendo o filho.

Uso esses dois exemplos também à favor da nossa busca por diferentes pontos de vista para não estigmatizar os homens como sendo sempre agressores, machistas, opressores; e as mulheres como vítimas, feministas, oprimidas. Como se vê em *Andréia*, as mulheres que rodeiam a garota acreditam e mantêm o sistema patriarcal que há tantos anos impera e sustenta os pilares da família. Já em *Filipe*, é o pai quem aceita o filho trans e não a mãe, que usa da força para reprimi-lo.

Como elemento central dos episódios, as protagonistas foram desenvolvidas e complexificadas a partir da escolha da trama principal. São essas personagens que provocam as movimentações das histórias e é através delas que os episódios são sustentados, então quanto mais profundamente construídas forem, mais possibilidades a narrativa passa a ter. Para isso, elaboramos as características físicas e psicológicas de cada protagonista, bem como seu passado e os principais acontecimentos de sua vida – mesmo que depois não estejam presentes concretamente no episódio. Conhecendo melhor as personagens, os caminhos para as jornadas narrativas se apresentam com mais solidez e são percorridos pelas personagens com mais verossimilhança.

Assim, tanto as descrições das personagens, quanto a maneira como cada uma age diante das situações demandaram pesquisas específicas de assuntos que não são próximos de mim e de Certain, como no episódio *Cris e Jorge*. Cris é um homem transgênero (nasceu com vagina mas se entende como homem) que faz a transição através da hormonioterapia, e Jorge é portador de HIV, com carga indetectável. Entender como os hormônios aplicados agem, quais são os hospitais que fazem esse tratamento, quais são as preocupações mais frequentes, como as pacientes normalmente são tratados nesses ambientes, que tipo de acompanhamento psicológico existe, quais são as possíveis consequências, são algumas das perguntas que nos ajudaram a mergulhar na vida de Cris. Bem como pesquisar sobre como o vírus do HIV se manifesta (ou não), que tipo de tratamento se faz, quais são as crises que acompanham essas pessoas, como a sociedade as recebe ou as nega etc. trouxeram não só

riqueza para o comportamento de Jorge, como me fez aproximar e sensibilizar ainda mais de algumas causas que me eram desconhecidas.

Dessa grande pesquisa foi possível criar episódios multi-temáticos, ou seja, que contemplam sub-temas desdobrados a partir dos temas principais. *Lins*, por exemplo, é um episódio sobre representatividade de pessoas transgênero no universo audiovisual. A partir desse grande tema, surgem outros como: o abuso e a discriminação sexual recorrentes no ambiente de filmagem, o fascínio pela "glamourização" desse universo, a falta de pessoas transgênero nas equipes de filmagem e criação audiovisual, a decadência financeira de pessoas trans, a prostituição nacional e internacional, os procedimentos cirúrgicos precários para aplicação de próteses, entre outros.

Finalmente, com as tramas e as protagonistas criadas, passamos a desenvolver as personagens secundárias que, além de servirem como apoio das protagonistas, ajudam a dar contorno ao tom de cada episódio, mesmo tendo menos aparição na história. O desafio aqui foi, então, estabelecer com rapidez quem são essas personagens sem cair em estereótipos e superficialidades. Um exemplo disso é Lucas, do episódio *Marta e Juliana*. O marido faz de tudo para que Juliana esteja feliz e segura com a gravidez. Prepara uma grande festa para o "chá de bebê", sonha com o futuro de princesa da filha, sente-se orgulho de poder trabalhar (e sustentar a família financeiramente) para que Juliana se dedique totalmente à maternidade. Mas tamanho suporte carrega também a enorme expectativa e uma tentativa de controle da situação, deixando Juliana muitas vezes sem liberdade para escolher, questionar e, inclusive duvidar se quer mesmo ter a criança.

Bem como Lucas, a avó Maria Auxiliadora, do episódio *Lena*; o marido João e as jovens Raquel e Lívia, do episódio *Ana*, exercem papéis fundamentais como personagens secundárias, uma vez que são elas os motivos da perturbação das protagonistas. De forma construtiva ou não, essas personagens mobilizam as protagonistas a fazerem movimentações internas a fim de elaborarem e colocarem em prática ações para saírem de dinâmicas agressivas.

Com toda sua contradição sobre a ideia de família "natural", Maria Auxiliadora foi construída como elemento disparador daquilo que Lena precisava fazer para conseguir reconhecimento sobre sua ideia de agrupamento familiar. Já João insiste em dinâmicas de

vida que afastam suas filhas e esposa, provocando profundo desconforto em Ana. A protagonista, por sua vez, só se desloca internamente (resultando no beijo com Thaís) porque foi ativada anteriormente pelas atitudes das filhas Raquel e Lívia.

Mesmo durante a criação de situações muito específicas (como por exemplo a consulta médica que Cris faz no centro de atendimento especializado em doenças sexualmente transmissíveis), muitos dos elementos usados nas cenas procederam de situações pessoais. Não foi necessário viver uma consulta acerca da AIDS, para recorrer a detalhes próprios da minha vida. "Você é a melhor fonte de material que possui. Exercite-se. Se você criou o problema, pode resolvê-lo. Acontece do mesmo jeito na nossa vida diária" (2001, p. 39). Ainda nesse sequência do episódio de *Cris e Jorge*, resgatei a sensação de inferioridade que senti no atendimento à emissão do visto de permanência como imigrante em Portugal e também ressuscitei consultas médicas em que suspeitei dos médicos, que me fizeram perguntas íntimas e incoerentes ao problema em questão.

CONCLUSÃO

Necessariamente, as narrativas daquelas que foram forçadas ao lugar do *Outro*, serão narrativas que visam trazer conflitos necessários para a mudança. O não ouvir é a tendência a permanecer num lugar cômodo e confortável daquele que se intitula poder falar sobre os *Outros*, enquanto esses *Outros* permanecem silenciados.

Djamila Ribeiro, *O que é: Lugar de Fala?*, 2017

Na tentativa de dar continuidade à pesquisa sobre questões de gênero, investigada há tantos anos por pesquisadoras, filósofas e artistas, acredito que *Femininx* seja um projeto de relevância social e cultural que provoque o entendimento de como podemos nos relacionar com as nossas e as outras identidades e sexualidades. Através de uma linguagem audiovisual que visa grande alcance, a série tem o potencial de atingir diferentes classes sociais e econômicas para a reflexão e efetiva mudança dos significados socialmente estancados "da mulher" e "do homem".

Com a realização e exibição da série, incentiva-se que as "feminilidades" ganhem, cada vez mais, a liberdade de serem híbridas e mutáveis, e que possam existir em concomitância a diferentes entendimentos individuais. Busca-se, assim, desvincular a ideia que limita a "feminilidade" à "mulher" ou a "masculinidade" ao "homem", e afirmar que tais características existem mutuamente, em todas as pessoas. Ademais, que a feminilidade não deve ser associada à ideia de fraqueza, inferioridade, ou de subordinação.

Entendo a série como uma ação-estímulo para que a mulher e outras minorias de gênero possam ocupar todos os lugares, independente do que o decurso histórico lhes foi destinado. E que o homem cis possa, da mesma forma, (re)conhecer a ideia hegemônica de "masculinidade" (baseada na força, na violência e na ausência da fragilidade) para então, permitir-se à emancipação dela.

Acreditando também na potência do produto audiovisual, *Femininx* tem a responsabilidade de continuar fazendo com que os livros e a pesquisa acadêmica não voltem

a ser as únicas fontes de conhecimento das questões de gênero, como levantou bell hooks, em 1989, no artigo *Feminismo: Uma Política Transformacional*⁴⁷. Que tal reflexão não esteja presente apenas em ambientes de debate intelectual feminista, mas que seja entretenimento e cultura, acessível também para grupos subalternizados, inclusive a população analfabeta e não escolarizada.

Tanto no que se refere às personagens da série, quanto à equipe de criação, *Femininx* incentiva que as minorias de gênero passem a ser protagonistas das histórias (e da História); que suas presenças ganhem maior relevância na diegese e fora dela; que tenham espaço político, social e econômico equivalente ao dos homens cisgênero, seja na ficção ou na realidade. E que, então, não exista uma disputa entre gêneros. Finalmente, que num futuro não tão distante, essas sejam questões obsoletas.

⁴⁷ Na altura, a autora propunha a integração da análise crítica feminista com a discussão da experiência pessoal, partilhadas em outros ambientes para além dos livros e das conferências: "A separação existente entre a forma popular e informal de partilha do pensamento feminista, 'à mesa', e a esfera onde grande parte desse pensamento é gerado, a academia, enfraquece o movimento feminista. [...] Seria útil promover novamente um cenário de pequenos grupos, como uma arena da educação para a consciência crítica, para que mulheres e homens pudessem se reunir em bairros e comunidades para discutir preocupações feministas." HOOKS, Bell. *Feminismo: Uma Política Transformacional*, traduzido para português e publicado em *Género e Performance — Textos essenciais Vol. I*", pela Grácio Editor, em Portugal. p. 174.

BIBLIOGRAFIA

Abreu, Zina, *Luta das mulheres pelo direito de voto: movimentos sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos*. Universidade da Madeira, 2002. Acedido a 10 de julho de 2019, em: <https://core.ac.uk/download/pdf/61433997.pdf>

Aristóteles. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1993.

Beauvoir, Simone de. *Le Deuxième Sexe*. Paris: Gallimard, 1949.

Butler, Judith. *Gender Trouble: Feminism And the Subversion of Identity*. London & New York: Routledge, 1990.

Davis, Angela. *Women, Race & Class*. Nova York: Random House, 1981; Vintage, 1983.

Despentes, Virginie. *Teoria King Kong*, São Paulo: N-1 Edições, 2016.

Field, Syd. *Manual de Roteiro - Os fundamentos do texto cinematográfico*. Tradução Álvaro Ramos, Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

Franchini, B. S. *O que são as ondas do feminismo?* in: Revista QG Feminista, 2017. Acedido a 21 de junho de 2019, em: <https://medium.com/qg-feminista/o-que-sao-as-ondas-do-feminismo>

Freud, Sigmund. "O Inquietante" em *Sigmund Freud - Obras Completas Volume 14 (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Haraway, Donna J. "A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century" In: *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature*, New York, Routledge, 1991.

hooks, bell. *Feminismo: Uma Política Transformacional*, traduzido para português e publicado em *Género e Performance — Textos essenciais Vol. I*", Coimbra: Grácio Editor, 2018.

hooks, bell. *Não serei eu mulher? As mulheres negras e o feminismo*. Lisboa: Orfeu Negro, 2018

Monteiro, Luís Gouveia. *A hipótese da inteligência do espectador: as audiências como oráculo avariado*. Winter Doctoral Seminar, 2019.

Mulvey, Laura. "Prazer Visual e Cinema Narrativo" em *A Experiência do Cinema: antologia* / Ismail Xavier organizador. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrasil, 1983.

Ribeiro, Djamila. *O que é: Lugar de Fala?. Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.*

Rich, Adrienne. "Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence" in *Blood, Bread, and Poetry: Selected Prose 1979-1985*. W.W. Norton & Company, 1986.

Rocha, Fernanda de Brito Mota. *A quarta onda do movimento feminista: o fenômeno do ativismo digital*. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2017.

Saraiva, Leandro e Cannito, Newton. *Manual de Roteiro - ou Manuel, o primo pobre dos manuais de cinema e TV*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

Morgan, Robin (organizadora), *Sisterhood is Powerful: An Anthology of Writings from the Women's Liberation Movement*. United States: Random House. 1970.

ANEXO - A BÍBLIA DE FEMININX

The background features a complex marbled paper pattern with swirling textures in shades of pink, red, brown, and black. A large, vibrant green triangle is superimposed on the left side, pointing towards the top right. The word 'FEMINIX' is printed in a bold, white, sans-serif font across the center of the green triangle.

FEMINIX

OBRA SERIADA DE FICÇÃO
2019

POR MARINA CERTAIN
E OLÍVIA PEDROSO

UMA SÉRIE QUE EXPLORA
AS MÚLTIPLAS EXPRESSÕES
DE FEMINILIDADE DO NOSSO
TEMPO: TODXS EM BUSCA DA
LIBERDADE DE SER QUEM SE É



APRESENTAÇÃO

CONTEXTO

É notória a jornada que as mulheres têm feito para consolidar sua voz e seus espaços - objetivos e subjetivos - no mundo. Recentemente, as redes sociais têm impulsionado a articulação de inúmeros movimentos identitários, mobilizando milhões de pessoas com diferentes bandeiras contra os vários tipos de sexismo, sempre reivindicando por visibilidade, segurança, equidade e liberdade. Esse momento histórico traz novas prioridades, novos métodos e novas protagonistas: A redefinição do que é ser mulher está em curso. E, portanto, do que é ser homem também.

A SÉRIE

FEMININX é uma obra seriada de ficção que explora as múltiplas expressões do que é ser mulher nos dias de hoje. De forma provocativa e corajosa, FEMININX apresenta de maneira frontal, honesta e sensível histórias e personagens que são considerados tabus, mas que fazem parte da vida de qualquer um de nós - direta ou indiretamente.

Sem pudores, a série coloca em cena protagonistas travestis, transsexuais e crossdressers; homo, hetero e bissexuais; negras e brancas; jovens e idosas; ricas e pobres. Personagens complexas e envolventes que experimentam algum tipo de situação traumática em seu cotidiano e, a partir daí, passam a questionar e a desafiar rótulos e binarismos - muitas vezes transformando seus microcosmos - em busca da liberdade de ser quem se é. Grandes conflitos rodeados por sutilezas, *small talks* e pitadas de humor que aprofundam e dão cor às discussões presentes em cada um dos episódios.

Com enredos inspirados em histórias verídicas e através de um olhar realista e intimista, FEMININX expande as fronteiras dos relatos compartilhados nas redes sociais e toca um público amplo, provocando um surpreendente encontro entre espectador e personagens e trazendo à luz esses conflitos humanos de uma maneira inédita no panorama audiovisual brasileiro.

SINOPSES

FEMININX conta com a sinopse - e argumento - de 10 episódios a serem dispostos em 01 ou 02 temporadas.



EPISÓDIO - MARCELA

Em uma viagem ao Rio de Janeiro, Marcela, Pamela e Andressa comemoram a despedida de solteira da primeira noiva da turma, Anita. No roteiro: praia, festas, drogas e homens. O que não estava planejado é que Marcela seria brutalmente violentada e, menos ainda, que ela reencontraria o agressor justamente no casamento da amiga.



EPISÓDIO - FILIPE

Entrada na adolescência; início das aulas de orientação sexual na escola pública; uma família religiosa e conservadora. É nesse contexto que Filipe, um garoto fascinado por tutoriais de maquiagem do YouTube, luta para se entender como sujeito transgênero em um bairro periférico.



EPISÓDIO - MANU

Aos 30, Manu percebe que nunca se permitiu explorar a fundo a própria sexualidade. Já sua mãe, Débora, que sempre preferiu ter casos a relacionamentos longos, decide se casar aos 60 anos com um homem que acaba de conhecer no aplicativo de relacionamentos. Por sua vez, a avó Adelita, que viveu num tempo em que muitas mulheres só descobriam o sexo na noite de núpcias, tenta entender o mundo a sua volta ao mesmo tempo em que revê sua própria história. Três gerações de mulheres que confrontam a sexualidade de maneira diferente. Três mulheres que confrontam a sexualidade independente de suas gerações.



EPISÓDIO - ANDRÉIA

Em meio à sofisticada celebração do aniversário de 80 anos da vó Cecília no casarão da família quatrocentona Nogueira Marinho, Andréia observa o vôdrasto Abílio e seus discretos assédios contra as mulheres à sua volta. Registrando tudo com o celular, a garota aproveita a hora do parabéns para "destapar a panela de pressão".

EPISÓDIO - PIPO

Um grupo de homens sessentões se reúne para o último encontro de *crossdressing*. Durante o jantar regado a vinho, os cinco amigos divertem-se ao relembrar histórias dos anos em que experimentaram libertar-se de amarras e transitar entre os gêneros. Porém, o que era para ser uma noite nostálgica e alegre, acaba tornando-se um verdadeiro pesadelo na violenta cidade de São Paulo.

EPISÓDIO - CRIS E JORGE

Depois de um final de semana romântico, Jorge revela à Cris que é soropositivo. Apavorado, Cris se desespera não só pela possibilidade de contrair o vírus, mas também pelo risco de prejudicar o tratamento de hormonioterapia que faz por ser homem trans. Diante dessa situação, os dois se confrontam com os estigmas e preconceitos que cada um sofre, mas também reproduzem.

EPISÓDIO - JULIANA E MARTA

Mãe "solo" de uma criança de um ano e ginecologista de uma clínica obstétrica de elite, Marta tenta dar conta da maternidade, do trabalho e dos *dates* sem julgar seus desejos diante das necessidades. Já Juliana, secretária de Marta e grávida de oito meses, entra em crise ao se dar conta que as pessoas ao seu redor projetam maiores expectativas em sua maternidade do que ela mesma.

EPISÓDIO - LENA

Recebendo os avós que moram longe, Lena aproveita para apresentar a namorada, Valentina. No jantar, em meio a situações embaraçosas e um tanto cômicas, as duas expõem o desejo de terem filhos. Espantada, a avó questiona o porquê de um casal lésbico querer constituir uma "família normal". A discussão que se instaura traz à tona o passado cheio de contradições da família.

EPISÓDIO - LINS

Depois do sucesso como protagonista de um filme, Lins, travesti e prostituta, vislumbra a chance de mudar de vida e dedicar-se à carreira de atriz. Ela deixa seus clientes para trás, planeja mudar de casa e passa a frequentar testes e filmagens. Sempre performando o mesmo papel – de travesti marginalizada –, Lins percebe que o universo do cinema pode ser tão agressivo e preconceituoso como a vida real.

EPISÓDIO - ANA

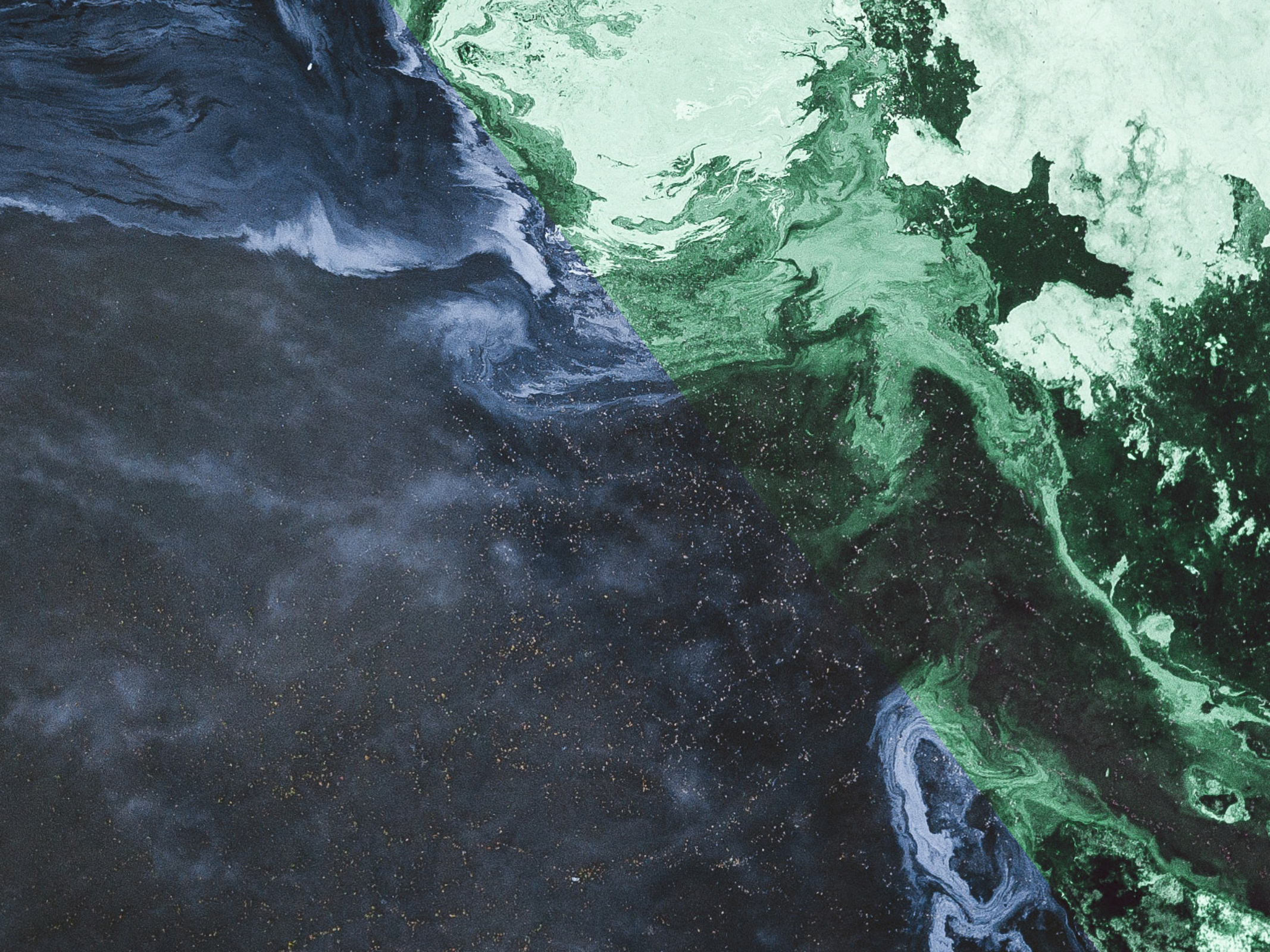
Agora que as filhas saíram de casa, Ana se vê sozinha em um casamento que não parece mais fazer sentido. É no jantar de dia dos pais, depois que o marido é confrontado pelas filhas por seu comportamento antiquado e machista, que Ana percebe a urgência de mudança. Abrindo-se para o imprevisível, Ana surpreende-se com as possibilidades que surgem à sua frente.

ESTRUTURA, LINGUAGEM E REFERÊNCIAS

Diante desse mosaico de narrativas acerca da feminilidade, FEMININX aposta em histórias que iniciam-se e encerram-se a cada episódio, um formato de grande êxito nos Estados Unidos – a exemplo das séries *Easy* (Netflix, 2016) e *Black Mirror* (Channel 4, 2011/ Netflix, 2015).

A antologia apresenta episódios de 40 minutos de duração que flertam com diferentes estilos cinematográficos e que contam com uma linguagem contemporânea e realista. Para além de criar atmosferas que convidam o espectador a mergulhar em águas de cores, temperaturas e profundidades distintas, essa pluralidade estética tem como função potencializar cada um dos enredos presentes.

Tão importante quanto as particularidades de linguagem, é a estratégia de produção. Nesse sentido, a ideia de “falar com” e não “falar por” deve servir como norte. Dar espaço para que mulheres diretoras manifestem seu talento e imprimam seu olhar sobre os temas abordados pela série e compor uma equipe de desenvolvimento criativo de excelência condizente à diversidade trazida pelos episódios – com roteiristas, chefes de equipe e atrizes e atores que pertençam aos universos retratados e/ou que tenham estreita proximidade aos temas abordados – será uma ferramenta crítica para assegurar representatividade e legitimidade e garantir que FEMININX alcance a sua potência.





MANU



Aos 30, Manu percebe que nunca se permitiu explorar a fundo a própria sexualidade. Já sua mãe, Débora, que sempre preferiu ter casos a relacionamentos longos, decide se casar aos 60 anos com um homem que acaba de conhecer no aplicativo de relacionamentos. Por sua vez, a avó Adelita, que viveu num tempo em que muitas mulheres só descobriam o sexo na noite de núpcias, tenta entender o mundo a sua volta ao mesmo tempo em que revê sua própria história. Três gerações de mulheres que confrontam a sexualidade de maneira diferente. Três mulheres que confrontam a sexualidade independente de suas gerações.

ARGUMENTO

Barulho de chuveiro ligado.

No box de deficientes físicos de uma sauna de bairro, MANU (33) banha ADELITA (83). A avó segura no corrimão de segurança enquanto a neta esfrega cuidadosamente seu corpo velho e delicado. A pele firme, os seios siliconados e o braço coberto de tatuagens contrastam com as rugas, flacidez e veias azuladas da avó. Nuas, e apesar do silêncio, elas parecem se sentir bastante à vontade uma com a outra.

Créditos iniciais.

No banheiro de casa, com uma das pernas apoiada no bidê, Manu põe o coletor menstrual. Em seguida, passa descolorante no buço e nos pelos do “caminho da felicidade”. CHICO (32) entra no banheiro, deixando a namorada desconfortável: “Amor, um segundo, pô... tô usando o banheiro, não tá vendo?!”. Chico se desculpa e, pela fresta da porta, avisa que deve chegar tarde porque hoje começa a gravação de um disco no estúdio em que trabalha. Manu deseja boa sorte. Chico se despede: “Ah, só mais uma coisa: você fica ainda mais linda com esse bigodinho de creme, sabia?”. Manu dá um sorriso amarelo e, com um chutinho, fecha a porta na cara do namorado.

Concentrada, Manu trabalha em frente ao notebook. Na tela, um portfólio digital com colagens de referências de figurinos e paletas de cores. Por áudio de WhatsApp, Manu direciona seu assistente. Assim que envia o áudio, recebe uma mensagem de texto de sua mãe, DÉBORA (59), perguntando se ela pode fazer um *call*. Manu responde que está trabalhando e pergunta se pode ligar mais tarde. Recebendo uma vídeo-chamada de Débora, Manu atende, contrariada.

Animada, Débora comenta que faz tempo que elas não se falam e pergunta quais são as novidades. Manu diz que está

feliz, que pela primeira vez vai assinar o figurino de um filme de época, e a mãe logo a interrompe dizendo que também tem uma novidade: "Vou me casar!". Manu fica alguns segundos em silêncio. Débora pergunta se está tudo bem. Desconcertada, Manu pergunta se é com "aquele homem" que ela conheceu no Tinder. Débora logo a corrige: "Sim, o Jake! Mas foi pelo OkCupid, não pelo Tinder... Enfim, minha filha, eu sei que deve parecer precipitado, mas pra gente é tão certo!". Sem jeito, Manu a parabeniza.

Ainda ao telefone, Débora comenta que faz questão que Manu e Adelita estejam presentes no casamento e que acha que é um bom momento para um reencontro depois de tanto tempo. Manu diz que vai tentar, mas que não sabe se a avó deveria ir, já que ainda não está cem por cento recuperada. Débora: "Mas já faz quase seis meses que ela caiu!". Irritada, Manu: "Não sei se você se lembra, mas a vovó tem 83 anos". Débora ignora a alfinetada, e diz que tem certeza que Adelita estará bem até lá. Empolgada, a mãe desanda a contar sobre os preparativos da festa. Manu a interrompe dizendo que tem muito trabalho pela frente. Frustrada, Débora se despede.

De forma brusca, Manu abre um bolo de carne moída sobre mesa da cozinha de Adelita. A força é tamanha que a ponta do rolo de massa quebra. Observando a irritação da neta, Adelita diz que ela pode usar a escumadeira no lugar do rolo. Demonstrando familiaridade com a cozinha da avó, Manu vai até a gaveta pegar o utensílio.

Ao perceber que a avó começou a preparar o recheio, Manu pede que ela não ponha presunto dessa vez. Surpresa, Adelita comenta que Manu se parece com a mãe: "Como vocês mudam de ideia da noite pro dia!". De forma ríspida, Manu: "É bem diferente abandonar a família e se mudar pros Estados Unidos, ou deixar de colocar presunto no bolo de carne uma

vez na vida". As duas continuam cozinhando em silêncio. A avó coloca o recheio sobre a carne e, juntas, enrolam o bolo. Adelita: "Minha filha... Sua mãe tem esse jeito mesmo, e eu custei a entender. Mas quando a gente percebe que não é por mal, tudo fica mais fácil". Manu termina de selar o bolo de carne com gema de ovo e entrega a travessa para a avó, que põe o prato no forno. Adelita: "E outra coisa, eu nunca vou reclamar de ter cuidado de você, Manuca... Sua mãe ser assim fez com que eu te visse crescer bem de pertinho". Manu se desarma e olha para a avó com ternura.

Manu, Adelita, MARIA APARECIDA (78), YEDA (81) e VALQUÍRIA (79) estão esparramadas no calor da sauna. Valquíria calça os chinelos e lentamente se aproxima de um prato coberto por pedras quentes. Ela borrifa essência de eucalipto, que evapora, perfumando o ambiente. Valquíria: "Curioso isso de se casar com quase sessenta anos, não?". Manu comenta que a mãe sempre foi meio doida. Val diz que ele deve ser um bom partido: "Afinal, é americano". Manu debocha: "Um americano dos cafundós do Texas, né, Val?". Sem entender muito bem o comentário, Val pergunta quando que ela e o Chico vão se casar: "Gosto daquele menino, mas bem que ele podia cortar aquela cabeleira!". Yeda responde por Manu que a garota já está casada. Manu concorda: "Já faz quase três anos que a gente mora junto". Yeda comenta que logo mais ela engravida. Manu diz que ainda não se sente pronta para cuidar de uma criança. Adelita: "Ah, mas eu quero ser bisavó antes de morrer!". Aparecida, olhando para Manu: "É melhor você se apressar! Jajá não sobra mais ninguém aqui!". As senhoras caem na gargalhada.

Enquanto passa óleo de amêndoa nos cotovelos ressecados, Yeda comenta em tom melancólico: "Antes era tudo mais complicado, minha filha. A gente não escolhia quando ia se

casar, não... Algumas das nossas colegas lá da congregação nem conheciam os maridos antes de ir para igreja, uma coisa de doido!". Aparecida: "É verdade... Não se escolhia quando se casava, quando se fazia amor e nem quantos filhos ia ter". Valquíria: "Sempre me lembro da história da Lourdes, que durante a gravidez do primeiro filho quase não se alimentou porque achava que os bebês nasciam pelo umbigo e morria de aflição da barriga rasgar antes da hora! Vê se pode?! Isso que ela ainda era casada com um médico!". Manu fica indignada com a história e, com exceção de Adelita, as senhoras riem. Yeda, olhando para a Manu: "É, minha filha... naquela época a gente não sabia nada de nada".

Deitados na cama, Chico lê um livro enquanto Manu assiste uma série sobre o mundo animal. Narrador: "(...) *O corpo da aranha começa a se preparar para este evento com antecedência. O tecido em seu abdômen vai se quebrando e amaciando enquanto ela ainda guarda os ovos, facilitando assim a alimentação de seus futuros filhotes. Quando os filhotes finalmente eclodem, a mãe tem que furar o casulo de seda para libertá-los e é a partir desse momento que ela para de se alimentar. Pelas próximas duas semanas, ela alimenta suas dezenas de filhotes regurgitando um líquido formado pela mistura do que sobrou de suas últimas refeições e de algumas de suas próprias entranhas. Essas aranhas fazem o sacrifício final para obter o sucesso reprodutivo (...)*". Manu comenta para si mesma: " Isso que é amor, hein!".

Manu vira-se para Chico e começa a beijar o namorado, que logo deixa o livro de lado. Enquanto se acariciam, sussurram frases excitantes. Chico pega o controle da TV e coloca em um canal de filme pornô. Eles começam a transar. Chico comanda o sexo. As posições e a velocidade são bastante semelhantes as dos atores do filme. Os gemidos da atriz

preenchem o ambiente.

Na sala de casa, Adelita assiste televisão sozinha. De repente, ouve um ruído vindo da rua. Assustada, levanta-se do sofá com dificuldade e atravessa a sala escura em direção à janela aberta. Conforme se aproxima da janela, mais o som se faz presente. O movimento das plantas faz com que pareça que alguém está no jardim. De frente para a escuridão, Adelita puxa a veneziana de madeira com esforço e fecha a janela, isolando-se.

No metrô, Manu recebe uma notificação de email de Débora. Quando abre a mensagem, não há nada escrito, apenas duas passagens de avião anexadas: uma em nome de Manu, outra em nome de Adelita. Manu não responde.

Enquanto mexe a cera quente, JOSY (44) pergunta como Manu quer depilar a virilha. Manu responde que quer cavada: "Porque meu namorado gosta, né... Por mim eu não faria nada, é uma dor infinita". Josy: "Eu gosto mesmo é de tirar tudinho! Desliza mais gostoso na hora do rala e rola!". Constrangida com o comentário da depiladora, Manu pega o celular e começa a ver vestidos de noiva no Instagram. Manu sorri. Depois de alguns segundos: "Você poderia fazer completa, por favor?".

No caminho para o vestiário, Manu e Adelita comentam sobre o casamento. Manu: "Tomara que essa história dê certo... Várias amigas minhas que começaram namoro assim, por aplicativo, quebraram a cara". Adelita diz que, apesar de não entender nada dessas tecnologias, fica feliz que Débora esteja conseguindo se reinventar: "Quanto mais a gente envelhece, mais difícil é mudar as coisas". Assim que entram no vestiário, Manu e Adelita veem uma MULHER (62) passando uma quantidade generosa de creme hidratante no corpo. Ela

massageia com vontade a bunda, as coxas, a virilha, a barriga e os peitos. Tentando manter a discrição, Manu e Adelita a observam.

No box, enquanto se banham, Manu pergunta, com certo receio, se a avó já sentiu prazer no sexo. Adelita ri, melancólica. A água corre por suas costas. Adelita: "Manuca, vou te contar uma coisa... eu nem sei o que tem aí embaixo, nunca olhei...". Enquanto Adelita enxágua o rosto, Manu a observa. Adelita: "Eu fui jovem em outro tempo... Acho que nossa liberdade naquela época consistia em saber mentir, inclusive para nós mesmas...". Com os olhos cheios d'água, Manu se aproxima da avó e a abraça.

Em casa, Manu pega a bola de pilates e posiciona em frente ao espelho de corpo inteiro que tem no quarto. Sem roupa, ela se senta na bola e, com curiosidade, mexe na vulva enquanto observa seu reflexo.

Manu e Chico estão deitados na cama. Sem conseguir dormir, Manu acende o abajur. Chico pergunta se está tudo bem. Ela se aproxima e começa a beijá-lo. Chico automaticamente pega o controle da TV. Manu tira o controle da mão do namorado e sobe em cima dele. Os dois começam a transar. Dessa vez, Manu dita o ritmo do sexo, explorando o prazer não só através dos genitais, mas de cada parte do corpo: colo, coxas, pernas e pés. Apesar de surpreso, Chico gosta da iniciativa. Manu sente prazer.

Sentada na mesa da cozinha, Adelita prepara seu café da manhã. Com uma colher, raspa as sementes do mamão papaia. Levanta, vai até o lixo com ajuda de uma bengala e joga as sementes fora. Pega o pote de mel no armário, caminha de volta até a mesa e despeja um tanto do mel no miolo da fruta. Trêmula, derrama um bocado da calda em

sua mão. Adelita lambe o dedo melado. Ignorando o talher, ela enfia com gosto o indicador no miolo da fruta e lambe o dedo coberto de mel. Repete o gesto algumas vezes, sentindo prazer.

FIM

A woman with long dark hair, seen from behind, stands in the ocean. She is wearing a one-piece swimsuit with a vibrant, tropical floral pattern in shades of purple, blue, and green. The ocean is a deep blue with white-capped waves. The sky is a soft, hazy mix of blue and pink, suggesting a sunset or sunrise. The image is overlaid with several semi-transparent, geometric shapes in shades of blue and grey, creating a modern, layered aesthetic. The word 'MARCELA' is written in a clean, white, sans-serif font on the left side of the image.

MARCELA

Em uma viagem ao Rio de Janeiro, Marcela, Pamela e Andressa comemoram a despedida de solteira da primeira noiva da turma, Anita. No roteiro: praia, festas, drogas e homens. O que não estava planejado é que Marcela seria brutalmente violentada e, menos ainda, que ela reencontraria o agressor justamente no casamento da amiga.

ARGUMENTO

ANDRESSA (24) transa com o HOMEM 01 (43) na piscina de uma escola de natação. Não há ninguém ao redor e as luzes estão parcialmente apagadas. O sexo é fluido, os dois tem sintonia e sentem prazer. De repente, ele coloca o dedo no ânus dela sem o menor cuidado. Mesmo sentindo dor, Andressa não diz nada.

MARCELA (23) transa com GUILHERME (26) dentro de um carro. Incomodada com o distanciamento dele, Marcela faz um carinho em sua nuca e, olhando nos seus olhos, diz: "Eu tô aqui também, Gui". O garoto se surpreende e reconhece: "Desculpa, Ma, tô meio preocupado com uns lances de trabalho". Compreensiva, ela enche Guilherme de beijos e eles voltam a transar.

PAMELA (25) transa com o GAROTO 03 (19) no banheiro de uma balada na Vila Olímpia. Em clima selvagem, os dois se agarram, se beijam e se mordem, num malabarismo entre a privada e as paredes do cubículo. Pamela fala para ele colocar camisinha e ele responde que com preservativo não rola porque broxa. Pamela dá uma risada debochada: "Isso não é problema meu!" e sai da cabine inconformada.

ANITA (24) transa com MATEUS (25) no quarto dele. Eles acabam de gozar e se esparramam pela cama. Mateus pega uma caixinha preta aveludada de dentro da gaveta do móvel de cabeceira e ajoelha-se. Sem medo de clichês, ele pede Anita em casamento, mostrando a aliança. Surpresa e emocionada, Anita aceita e eles se beijam. Mateus sai do quarto para buscar algo e Anita checa na luz se a jóia é preciosa. O noivo volta com duas taças de espumante na mão, faz uma selfie do casal brindando e posta nas redes.

Créditos iniciais.

Um carro passa em alta velocidade na estrada ensolarada.

Marcela, Pamela e Andressa estão vestidas iguais: usam um boné rosa choque escrito *Team Bride* e um bodie escrito *Game Over*. Marcela dirige e Anita, com o clássico véuzinho de noiva, é co-pilota. No banco de trás, Pamela faz stories das quatro cantando em alto e bom tom. Todas posam com caras e bocas exageradas. Antes de postar nas redes, ela acrescenta emojis de sol, beijinhos, aliança e corações. Mensagens começam a pipocar no celular em resposta aos vídeos. TOMÁS: "Meu Deus, que perigo essas gatas!"; JULIA: "Good morning, sexy girrrrls! 'Ahazem' muito!"; ADRIANO: "Louco pra ver as fotos de biquíni!". As garotas se divertem com os comentários, eufóricas. Chega uma mensagem de Mateus: "Vou pedir pros meus primos cariocas ficarem de olho em vocês, hein!". Pamela: "Ih, marcação cerrada, Anita!". Elas riem e seguem a viagem.

Na chegada à cidade do Rio de Janeiro, várias viaturas da polícia estacionadas interrompem o fluxo de carros provocando uma longa fila na Linha Vermelha. Em estado de alerta, Marcela checa se alguém trouxe drogas. Pamela fica em pânico e diz que tem MDMA dentro do pote de fio dental. As meninas gelam. Tentando manter a calma do grupo, Marcela: "Tá tudo bem, Pam, tá bem escondido, não vai acontecer nada". Assim que o carro da frente é liberado pelo POLICIAL (37) fortemente armado, elas se aproximam lentamente, abaixando o vidro e fazendo cara de boa moça. Marrento, o policial fita cada uma das garotas. Ele se detém em Anita e sorri: "Vish, coitado desse seu noivo!". Em seguida, diz para as "gatas" seguirem viagem. Elas partem, aliviadas.

Sol escaldante, praia lotada, ambulantes gritam anunciando mate gelado, biscoito de polvilho, queijo coalho, hambúrguer vegetariano. Deitada em sua canga de oncinha, Pamela espalha óleo bronzeador pelo corpo malhado. Ao seu lado,

Andressa alerta que a amiga ainda terá problemas de pele de tanto que abusa do produto. Pamela baixa os óculos escuros e responde: "A vida é uma só, 'bebê'". Nesse momento, Marcela e Anita se aproximam trazendo quatro copos de caipirinha. Marcela: "Um brinde à noiva mais gata do Brasil!". Todas levantam seus copos. Interrompendo, um AMBULANTE (47) com uma tiara de diabo invade a roda para brindar com elas.

Já de noite, no apartamento de Airbnb, as garotas conversam enquanto se preparam para sair, trocando as roupas e sapatos milhares de vezes até encontrarem o *look* certo. Tirando a sobancelha, Marcela conta da primeira vez que levou Guilherme para dormir na casa do pai e da madrasta: "Nunca tinha ouvido eles transando antes, mas naquela noite eles resolveram dar um show! Tipo cachorro mijando no poste pra marcar território, sabe? Bizarro!". As amigas riem. Andressa comenta que a relação dela e do Guilherme parece estar ficando séria. Marcela se mostra feliz e as garotas continuam a compartilhar outras histórias constrangedoras. Olhando o relógio, Anita interrompe, dizendo que elas tem 15 minutos para sair.

Super produzidas e paradas na esquina de uma praça da zona sul do Rio de Janeiro, as quatro amigas esperam entediadas. Sem paciência, Pamela: "Gente, que saco! Eu desistiria desse ônibus aí e iria pra uma balada normal". Vestida de noiva sexy, Anita olha para a rua vazia, decepcionada. Preocupada que a programação desmorone, Marcela confere o horário no aplicativo. Soltando a fumaça do cigarro, Andressa sugere que elas esperem um pouquinho mais, afinal a festa já está paga: "E não foi barata!". Nesse momento, um ônibus todo customizado com luzes de led dobra a esquina. As meninas ficam eufóricas. Quando a porta do ônibus se abre, uma música pop e fumaça de efeito convidam as garotas à entrar.

Adaptado para uma pista de dança ambulante, o *VIP Bus Party* viaja na madrugada pelas ruas da cidade levando os jovens. Já bêbada e vestida com chapéu de marinheira, Pamela brinca no *pole dance*. As outras meninas dançam e batem palma como se fossem sua plateia. Um GAROTO BOMBADO (25) começa a dançar sensualmente com ela, que gosta da aproximação e improvisa um dueto. Aos poucos, o garoto vai dominando o palco, deixando Pamela sem vez. Sua performance é basicamente a exposição de seus músculos acompanhada de movimentos que simulam uma transa. Pamela e ele começam uma espécie de disputa por espaço e visibilidade até que ela desiste, frustrada.

No bar do ônibus, Anita conversa com GABRIEL (27), um garoto charmoso. Ele acaricia delicadamente seu rosto e diz para ela aproveitar a despedida de solteira: "É sua última chance, gata, depois já era". Anita fica caidinha e aproxima-se dele com um olhar lascivo. Nesse momento, Andressa avança entre o casal e tira ela de lá: "Miga, cê tá louca?!".

Caminhando pelas ruas vazias do Humaitá, as garotas riem e falam alto lembrando dos melhores momentos da noite. Com uma risada melancólica, Anita diz que sentirá saudade de sair com as amigas: "Daqui a pouco vocês vão estar enchendo a cara e eu o que? Cozinhando pra sogra!". Todas riem e abraçam Anita, bêbadas.

Na manhã seguinte, as meninas assistem a um workshop de uma escritora best seller de livros de auto-ajuda focados em relacionamentos, a "DRA." MÁRCIA CAMPOS (51). No PowerPoint, o título da aula: "Casamento Pleno - Como alcançá-lo?". Apesar da ressaca, Anita ouve com atenção e toma nota de todas as dicas da palestrante: "A gente sabe que, diferente dos homens, as mulheres são multitasking, né? Então, mesmo numa noite que você não esteja muito

afim, não custa nada perder 15 minutos para fazer o marido feliz! Ele fica realizado e nós evitamos um problema futuro". Andressa se mostra bastante interessada na aula, enquanto Marcela se esforça para não dormir. Márcia: "Além disso, uma companheira de verdade deve demonstrar interesse genuíno pelo marido: se precisar, tome uma cervejinha, assista ao futebol, discuta até apólices de seguro!". De cara fechada, Pamela discorda com a cabeça, incomodada com a palestra.

As meninas tomam água de coco na orla da praia. Marcela se estica na espreguiçadeira: "Gente, desculpa, mas achei meio genérico o papo daquela mulher. Acho que cada relacionamento funciona de um jeito...". Andressa interrompe dizendo que amou o batom da palestrante: "Vermelho poderoso aquele!" e comenta com Anita: "Mateus vai ficar doidinho com esse mulherão que vai casar!". Pamela: "Ai, migas, nenhum cara vai me fazer beber cerveja sentada no sofá no domingo! Comigo vai ser à base de vodka com energético - no mínimo!". As amigas riem e assistem ao pôr do sol. Quebrando o silêncio, Anita levanta o coco como se fosse um drink: "Então bora pra nossa última noite, mulherada!".

Os ingressos da festa são validados na catraca eletrônica de um grande *lounge* preto e esfumaçado. Música alta e chuva de lasers preenchem o ambiente lotado de jovens. Marcela, Pamela, Andressa e Anita dançam, bebem e se divertem na pista, ora flertando, ora desviando dos homens malhados que não economizam no chaveco e nas passadas de mão.

Já embriagadas, as garotas levam Anita para uma sala reservada. As paredes vermelhas e acolchoadas, a luz baixa e a música sensual criam um clima intimista. A porta se abre e entra um STRIPPER (34) vestido de bombeiro. Surpresa, Anita ri: "Não acredito, suas loucas!". Com desenvoltura, o homem a coloca sentada em uma cadeira no centro da sala

e começa uma dança sensual e um tanto bruta ao seu redor. Em seguida, ele deita Anita no chão e, por cima de sua roupa, simula movimentos de penetração. Apesar de surpresas, as meninas se divertem com o que estão vendo. Então, o stripper coloca Pamela sentada na cadeira, agacha, e move a cabeça e a língua como se estivesse fazendo sexo oral nela. Entrando na brincadeira, Pamela dá um tapa na bunda dele e puxa Andressa para a dança. Por último, ele amarra as mãos de Marcela com uma corda, a vira de costas e finge penetrar por trás. Percebendo o pênis mais mole, o stripper começa a se estimular. Quando fica cara a cara com Marcela, que está com os olhos arregalados, ele sussurra em seu ouvido: "É só uma performance". O stripper finaliza o show e sai. As meninas desabam de rir da situação na qual se colocaram e vão para o bar da festa.

Completamente embriagada, Marcela vai ao banheiro. Ao som de uma música eletrônica agressiva, Marcela caminha pelo corredor escuro e tumultuado do banheiro. O HOMEM 02 (29) se aproxima, a pressiona contra a parede e começa a passar a mão em seu corpo. Marcela não consegue reagir. O dorso da mão dele é coberto por uma tatuagem de cruz. O Homem 02 chama DOIS AMIGOS que se juntam e se revezam, passando as mãos pelas coxas, virilha e vagina de Marcela como se ela fosse um pedaço de carne. Rindo, um deles pega o celular e começa a filmar. O movimento da festa segue normalmente, com um fluxo intenso de pessoas se apertando para passar. Sem ninguém notar, o Homem 02 segura Marcela pelo quadril, abre a braguilha e penetra nela: "Com essa mini saia tu tá pedindo, né". Assim que ele goza, os três saem vangloriando-se e se misturam à massa de pessoas. Em estado de choque, Marcela cai no chão desacordada.

Anita, Pamela e Andressa encontram Marcela semi-acordada

ao lado de uma SEGURANÇA (37): "A amiguinha de vocês passou dos limites. Quem não sabe se cuidar acaba com a festa dos outros".

O sol está a pino e as quatro garotas acordam morrendo de ressaca. O quarto está cheio de roupas, máscaras e maquiagens espalhadas por todo lado. Cheia de dores, Marcela entra devagar no banheiro e liga o chuveiro. Ao tirar a roupa, se assusta com as marcas roxas que tem pela cintura e com a calcinha manchada de sangue. A garota esconde a calcinha no meio das suas coisas e entra debaixo da água.

Um carro passa em alta velocidade na estrada. Exaustas, as quatro amigas viajam de volta para São Paulo. Marcela olha pela janela, introspectiva.

04 meses depois.

Fazendo alvoroço em frente a igreja, os convidados jogam arroz nos noivos, Anita e Mateus, que se beijam, oficializando o casamento. As madrinhas Pamela, Andressa e Marcela abraçam a amiga emocionadas. Marcela, muito mais magra e abatida, não se vê tão enérgica quantos as amigas.

No pequeno salão de festas, os convidados do casal comemoram ao som de músicas clichês de casamento como *I Will Survive* e *It's Raining Men*. Uns comem salgadinhos, outros bebem cerveja e de vez em quando a avó de Anita se destaca com passos mais ousados na pista.

Já mais tarde, no bar, os amigos de Mateus fazem uma competição de quem bebe cerveja em menos tempo. Praticamente sem respirar, os brutamontes entornam suas garrafas enquanto os amigos ao redor urram e batem com as mãos no balcão, incentivando a brincadeira. Comemorando a vitória, ENZO (24) quebra a garrafa no chão, dá um beijo em

Andressa e solta um tapa em sua bunda.

Escondidas na despensa da cozinha, Pamela e uma GARÇONETE (28) se beijam intensamente, fazendo barulho com os utensílios que derrubam no chão.

Na área externa do salão, Marcela fuma um cigarro sozinha. Guilherme passa por perto e nem olha para ela. ALEXANDRE (29) aparece e acende um cigarro próximo ao seu lado. Imediatamente, Marcela cobre o decote do vestido com o casaco. Com um sotaque carioca carregado, Alexandre pergunta se Marcela é familiar da noiva. Ela responde que é amiga de infância de Anita e, sem que ela pergunte, Alexandre conta que é primo de Mateus. Ele continua tentando puxar assunto, mas Marcela evita qualquer conversa. Insistente, Alexandre elogia o brinco de Marcela, aproximando-se de seu rosto. Marcela se esquiva. Alexandre: "Desculpa, não quis te assustar. Vou pegar uma cerveja, quer também?". Marcela agradece e diz que não está bebendo. Antes que Alexandre volte pra festa, Marcela: "A gente se conhece de algum lugar?". Alexandre diz que não e sai. Logo em seguida, Andressa aparece empolgada: "Vem, Marcela! A Anita vai jogar o buquê!". Sem esperá-la, Andressa sai correndo na frente enquanto Marcela anda sem pressa em direção ao salão.

Em câmera lenta, os convidados se amontoam à espera do grande momento. De costas, Anita inicia a contagem regressiva em coro com os convidados: "10, 09...". No fundo, Marcela conta baixinho, observando a excitação ao seu redor: "07, 06...". Com as mãos para cima, os convidados acompanham, animados. À sua frente, Marcela vê Alexandre. O dorso da mão dele é coberto por uma tatuagem de cruz. Nesse momento, o som da contagem em coro se distorce e a mesma música eletrônica agressiva de antes toma conta do ambiente. Marcela perde o ar por alguns instantes. Sem pensar

duas vezes, ela olha para o lado, pega uma garrafa de vidro e a estoura na cabeça do homem que a estuprou.

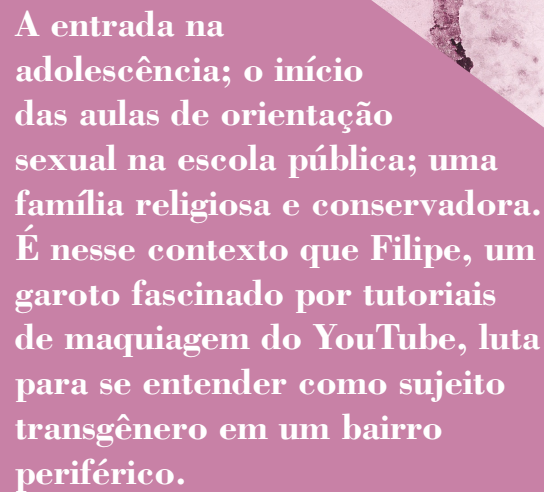
Marcela, catatônica.

A contagem do coro volta a ressoar: "02... 01!". Pamela agarra o buquê no ar. Em meio a comemoração, Alexandre e os amigos se abraçam, celebrando o momento.

FIM

FILIPE





A entrada na adolescência; o início das aulas de orientação sexual na escola pública; uma família religiosa e conservadora. É nesse contexto que Filipe, um garoto fascinado por tutoriais de maquiagem do YouTube, luta para se entender como sujeito transgênero em um bairro periférico.

ARGUMENTO

Macedo (47), um homem de estatura baixa, roliço e com a pele marcada de sol, lixa as arestas de uma placa de vidro na área externa de sua humilde vidraçaria. O movimento ríspido do homem contrasta com a delicadeza do material que ele manuseia.

Créditos iniciais.

Filipe (14), um jovem franzino e pardo, se arruma no banheiro de casa. O ambiente é precário: paredes de reboco com tijolos aparentes, box de plástico rachado, espelho de pia coberto por manchas de mofo.

Vaidoso, o garoto passa uma quantidade abundante de creme de pentear nos cabelos crespos enquanto faz movimentos sensuais ao som de *Enviadescer*, da funkeira travesti MC Linn da Quebrada. Depois que termina de trançar a última mecha de cabelo, Filipe pega o celular e dá play em um tutorial de uma youtuber mirim que ensina truques de maquiagem. Durante a apresentação do vídeo, ele repete várias das gírias usadas pela garota demonstrando familiaridade com o canal.

LUARA (17) bate na porta com força: "Abre aí, moleque! Preciso mijar e tô atrasada pro trabalho!". Assim que o irmão abre a porta, Luara: "Porra, teu cabelo tá mara, hein!". Filipe dá um beijo no próprio ombro. Antes de sair, Luara o alerta: "Ow, se o pai ou a mãe te pegarem assim, cê tá fudido!". Pensativo, Filipe termina de aplicar o primer no rosto.

Filipe e JÉSSICA (14) se encontram no portão da escola pública. Ela é negra, tem o cabelo raspado, usa brincos de argola, saia curta e tem a camiseta do uniforme escolar toda customizada. Ele, com sua *glam makeup*, a cumprimenta com uma sequência de gestos dançantes inventada por eles, e os dois seguem para a aula.

As paredes descascadas e as carteiras mal ajambradas denunciam a falta de manutenção da escola. Em meio ao alvoroço dos alunos, que falam mais alto e fazem mais gracinhas que o habitual, Filipe e Jéssica veem, em cima da mesa da professora, dois aparelhos reprodutores de plástico. Na lousa, em letras garrafais: "AULA DE ORIENTAÇÃO SEXUAL". Na porta da sala, a PROFESSORA 01 (57) comenta com a PROFESSORA 02 (43) que a existência da matéria é um absurdo, que esse tipo de educação deveria ser de responsabilidade da família, jamais da escola. O sinal toca. Professora 02: "Cuidado com os vídeos de celular, viu?". As duas se despedem. Sem paciência, a professora 01 fecha a porta e logo chama a atenção dos alunos, que continuam em clima de farra: "Quero ver quem vai achar engraçado quando ficar prenha, embarrigar alguém ou quando pegar doença".

Durante a aula, a professora 01 não faz o menor esforço para tornar o assunto tangível e os alunos se dispersam com facilidade. Fotos ilustrativas de algumas doenças sexualmente transmissíveis circulam pela sala provocando asco por parte dos alunos. Depois de observar uma das fotos, Jéssica cochicha com Filipe em tom malicioso: "E a parte boa do sexo, será que ela vai ensinar também?". Filipe ri.

Pouco antes do intervalo, quando a professora 01 diz pela primeira vez a palavra "penetração", um COLEGA (13), que está sentado ao lado de Filipe, a interrompe enquanto faz gestos obscenos com as mãos, aproveitando que ela está de costas: "Mas professora, a senhora tá falando só de um tipo de penetração, né? Existem outros... diz aí, Filipe!". Entrando na brincadeira, Filipe lambe o lábio e chama o garoto pra sentar no seu colo. Os adolescentes começam a rir, eufóricos. A professora exige silêncio e de forma automática comenta: "Sim, e ainda vamos falar bastante sobre AIDS, Marcelo".

Depois da aula, no banheiro da escola, Filipe enxágua o rosto repetidas vezes tirando qualquer vestígio de maquiagem.

Filipe entra na humilde vidraçaria e, de longe, cumprimenta seu pai. Diferente de antes, seu tom de voz é grave e sua postura rija. Com a ajuda de uma ventosa, o pai se aproxima com as chapas de vidro. Juntos, eles separam cuidadosamente cada uma delas e apoiam sobre uma superfície forrada de feltro. Os dois trabalham lado a lado, em absoluto silêncio.

Depois que terminam a riscagem, enquanto Macedo se prepara para sair, Filipe brinca com seu reflexo em pedaços de espelhos que fazem um jogo de imagens. Ele faz poses, caras e bocas. Sisudo, Macedo observa o filho de esguio. Filipe não percebe.

Na beliche, esparramados no colchão de Filipe, ele e Jéssica brincam de Dubmash, um aplicativo de dublagem de vídeos. Filipe faz uma voz estridente imitando uma mulher enquanto Jéssica rola na cama, gargalhando. Os dois passam um tempo se divertindo com as imitações do garoto. Cansada de tanto rir, Jéssica: "Bi, você manda muito bem nessa parada, é sur-re-al". Filipe faz charme e se aboleta no mesmo travesseiro que Jéssica. Com os rostos bem próximos um do outro, os dois se olham intensamente. Depois de alguns segundos, Jéssica: "Afe, bixa, parece que cê vai me comê agora!". Filipe responde com uma voz aguda e alta: "Aloooka". GISLANE (39), mãe de Filipe, entra no quarto. Olhando Filipe nos olhos, ela se aproxima e, sem medir a força, dá uma bordoadá na orelha do filho, que se contrai na cama, surpreso com a violência: "Vê se toma jeito moleque. Já te disse que não gosto quando você fica falando assim". Gislane sai, deixando o quarto em silêncio por alguns instantes. Constrangida, Jéssica pergunta se Filipe ainda vai

no Slam com ela. Filipe diz que não está no clima. Os dois se despedem.

Deitado na cama, Filipe olha sua imagem na câmera de selfie do celular e começa a chorar.

Depois do jantar, enquanto Macedo fuma um cigarro na porta de casa, Filipe tira a mesa e Gislane lava a louça. Da porta, Macedo ordena, duro e seco: "Filipe, para com isso. Luara! Vem ajudar tua mãe". Contrariado, Filipe sai.

No ônibus, estão apenas Filipe, o MOTORISTA (53) e o COBRADOR (67). Com um ar desconfiado, o cobrador acompanha os movimentos de Filipe com o olhar. O garoto senta-se no fundão, coloca a mochila no banco ao seu lado e começa a mexer em um dos bolsos. Em estado de alerta, o cobrador e o motorista trocam olhares através do espelho. Filipe finalmente encontra os brincos de pressão. Ele tira o moletom folgado, revelando seu *bodie* verde-água translúcido e, sem perceber que causou qualquer tipo de suspeita, continua a se produzir: põe os brincos, um colar e, com a ajuda de um espelhinho de bolso, delinea os olhos com lápis.

Em silêncio, sentadas na cama, Gislane trança o cabelo de Luara que, com a ajuda de um espelhinho de bolso, acompanha o andamento do penteado.

Filipe chega no Slam Resistência, uma competição de poesia falada em forma de sarau que tem como objetivo dar voz a quem é marginalizado pelo sistema. A praça cimentada está lotada de jovens, quase todos negros. Em volta de uma grande roda, eles acompanham com atenção a apresentação dos artistas. Ao redor, alguns jovens andam de skate e patins, e vários pequenos grupos se formam ouvindo música, bebendo, fumando, dançando e conversando.

Abraçando Filipe por trás, Jéssica: "Não acredito que cê tá aqui!". Filipe dá um beijo no próprio ombro e os dois fazem a mesma dança-cumprimento de antes. Em seguida, Filipe se aproxima do grupo de amigos dela. O pessoal é um pouco mais velho, todos com estilos marcantes e autênticos. Filipe logo cruza o olhar com ANTÔNIO (17), um garoto sedutor e espirituoso: "Olha, nem te conheço mas já tô achando ótimo que cê veio!".

Em um bar de esquina do bairro, Macedo toma cerveja com DOMINGOS (49) e PEDRO (56). Os homens falam sobre trivialidades. Macedo é o mais quieto entre eles. DANY (33), uma travesti, entra no bar provocando reprovação de boa parte dos clientes. Macedo observa o movimento. Virando-se para o DONO DO BAR (75), um FREGUÊS (41) fala em alto e bom tom: "Ih, Zé, esse aí não presta, fica de olho pra não levar calote". Ignorando, Dany se senta no balcão e pede um salgado. Macedo continua a observar.

Depois de finalizada a competição de poesia, Filipe e o pessoal dançam ao som de Liniker. Antônio observa Filipe que, imerso em seu próprio mundo, faz uma dança toda particular. Aos poucos, Antônio se aproxima e entra na dança com o garoto. Os dois permanecem assim por um tempo: improvisando movimentos, se provocando e se tocando sem dizer uma palavra. Então, Antônio dá um beijo em Filipe, que retribui com gosto.

Em casa, Macedo vê que o colchão de Filipe está vazio.

No carro velho de um dos amigos do grupo, Filipe e Antônio transam. Percebendo que Filipe não tem muita experiência, Antônio pergunta: "É sua primeira vez?". Sem nenhuma vergonha, Filipe diz que sim. Antônio: "Espero que seja especial... pra mim tá sendo". Filipe abre um sorriso e,

cheio de tesão, puxa Antônio contra ele. Os dois continuam transando com intensidade e carinho.

De madrugada, Filipe e Antônio caminham de mãos dadas, sem rumo, por uma rua pouco iluminada; ora cantando, ora se atracando em beijos de língua demorados, ora brincando um com o outro.

Filipe chega em casa e, silenciosamente, entra no banheiro. Na frente do espelho ele sorri, feliz. Enquanto tira os brincos das orelhas, Filipe escuta um ruído no corredor e rapidamente apaga a luz. Ao perceber que passos se aproximam, Filipe prende a respiração. Gislane abre a porta e flagra o filho de bodie e maquiagem. Descontrolada, ela começa a arrancar a roupa dele. Gislane o pega pelo braço e abre a torneira, enfiando o rosto de Filipe debaixo d'água. Macedo aparece no banheiro e puxa Gislane para longe do filho: "Deixa o moleque". Chorando, Filipe olha surpreso para o pai.

No dia seguinte, Filipe entra na vidraçaria com o uniforme da escola e os olhos delineados de lápis. Macedo se aproxima e, com rudeza, entrega as ferramentas para o filho. Quietamente, Filipe começa a riscagem dos vidros. Depois de algum tempo, Macedo se acerca para conferir o trabalho de Filipe. Trocando olhares através do reflexo dos pedaços de espelhos que fazem um jogo de imagens, Macedo: "Tá bonito".

Todo produzido, Filipe caminha feliz ao lado de Jéssica, Antônio e outros amigos pelas ruas da cidade.

FIM



JULIANA



MARTIA

‘Mãe solo’ de uma criança de um ano e ginecologista de uma clínica obstétrica de elite, Marta tenta dar conta da maternidade, do trabalho e dos *dates* sem hierarquia entre seus desejos e necessidades. Já Juliana, secretária de Marta, está grávida de oito meses e entra em crise ao se dar conta que as pessoas ao seu redor projetam maiores expectativas em sua maternidade do que ela mesma.

ARGUMENTO

JULIANA (34) e LUCAS (34) caminham pelas gôndolas em promoção de uma megastore de artigos para recém-nascidos. Juliana passa a mão na enorme barriga de oito meses enquanto observa a diversidade de produtos para compor quartos de bebês. Quando Lucas bate o olho numa bola de futebol de pelúcia, não resiste em fazer embaixadinhas. Mas, percebendo que ficou pra trás, deixa o brinquedo de lado e alcança a esposa, que se aproxima de um telão.

O vídeo projetado apresenta uma sequência de fotos de aniversário de uma bebê. Tudo é rosa e excessivamente produzido. O buffet é decorado por colunas gregas e lustres dourados extravagantes; garçons de camisa social, suspensório e chapéu atendem os convidados; e na mesa central, ao redor do bolo de três andares, doces gourmets levam a *hashtag* com o nome da aniversariante: Isabelly. Nada é especialmente infantil e chega a aparentar um casamento. Ao final, o vídeo anuncia a oferta da “festa dos sonhos do primeiro aniversário do seu bebê”. Lucas abraça Juliana por trás e dá um beijo na esposa, desejando tudo aquilo. Juliana encara o vídeo, séria.

Higienópolis, bairro nobre da região central de São Paulo. Fila de carros importados em frente a uma creche particular. Mães e motoristas buzina irritados com o trânsito que eles mesmos causam. CAUÊ (10 meses) esperneia no bebê conforto. MARTA (37), do banco da frente de sua SUV, tenta de tudo para acalmá-lo, dividindo a atenção com o trânsito e com mensagens de trabalho. Atordoada, grita: “Que inferno!!!”. Cauê começa a chorar ainda mais alto. Frustrada, Marta posiciona o tablet na frente do menino, que para de chorar imediatamente.

Na clínica avançada de inseminação artificial Orbis Mater, um ambiente *clean*, com arranjos de flores sofisticados e

diversas fotografias de mães e bebês - todos brancos -, uma PACIENTE (37) sai do consultório de Marta. Com o cheque em mãos, a mulher se aproxima da mesa de Juliana, que trabalha como secretária da clínica. Paciente: "Querida, que dádiva! Não sabia que você estava grávida!". A paciente se intromete na baia da recepção e começa a acariciar a barriga de Juliana de forma invasiva. Apesar de incomodada, Juliana sorri. Da porta do consultório, Marta chama a secretária: "Vamos pegar 10 minutos de almoço pra ver como anda essa menina?". Juliana recebe o pagamento e se levanta com esforço em direção à sala da doutora.

Dentro do consultório, Juliana entrega um envelope fechado à Marta, que sorrindo comenta: "Nossa, que disciplinada! É uma raridade ver uma mãe que não abre os exames antes da consulta!" Enquanto Marta analisa os papéis, Juliana mexe nervosa em sua corrente de ouro que já leva um pingente de bebê.

Deitada de pernas abertas na maca ginecológica, Juliana observa Marta examinar seus seios e ventre. Juliana comenta, hesitante: "Esse corpo... Nem parece que sou eu". Concentrada, Marta continua a examiná-la. Quando termina: "Isso é normal, são muitas mudanças" e completa: "Por aqui também tá tudo ok, viu? Já pode se vestir". Enquanto Juliana levanta da maca, Marta comenta que não vai ser fácil substituí-la nos próximos meses. Juliana sorri: "Novas candidatas estão agendadas pra entrevista na segunda-feira, vai dar tudo certo!". Marta: "Duvido que alguém a sua altura...". Em seguida, Juliana aproveita para lembrá-la do chá de bebê no sábado: "Vai ser tudo muito simples, viu, doutora".

À noite, Marta dá de mamar a Cauê. Silenciosamente, ela pega o celular e responde algumas mensagens de trabalho. De repente, Cauê morde o bico de seu peito. Com uma expressão

de dor, Marta tenta achar uma outra posição para amamentar.

No ônibus, em meio à massa de passageiros, Juliana acompanha pelo celular um curso online sobre empreendedorismo. Do assento preferencial, uma senhora acena para que Juliana se sente. Imersa na aula, Juliana sinaliza que não é preciso. A senhora então se levanta, vai até ela e, em tom de brincadeira, insiste: "Menina, aproveita pra aliviar esse peso agora porque depois que a criança nasce, só piora!". Sem saída, Juliana acaba perdendo parte da aula.

Depois que Cauê dorme, Marta vai até a sala e se esparrama no sofá, exausta. Ela 'zapeia' a TV por alguns minutos e se detém em um uma cena de sexo de um seriado qualquer. Ela começa a se tocar e, em pouco tempo, goza. Sentada no sofá, pega o celular e faz uma conta no Happn, um aplicativo de relacionamentos.

Na pequena cozinha, Juliana termina de preparar a salada de maionese enquanto Lucas coloca as cervejas de litrão para gelar. No balcão da pia, pedaços amontoados de frango, carne e linguiça salgam. ANTONIA (61), mãe de Lucas, entra afobada carregando bandejas de doces, enfeites e outras parafernalias. O apartamento fica tomado por um caótico clima pré-festa. Antonia: "Que festona, gente! Lucas, você deve ter gastado uma nota, meu nego!". Segurando as garrafas de refrigerante, Juliana responde: "Na verdade, fui eu que paguei, dona Antonia". Sem jeito, Lucas finge que não ouviu e Antonia afobada, corre pra tirar as coisas das mãos de Juliana: "Pode parar! Não é nada bom pra minha neta a senhorita ficar zanzando de um lado pro outro carregando todo esse peso! Sente ali no sofá que hoje o dia vai ser longo". Sentindo-se impotente, Juliana sai da cozinha.

Marta dirige pelas ruas da Vila Medeiros. Mesmo seguindo as indicações do aplicativo de trânsito, ela se vê perdida. Parada

no semáforo de uma rua deserta Marta observa, através do espelho retrovisor, um grupo de cinco adolescentes se aproximando a pé. No automático, checa a cadeirinha vazia de Cauê e confere se os vidros estão fechados e as portas travadas. Os meninos passam ouvindo funk em uma caixinha de som portátil. Um deles para do lado do carro, estica o braço e faz movimentos em círculos, no ritmo da música, como se estivesse dirigindo: "Carrão daora hein, madame!". Os amigos começam a rir. Nervosa, Marta continua olhando pra frente. Assim que o sinal abre, Marta dá a partida, aliviada. Os meninos, já pra trás, continuam rindo.

Pendurada na entrada do salão de festas do prédio, a faixa: "Bem vinda, Nathally!". A festa é uma versão bastante simplificada do vídeo apresentado na megastore. A mesa, repleta de pratinhos, copinhos e talheres de plástico, leva ao centro um bolo com a foto do ultrassom de Nathally. Refrigerante em garrafas pet e salgadinhos industrializados são servidos por uma empregada doméstica uniformizada. A decoração, toda em rosa, contrasta com o branco dos azulejos das paredes e do piso frio. Vez ou outra, a fumaça da churrasqueira invade o salão defumando os convidados.

Em uma das mesas, SÉRGIO (40) conta para o grupo de amigos que sua filha de três anos queria ir para a escola com a fantasia de Batman do irmão mais velho: "Essas coisas podem parecer besteira, gente... mas se a gente vai deixando, nos dias de hoje que tudo é essas coisas de 'LGBT' (sic), depois vira um problemão!". Juliana sorri ao avistar Marta e logo se levanta para cumprimentá-la. Interrompendo a conversa, Juliana: "Gente, essa é a Dra. Marta, minha chefe querida". Com um tom cordial, as pessoas a cumprimentam. Tímida, Marta dá um "oi" geral.

DEISE (34) se ajeita enquanto se aproxima de Marta e comenta: "Oi doutora Marta, a Ju disse que você também

acabou de ter bebê... cadê o menino?". Marta responde que deixou o filho com o pai para aproveitar a festa mais sossegada. Deise: "E seu marido dá conta, é?". Marta fala que não é casada, deixando Deise um pouco desconcertada. Para descontraí-la, Deise diz alto: "Quem me dera deixar o Fernandinho com o pai... esse aí não consegue nem amarrar o próprio sapato, imagina cuidar do filho!". As pessoas ao redor riem, inclusive o marido de Deise.

A festa segue animada. Crianças correm, adultos falam alto. Enquanto comem os doces, Lucas se aproxima de Marta e Juliana e interrompe o assunto: "Você já contou pra ela da novidade, amor?". Sem graça, Juliana responde que ainda não. Lucas: "Então, doutora, eu vou ser promovido no trabalho!". Marta o parabeniza. Lucas: "Não podia vir em hora melhor, né? Aí a Ju vai poder se dedicar só à nossa princesinha". Marta desfaz o sorriso e olha para Juliana: "Mas você volta pra clínica depois da licença, não?". Lucas responde por ela: "Graças a deus ela não vai precisar não, doutora... Eu vou matar no peito! E logo mais a gente pretende ter outro neném!", diz animado. Juliana olha para o lado, contrariada. Nesse instante, Marta recebe uma mensagem no Happn e se afasta.

A mensagem é de PEDRO (33), que puxa conversa perguntando se ela curte sair com caras mais novos. Marta diz que não tem problema com isso. Os dois trocam algumas mensagens e ela o convida para jantar. Ele aceita.

Um apito de microfonia chama a atenção dos convidados para a DUPLA DE MÚSICOS que começa um show de sertanejo. Um pouco bêbados, alguns casais se animam e começam a dançar. Lucas puxa Juliana, que recusa e se afasta da festa.

Juliana senta-se na escada de emergência do prédio e fica

sozinha por alguns instantes. De repente, Lucas aparece: "Amor, tá tudo bem?! Tá se sentindo mal??" . Juliana diz que não, que só queria tomar um ar. Lucas novamente a puxa, tentando animar a esposa. Juliana fica nervosa e responde ríspida: "Posso fazer o que eu quero, Lucas? Uma vez na vida!" .

À noite, em casa, Marta brinca com Cauê. Ela enche o filho de beijos na barriga fazendo ele gargalhar. Cansada, ela o coloca no berço e o observa por alguns segundos.

Marta e Pedro se encontram num restaurante aconchegante. Eles se divertem e rapidamente descobrem afinidades. Marta fica atraída pelo charme do garoto, que se mostra maduro e atencioso.

Mais à vontade e já um pouco embriagada, Marta conta que é mãe: "Fiquei na dúvida se te contava ou não..." . Surpreso, Pedro sorri e pede para ver uma foto de Cauê. Atrapalhada, Marta procura alguma fotografia do filho no celular, mas só encontra fotos dos bebês de suas pacientes. Sem graça, diz: "Que desnaturada eu, né?" .

Silenciosamente, os dois entram no apartamento de Marta. Do sofá, a babá, ELISA (26), olha para o casal com certo julgamento. Na tentativa de evitar maior constrangimento, Marta logo a agradece e a paga. Enquanto Elisa se arruma para ir embora, Marta vai até o quarto e checa se Cauê está dormindo. Em silêncio, Pedro anda pela sala observando ao seu redor, sem saber como lidar com a situação.

Sozinha na sala de casa, com o celular apoiado na barriga imensa, Juliana navega distraída pelo Facebook até que se depara com o *quiz*: "Você foi feita para ser mãe?" . Juliana clica para iniciar o teste. A primeira pergunta aparece: "De 0 a 10, como você avalia o seu instinto materno?" . Juliana hesita,

seleciona o número "02", mas logo em seguida muda para "04", e depois clica em "Próxima pergunta" .

Na sala, com a luz baixa e uma música ambiente, Marta prepara dois copos de gin tônica. Antes mesmo de provar a bebida, Pedro a agarra por trás e começa a beijar seu pescoço enquanto pressiona suas pernas contra as coxas dela. Marta gosta da surpresa e se envolve no amasso. Rapidamente, Pedro tira a calça e a cueca e, em seguida, abaixa a roupa de Marta que, agora incomodada, pergunta se ele está com pressa. Pedro não responde e a envolve novamente.

Marta alcança um preservativo e os dois começam a transar no sofá da sala. No ouvido de Marta, Pedro sussurra uma série de putarias. Ela se excita e entra na brincadeira, até o momento em que ele diz: "Vou estourar essa sua buceta" . Marta o afasta bruscamente: "Assim não. Eu não gosto" . Mais carinhoso, Pedro se aproxima novamente. Os dois voltam a transar, mas Marta tem dificuldade de se entregar ao sexo como antes. Com força, Pedro segura o peito dela que, imediatamente, começa a escorrer leite. Agressivo, Pedro: "Putá, assim é foda!" . Marta se afasta. Enquanto se veste, Pedro diz que é nojento transar com uma mãe. Furiosa, Marta manda ele ir embora. Antes de sair, Pedro: "Você tá no Tinder pra catar outra barriga né" . Explodindo de raiva, Marta bate a porta na cara dele. Do quarto, Cauê começa a chorar.

Juliana espera o resultado do teste: "Ops! Melhor você adiar seus planos de engravidar!" . Apática, Juliana fita a parede branca da sala. De longe, a sirene de uma ambulância invade o apartamento. Juliana levanta-se rapidamente, pega a chave do carro no casaco de Lucas e sai.

Marta nina Cauê, que já não chora mais, enquanto caminha inquieta pelo apartamento. O interfone toca. Marta paralisa.

No terceiro toque, ela atende, nervosa: "Que que você quer aqui?!". Silêncio. Juliana: "Desculpa o horário, Dra. Marta, mas eu não sabia mais o que fazer". Surpresa, Marta diz para Juliana subir.

Quando abre a porta, Marta se depara com Juliana engolindo o choro: "Doutora, me ajuda". Marta assume uma postura profissional: "O que houve? O que você tá sentindo?". Juliana: "Tá tudo bem com o bebê, o problema é comigo". Sem entender, Marta diz para ela se acalmar e sentar no sofá enquanto busca um copo d'água.

Lado a lado, Juliana desaba cheia de culpa: "Doutora, eu não quero ter esse filho". Marta diz para ela ficar tranquila: "A gente nunca acha que tá pronta. Esse medo é normal...". Juliana: "Não, não é medo. Só não quero abrir mão dos meus sonhos por causa do sonho dos outros". Em silêncio, Marta se aproxima e a abraça, oferecendo carinho e buscando conforto para si ao mesmo tempo.

FIM



CRIS

JORGE

Depois de um final de semana romântico, Jorge revela à Cris que é soropositivo. Apavorado, Cris se desespera não só pela possibilidade de contrair o vírus, mas também pelo risco de prejudicar o tratamento de hormonioterapia que faz por ser homem trans. Diante dessa situação, os dois se confrontam com os estigmas e preconceitos que cada um sofre, mas também reproduzem.

ARGUMENTO

Em um sítio próximo à cidade de São Paulo, PRETA, a labradora de JORGE (43), sobe em cima da cama despertando seu dono - um homem viril, de cabelo escuro e barba comprida -, e CRIS (29), um homem de cabelo castanho claro curto e barba rala. Sonolentos e um pouco tímidos, os dois se olham, sorriem e dão um selinho. Cris: "Nossa, fazia tempo que não dormia tão bem... Acho que foi esse silêncio todo". Enquanto veste a cueca samba-canção, Jorge se desculpa pela cadela e diz que vai preparar um café da manhã para os dois: "Você gosta de ovo mexido?". Ainda na cama, Cris diz que gosta e, acariciando Preta: "Que desculpa o que... Espero que a gente se veja em breve, né, preta?". Jorge sorri.

No banho, Cris se ensaboa. Seu corpo está em transformação: apesar de não ter mais seios por conta da mastectomia, Cris ainda tem o sistema genital feminino. Em seu pulso, uma cicatriz antiga.

Caprichoso, Jorge prepara a mesa do café na varanda da casa rústica e aconchegante, em meio a uma extensa área verde. Depois de passar o café, Jorge abre a gaveta do armário e discretamente toma um coquetel de remédios. Cris aparece e, com delicadeza, pergunta para que são os medicamentos. Jorge hesita por um segundo mas, atrapalhado, conta que é soropositivo e que faz o tratamento antirretroviral. Cris, indignado: "Como assim? A gente transou sem camisinha ontem e você só tá me dizendo isso agora? Cê tá louco?". Extremamente encabulado, Jorge se desculpa, diz que deveria ter avisado, mas que Cris não precisa se preocupar: "Eu faço o tratamento direitinho, tenho carga indetectável, então não transmito... E foi você quem ficou insistindo pra gente não usar camisinha... No calor do momento eu topei, desculpa". Inconformado, Cris termina de se vestir, pega sua mochila e vai embora.

Créditos iniciais.

No ônibus com destino à São Paulo, Cris liga para o chefe e diz que hoje deveria trabalhar no turno da tarde, mas que não está se sentindo bem. Depois, assiste pelo celular um vídeo no YouTube sobre a PEP e descobre que o coquetel evita a infecção pelo HIV se tomado até 72 horas após contato com o vírus.

Sentado na mesa posta do café da manhã, sem ter tocado na comida, Jorge olha para o horizonte, melancólico. Preta descansa aboletada em seu pé.

Na recepção do Serviço de Atendimento Especializado em DST/AIDS, Cris termina de preencher a ficha cadastral e entrega à SECRETÁRIA (47). Com cara de nojo, a secretária confere: "Cristina?". Impaciente, Cris: "Isso. Agora eu aguardo naquela sala de espera, é isso?". A secretária confirma com a cabeça.

Durante a consulta, o MÉDICO (59) faz perguntas descabidas: "Mas como se deu exatamente a relação sexual entre você e esse parceiro? Você foi passivo ou ativo?". Estranhando, Cris responde que foi passivo. Médico: "Mas a penetração foi via vagina, ânus ou você gosta e fez os dois?". Incomodado, Cris muda de assunto e pergunta se há interação medicamentosa entre a PEP e o tratamento de hormonioterapia que ele faz há quase três anos por ser homem trans. Sem muita firmeza, o Médico o aconselha a não tomar a PEP por causa dos efeitos colaterais combinados. Cris, inseguro: "Mas é garantido que fazendo o tratamento ele não me transmite?". O Médico diz que as chances são baixas, só 3%. Cris, exaltado: "Só 3%? E que garantia você me dá que ele realmente faz o tratamento? Não dá pra correr esse risco, eu quero tomar sim, por favor". O Médico prescreve a receita e explica: "São 28 dias de

tratamento, 01 comprimido a cada 12 horas e os efeitos colaterais mais comuns são: diarreia; enxaqueca; náusea; vômito e fadiga". Cris morde o canto do lábio, angustiado.

Na ampla estufa de produção de cogumelos, Jorge, sozinho e compenetrado, remove os fungos dos troncos com a ajuda de uma faca afiada. Um bip de mensagem o assusta e ele faz um corte no polegar. Jorge chupa o dedo para estancar o sangue enquanto abre a mensagem de Cris: uma foto de uma caixinha de PEP seguida de um "muito obrigado" irônico.

Atrás de um balcão de um café/loja hipster de produtos orgânicos, Cris arruma as prateleiras. NATI (26), sua colega de trabalho e amiga, se aproxima carregando um saco de maçãs. Sem querer, ela derruba o saco nos pés do Cris. Cris: "Putá merda, Nati, toma cuidado, porra!". Espantada com a agressividade, Nati: "Nossa, mal. Mas não precisa falar desse jeito, né? Aconteceu alguma coisa? Você tá meio estranho ultimamente...". Cris, reconhecendo o excesso: "Desculpa. Tô passando por uma fase meio difícil". Nati pergunta o que houve. Cris hesita por alguns instantes e diz estar nervoso com o mestrado. Nati o abraça: "Já já isso acaba e aí vai ser só comemoração! Aliás, não nesse fim de semana, no outro, tem a festa do Cadu, né? Acho que vai ser ótimo pra você dar uma descontraída". Cris força um sorriso. Nati pega o saco de maçãs e vai em direção às cestas para organizar as frutas. Assim que ela sai, Cris abre sua mochila, discretamente joga fora a primeira cartela da PEP e inicia a segunda. Cris olha para a rua com os olhos marejados.

No divã, Jorge comenta agressivo e frustrado que seguiu o conselho da analista e, pela primeira vez em muito tempo, tentou ter uma relação como uma pessoa normal, livre, sem colocar a AIDS em primeiro plano. ANALISTA (61): "Mas por que você acha que não é uma pessoa normal?". Jorge fica

sem resposta. Analista: "Sua liberdade não consiste em você fingir que não tem AIDS. A questão é você se definir por isso". Depois de alguns instantes em silêncio, Jorge: "Eu sei... É que às vezes dá medo de ficar sozinho pra sempre".

No ônibus, Cris navega pelo *feed* do Instagram e se depara com um post patrocinado sobre tratamentos de AIDS. Cris clica em "saber mais". Ele fica um tempo lendo a respeito dos tipos de tratamentos antirretrovirais.

Jorge entra no café/loja de produtos orgânicos com um carregamento de caixas de cogumelo. Quando o vê, Cris fecha a cara. Sem jeito, Jorge o cumprimenta. Cris, em tom profissional: "Só um minuto que eu já dou entrada nos seus produtos". Frente a frente, mas separados pelo balcão, Jorge espera e observa Cris em um silêncio constrangedor. CADU (49), dono do estabelecimento aparece: "Pô! Que coincidência boa te encontrar aqui!". Os dois se abraçam carinhosamente. Cadu: "Tô com saudade, cara! Agora cê só quer saber de mato, bicho, cogumelo... Tem que voltar a interagir com a civilização. Quero te ver na minha festa, hein. Sem desculpinha dessa vez!". Jorge olha para Cris: "Eu vou sim, claro".

Cris, sentado em frente à PSQUIATRA (44) do SUS, onde faz a Atenção Ambulatorial para a Transgenitalização: "Agora que eu finalmente tava com mais confiança em mim, me identificando com meu corpo e saindo com um cara que eu tava curtindo e que me aceita como eu sou, existe a possibilidade desse cara me passar essa merda que pode acabar comigo. É foda!". A psiquiatra diz que Cris está antecipando problemas antes deles existirem de fato: "Eu entendo que você esteja nervoso. Mas você está tomando a PEP, vamos esperar o resultado". Cris: "Sim, você tem razão". Psiquiatra: "E o cartório, quando você vai?". Cris muda de

humor e diz animado que no começo da outra semana.

Em um sobrado simples no bairro de Guarulhos, Cris e sua mãe, SÔNIA (54), reúnem a documentação para a mudança de nome na certidão de nascimento. Mexendo nas gavetas da cômoda, os dois pegam fotos de Cris mais novo, ainda com corpo de mulher e se divertem lembrando histórias antigas. Sônia: "Você nunca gostou de usar vestidos, babados ou se emperequetar... Sempre punha as roupas mais simples e com menos cor... Tudo aquilo que fosse discreto e prático era o que você queria, meu filho". Enquanto Sônia passa um café, Cris aproveita e toma o remédio sem que ela veja.

À noite, de dentro do carro, Jorge observa o bar lotado. Ele tira o cinto de segurança, mas hesita em sair. VICTOR (47) aparece na janela: "Acabei de deixar a bike ali do outro lado da rua e te vi, vamos entrar?". Jorge: "Puts, não sei se tô muito no clima. Muita gente, música alta...". Victor: "Ah, beleza... Quer ir lá pra casa então?". Jorge: "Será? Talvez seja melhor deixar pra outro dia...". Victor insiste e Jorge acaba topando.

Na casa de Victor, os dois ouvem música enquanto conversam sentados no sofá. Em cima da mesa da sala, uma caixa de pizza vazia e uma garrafa de vinho já no final. Victor se aproxima e dá um beijo em Jorge, que demora a se entregar. Quando o clima começa a esquentar, Jorge: "Acho melhor eu te contar uma coisa antes: eu tenho AIDS". Victor fica surpreso: "Tudo bem, acho que é só a gente usar camisinha, né?". Surpreso, Jorge confirma com a cabeça e os dois voltam a se beijar. Já mais relaxado, Jorge começa a abrir os botões da calça de Victor, que demonstra algum desconforto. Jorge continua a despi-lo. Em seu dedo, o curativo do corte. Victor: "Desculpa, não tô conseguindo". Em um rompante, Jorge levanta, veste a calça e com uma violência descabida, chuta a cadeira. Jorge sai batendo a

porta com força, deixando Victor sem reação.

No cartório, acompanhado de Sônia, Cris termina o trâmite burocrático para trocar o nome de sua certidão de nascimento. Com um sorriso largo, ele faz uma selfie ao lado da mãe mostrando a nova identidade e manda para alguns amigos, orgulhoso. Em seguida, abre uma mensagem para Jorge, anexa a foto, mas logo desiste de enviar.

Com a ajuda de uma cavadeira e fazendo bastante esforço físico, Jorge prepara a terra abrindo um buraco no solo firme. Seus olhos começam a marejar, mas ele se força a conter o choro.

Em um boteco, Cris e três amigos comemoram a mudança de nome. Cris comenta sobre o funcionário do cartório: "Era um cara todo musculoso, de aliança no dedo, bem hétero. Achei que ele fosse ser escroto, mas foi tudo bem. Inclusive na hora de passar os meus dedos no carimbo, não caiu o pau dele, nem nada". Os amigos riem. FE (30) comenta com Cris: "Quem diria, né? Há um tempo atrás cê tava na pior, pensando que nada valia a pena... E agora tá aí, todo realizado". Cris sorri.

Em seu quarto, Cris se veste para a festa: coloca uma camiseta lisa preta, uma calça jeans, um tênis branco e um boné. Ele se olha no espelho e se ajusta. Antes de sair, toma um comprimido da última cartela da PEP.

Entediado no sofá, de samba canção, Jorge assiste a um filme ao lado de Preta. Num ímpeto, ele desliga a TV e levanta.

Na festa de Cadu, Cris, Nati e mais algumas pessoas formam uma roda na pista de dança enquanto bebem e se divertem. De tempos em tempos, Cris olha para a porta. A festa está animada. Já mais tarde, Jorge aparece com um buquê de

flores. Ele vai até Cadu, que está em uma roda de amigos próxima a Cris, entrega o buquê para o amigo e os dois dão um abraço carinhoso. BRUNO (45), entregando um copo de whisky para Jorge: "Cê sumiu! Por onde cê anda, meu?". Jorge avista Cris e o cumprimenta à distância. Cris retribui com um pequeno gesto. Abraçando Jorge, Cadu chama FLÁVIO (51), um homem charmoso. Cadu: "Esse é o Flávio! Faz tempo que eu queria apresentar vocês dois!". Cris continua a observar Jorge, um pouco enciumado. Jorge sorri, desconcertado com a situação.

No Serviço de Atendimento Especializado em DST/AIDS, Cris espera o resultado do exame de sangue. Uma MULHER (39) bastante verborrágica, dessas que contam sobre a vida inteira quando você pergunta "que horas são?" comenta com a pessoa sentada ao lado de Cris que foi casada com um soropositivo durante anos: "Ele fazia o tratamento lá e, apesar de eu não tomar a PREP (o "anti-concepcional" para pessoas que têm relações frequentes com parceiros com AIDS), a gente nunca usou camisinha e nunca aconteceu nada! Agora que eu me separei, a primeira pessoa com quem eu transo me passa DST. Cê acredita, nisso?". Uma ENFERMEIRA (32) anuncia o nome de Cris, que se levanta para receber o resultado: NEGATIVO. Cris respira fundo, aliviado.

No café/loja, Cris e Nati riem de alguma bobagem enquanto trabalham pesando os produtos. Jorge aparece. Nati sai para ajudar uma cliente e Jorge se aproxima. Estranhando, Cris: "Ué, hoje não é dia de entrega... E o Cadu não tá". Jorge: "Vim ver você. Fiz as contas e imaginei que cê deve ter feito o exame ontem, queria saber se tá tudo bem". Cris fica surpreso: "Sim, tá tudo certo, deu negativo". Jorge fica aliviado. Eles mudam de assunto e, em clima amistoso, conversam sobre amenidades. Cris agradece por ele ter vindo.

Jorge então pergunta: "Será que a gente pode tomar um café ou jantar esses dias?". Cris: "Não. Acho melhor não...".

À noite, em casa, Cris janta sozinho. Ele pega o celular e envia uma mensagem para Jorge: "Na verdade, quero te ver sim. Quando?".

Num restaurante aconchegante, Cris e Jorge conversam sobre assuntos variados em clima conciliador. Com cuidado, Cris pergunta como foi quando Jorge soube que estava com AIDS. Jorge fica em silêncio por alguns segundos. Simpático, o GARÇOM (62) se aproxima: "O que desejam os senhores?". Olhando para Jorge, Cris: "Posso pedir um vinho pra gente ou você tá com pressa?". Jorge topa. Assim que o garçom se retira, Cris: "Mas então, me conta como foi?". Percebendo que Cris não vai desistir do assunto, Jorge toma coragem e responde: "Eu fiquei apavorado. A primeira coisa que passou pela minha cabeça foi que eu ia morrer. E a segunda foi pensar nas pessoas com quem eu tinha transado sem camisinha. Fiz até uma lista...". Notando a abertura, Cris pergunta se ele chegou a falar com as pessoas. Jorge diz que sim, que algumas ficaram preocupadas, mas fizeram o exame e ficou tudo bem, mas que outras cortaram a relação com ele. Comovido, Cris o escuta com atenção.

Aos poucos, Jorge se sente mais confortável de falar sobre suas questões. Ele conta que agora tem que cuidar muito mais da saúde porque tem propensão a ter várias doenças decorrentes da AIDS: "Minha mudança pro sítio teve a ver com isso. Lá eu tenho muito mais qualidade de vida". Em tom de brincadeira, Cris: "Mas vive como um lobo solitário, né?". Jorge toma um gole de vinho. Em seguida, "Sei lá, tive que rever muita coisa... Tive depressão, passei mais de um ano sem conseguir transar com ninguém. É louco, às vezes eu nem me reconheço, não sei explicar...". Em silêncio, os dois se

olham. Jorge: "Desculpa, acho que falei...". Cris o interrompe com um beijo.

Enquanto Jorge toma banho, Cris dorme abraçado com Preta.

FIM



ANA

Agora que as filhas saíram de casa, Ana se vê sozinha em um casamento que não parece mais fazer sentido. É no jantar de dia dos pais, depois que o marido é confrontado pelas filhas por seu comportamento antiquado e machista, que Ana percebe a urgência de mudança. Abrindo-se para o imprevisível, Ana surpreende-se com as possibilidades que surgem à sua frente.

ARGUMENTO

JOÃO (56) dorme estatelado no sofá da sala. No chão, ao seu lado, um copo aperitivo com um resto de cachaça. RAQUEL (27) entra em casa: "Mãe? Pai? Cheguei!". Nenhuma resposta. A garota passa pela sala, repara em João e entra na cozinha. Ela tira um vinho e algumas entradinhas de uma sacola de supermercado e coloca sobre a mesa.

Na área externa do antigo sobrado, Raquel acaricia FILÓ, uma gata gorda e idosa. Esparramadas no chão, as duas aproveitam o que resta do sol. Raquel encurta o vestido e se espreguiça, mostrando as axilas não depiladas.

ANA (52) chega em casa, vai até a cozinha e repara nas coisas sobre a mesa: "Lí? Quel?". Logo depois, Raquel aparece: "Oi, mamis!". Ana: "Oi filha, já chegou? Eu tava no cinema com a Beth". Ana conta que foi ver o documentário que Raquel havia recomendado: "Muito bom! Mas a Beth ficou meio chocada com a nudez daquelas travestis todas!". As duas riem e preparam a mesa do jantar enquanto continuam conversando sobre o filme.

LÍVIA (30) entra na casa acompanhada do namorado, PEDRO (32). Ela vai até o sofá e dá um beijo estalado na testa do pai: "Bom dia, flor do dia!". João acorda, desnorteado.

Logo que entra na cozinha, João cumprimenta todo mundo: "Aê! Feliz dia dos pais pra mim!". Ele enche o copo de pinga até a boca e dá uma bebericada para evitar que transborde. Lívia: "Gente, eu não trouxe nada, desculpa, tô num momento muito vacas magras... Maaas, o Pedro foi fofo e comprou um brownie pra representar o casal aqui!". João: "Para de besteira, filhota. Tamo aí na alegria e na tristeza. Pergunta pra dona Ana!". Raquel: "É mana, relaxa!". Lívia faz um sinal de coração com as mãos.

Enquanto as meninas terminam de colocar a mesa, João começa: "Vocês não sabem os apertos que a gente já passou, meus jovens! Pedro, ouve essa!". João conta da época em que morou na Europa nos anos 80: "Meu primeiro emprego lá foi tocando sax pelas ruas". Pedro ri e comenta discretamente com Lívia: "É a quinta ou sexta vez que eu ouço essa história?". João continua: "Até um dia em que um irlandês me descobriu e me chamou pra tocar no pub dele... E adivinha quem tava lá me esperando?". Raquel: "Dona Ana, a bela adormecida à espera do príncipe encantado tupiniquim". Todos riem. Ana: "Adormecida nada! Quando eu não tava no pub trabalhando, tava estudando pro mestrado que...". João a interrompe: "A coitadinha aí, com essa cara de polaca, era a única que não precisava correr quando o pessoal da imigração chegava pra fiscalizar o bar". Ana olha pra cima. João segue contando suas mirabolantes histórias de juventude e sendo o centro das atenções.

Servindo-se de comida, Raquel comenta que nunca soube como os avós lidaram com a escolha do pai de largar a faculdade. João diz que eles não reagiram bem, mas que mudaram de opinião quando ele voltou com mais grana que o irmão advogado: "E pra completar, ainda cheguei com esse mulherão, a diva da psicanálise parisiense!". João ergue o copo de cachaça no ar, brinda sozinho, dá um gole, e depois um selinho em Ana, que se incomoda com o bafo de álcool.

Durante o jantar, já mais alto, João começa a proferir suas rasas opiniões sobre política: "Apesar de posar de diferentão, esse prefeito é um grande merda!". Lívia discorda do pai, defende que ele tem tomado medidas interessantes e começa a citar alguns exemplos concretos. Pedro diz que ela está sendo um pouco tendenciosa mas, quando começa a contra-argumentar, é interrompido pelo sogro.

João lança mão de máximas como: "A verdade é que é tudo farinha do mesmo saco!" ou "O problema desse país é a educação!". Ignorando-o completamente, Lívia continua conversando com Pedro e comenta que o último artigo que ela publicou fala justamente sobre esse assunto. Pedro diz que vai ler e parar de falar bobagem. João: "Ih, tu não é macho o suficiente pra bancar tua opinião, Pedrinho?". Raquel respira fundo: "Nossa, que comentário desprezível, hein, Joãozinho". João finge que não ouviu, beberica sua cachaça, coloca outro assunto na mesa e o jantar segue.

Ana começa a servir a torta de sobremesa e dá o primeiro pedaço para o marido. Raquel a intercepta: "Mãe, acho que o papai já consegue se servir, né?". João: "Qual é o problema de alguém fazer uma gentileza pra pessoa que ama? Ainda mais num dia como hoje. Vocês podiam se inspirar e ser um pouco mais carinhosas". Raquel e Lívia se entreolham e voltam ao assunto das férias de verão. João rindo, bêbado, interrompe: "É uma pena, né... uma menina bonita desse jeito desfilando esse suvaco peludo na praia". Raquel fecha a cara e não se dá ao trabalho de responder. Lívia: "O que que isso tem a ver com você, mesmo? Cada mulher desfila o que quer e como quiser". Ana levanta e pega um copo d'água: "Você tá inconveniente de novo, João". Num rompante, João diz que as filhas viraram duas feministas chatas e que tão levando a mãe pro mesmo caminho: "Vocês três entendem tudo o que eu falo do pior jeito! Parece que eu sou um alienígena dentro da minha própria casa, porra!". Raquel: "Porra digo eu, pai". O clima azeda.

Em silêncio, Ana, Lívia e Raquel tiram a mesa, lavam a louça e arrumam a cozinha enquanto João e Pedro assistem televisão no sofá. Raquel: "Não sei como você ainda aguenta o papai, mãe". Ana continua arrumando as coisas.

No quarto escuro, deitados de costas um para o outro, Ana e João tentam pegar no sono.

Ana e BETH (54) tomam uma cerveja no balcão do bar enquanto esperam vagar uma mesa. Na porta de entrada, THAÍS (51) percorre os olhos pelo restaurante procurando por um rosto conhecido. Beth a avista de longe, e acena entusiasmada. Charmosa, Thaís se aproxima. As duas dão um abraço carinhoso. Beth: "Ana, essa é a Thaís, amiga de infância queridíssima que resolveu voltar pra cá depois de quase vinte anos fora!". Thaís comprimenta Ana. Em seguida, vira-se para o BARMAN (32) e pede uma sugestão de bebida. Piscando, ele diz: "Pra você vou fazer o melhor da casa". Imediatamente Thaís retruca: "Esse tipo de prioridade não funciona comigo, querido, obrigada". Beth comenta: "Sempre afiada!".

Sentadas à mesa, já depois de algumas cervejas, as mulheres conversam sobre os apertos da meia idade. Beth diz estar preocupada em como vai se reinserir no mercado de trabalho e conta que recentemente encontrou um ex-colega que também foi demitido: "Conversa vai, conversa vem e eu descubro que o escritório ofereceu pra ele o dobro do valor da indenização que deram pra mim, pode? E olha que ele trabalhou na empresa menos tempo que eu!". Indignada, Ana diz que Beth deveria procurar um advogado, mas a amiga diz que a situação é complicada: "O escritório é de um amigo do Marcelo, aí já viu, né...".

João toca saxofone em um restaurante de bairro. A decoração de mal gosto, as mesas vazias e a péssima qualidade da acústica dão um ar deprimente ao ambiente. No final da música, as poucas pessoas que se encontram batem palmas, entediadas. João aproveita o intervalo do show para checar as mensagens que permanecem ignoradas pelas filhas.

Deitado na cama, com o computador no colo, João revê fotos de quando era mais jovem, mais bonito, mais bem cuidado. Frustrado, ele fecha o *notebook* e o guarda na cômoda de cabeceira. Dentro da gaveta, um pedaço de papel com o contato: "Dra. Teresa - Psicanalista". João bate a gaveta com força; derrubando o relógio, que espatifa no chão.

Ainda no restaurante, Beth, embriagada, fala alto e gesticula animada. Ela conta para Ana que Thaís "mudou de time". Thaís: "Não 'mudei de time', Bethinha, só me abri pra outras possibilidades". Curiosa, Ana escuta Thaís contar que foi casada com o mesmo homem durante quase três décadas e que, de repente, se viu completamente apaixonada pela sócia. Ana: "E vocês tão juntas agora?". Thaís: "Não, foi uma dessas paixões efêmeras, mas percebi que eu tava postergando o fim de um casamento completamente falido" e comenta que tem achado os homens da idade delas uns brutamontes: "Infantis, pouco disponíveis pra trocar, pra se repensar... Não vejo graça nenhuma!". Beth: "Realmente, às vezes acho meus meninos mais maduros que o próprio pai" e ri sozinha. Ana fica pensativa, Thaís repara.

As três continuam conversando sobre relacionamentos. Beth comenta que é difícil se reinventar depois de tanto tempo casada. Ana, melancólica: "É complicado mesmo... principalmente depois que os filhos saem de casa. A dinâmica muda totalmente e você se vê de novo numa vida a dois com uma pessoa que muitas vezes parece um desconhecido". Interrompendo, Beth se levanta para ir ao banheiro: "Acho que tá na hora de ir embora, né minha gente? Já tô mais pra lá, do que pra cá! Vou pagar minha parte, vocês ficam mais?". Ana olha pra Thaís e diz que toparia uma saideira. Thaís sorri: "Com prazer".

Na frente da televisão, João assiste a um programa de auditório de baixo nível enquanto toma uma dose de cachaça. Exaltado, o APRESENTADOR (39) olha para a câmera e lança uma série de perguntas em tom inquiridor: "E você?! Se considera uma pessoa capaz?! Ambiciosa?! Quais são seus maiores objetivos?! Seu maior sonho?! Vá em busca do que você ainda não alcançou! O futuro é hoje, meu amigo! E pra vencer é preciso foco, determinação, persistência!". Apático, João desliga a TV.

O bar já está mais vazio. Ana, diferente do início da noite, se vê mais solta e à vontade. Ela conta animada sobre os painéis do último congresso que participou: "Nossa, desculpa, desembestei a falar, né? Faz tanto tempo que não contava pra alguém sobre meu trabalho...". Thaís: "Pode continuar, tô adorando te ouvir. É bom quando a gente gosta do que faz, né?". Com leveza e cumplicidade, as duas seguem conversando sobre assuntos variados como se há tempos se conhecessem.

Em casa, João escova os dentes enquanto toma banho. Ele se senta no chão do box e, escondendo o rosto entre os joelhos, começa a chorar.

Um táxi para em frente ao sobrado. Ao se despedirem, Ana e Thaís se olham em silêncio por alguns segundos. Ana: "Brigada por essa noite. Tá até difícil de sair do carro...". Thaís sorri, se aproxima e dá um beijo na boca de Ana que, apesar de surpresa, não recua.

Ana entra no quarto de casa, tira a roupa e deita ao lado de João que, sonolento, a abraça. Ana o abraça de volta. Os dois dormem juntos.

FIM



PIPO

Um grupo de homens sessentões se reúne para o último encontro de *crossdressing*. Durante o jantar regado a vinho, os cinco amigos divertem-se ao lembrar histórias dos anos em que experimentaram libertar-se de amarras e transitar entre os gêneros. Porém, o que era para ser uma noite nostálgica e alegre, acaba tornando-se um verdadeiro pesadelo na violenta cidade de São Paulo.

ARGUMENTO

Em uma sala de reunião de uma agência de publicidade, CAMILO (64) e seu SÓCIO (51) se reúnem com outros SETE HOMENS ao redor de uma grande mesa oval. Sobre a mesa, xícaras de café Nespresso, mini croissants acompanhados de geléia de apricot e macarons de cores variadas. Imagens de mulheres negras e voluptuosas - todas seminuas -, são exibidas na Smart TV 4K LED de 65 polegadas. Em seguida, são mostradas imagens de uma garrafa despejando cerveja preta lentamente em uma taça tulipa. Abaixo, o slogan da campanha: "Gostosa e encorpada... Vai ser impossível resistir a essa morena". Ao invés de olhar para a TV, Camilo admira GUILLE (53), o Diretor de filmagem. Terminada a apresentação, Camilo e seu sócio aprovam o trabalho e todos aplaudem, satisfeitos. Enquanto a equipe se despede, Camilo se aproxima de Guile e em tom acintoso, pergunta: "Tem planos esse sábado?". Guile fica sem reação.

No escritório de casa, um ambiente decorado com estantes de livros e escrivaninha de madeira nobre, PIPO (67), sentado em sua poltrona de couro ao lado da gravura Cavalheiro Mítico, de Marcelo Grassmann, conversa atento e cuidadoso com uma paciente pelo telefone: "Eu não costumo deixar prescrições médicas na portaria, Ana... Mas saiba que as portas estão abertas caso você sinta a necessidade de vir antes da sua próxima sessão de análise". Ao desligar, Pipo vai para a sala, onde está RAQUEL (48). Ele se aproxima e dá um apertão na bunda da esposa que, concentrada, continua a ouvir um áudio de WhatsApp. Uma notificação de mensagem aparece no celular de Pipo e ele se afasta discretamente. Mensagem: "Comprei uma champanhe e uns queijos pra gente. Te pego às 18h, ok?".

Sentado no chão do box de seu banheiro conceitual e minimalista, EDU (65), bastante concentrado, raspa os pelos da perna com uma lâmina de barbear. Depois do banho, com a

toalha enrolada na cintura, ele tenta desentupir o ralo, lotado de pelos. Chega uma mensagem de áudio de sua ex-mulher: "Edu, você pode responder as minhas mensagens ou vai ficar me ignorando?...". Incomodado, Edu pausa o áudio antes de ouvir a mensagem até o fim e, atrapalhando-se, derruba no chão do box o creme de barbear e o shampoo, que começa a vazar, piorando a bagunça.

Em um porta-retrato digital, vemos uma sequência de fotos de MATHIAS (65) e LEO (63) felizes e apaixonados, em viagens que fizeram ao redor do mundo. Na sala, em silêncio, Mathias arruma cuidadosamente a mesa: cinco taças, torradas e patês variados. Do sofá, Leo dá palpites em tudo, controlando cada passo do marido. Mesmo incomodado, Mathias não diz nada. A campainha toca. Sem se mexer, Leo espera que Mathias abra a porta. Abrindo a porta, Mathias: "Não podia chegar em melhor hora!". Com uma garrafa de vinho na mão, Edu o cumprimenta com um abraço carinhoso e entra. Leo levanta, Mathias começa a servi-los de vinho e os três começam a conversar. A campainha toca novamente. Olhando para Leo, Mathias, irônico: "Pode abrir amor, fica à vontade". Assim que abre a porta, Pipo e Camilo aparecem animados trazendo a champanhe e os queijos.

Empolgados, enquanto petiscam e bebem vinho, os cinco amigos se juntam na sala em torno de uma mala. Leo: "Agora sim podemos reabrir a Transbag!". No chão, eles abrem a mala cheia de vestidos, saias, blusas esvoaçantes, perucas, maquiagens e sandálias de salto alto.

Na suíte de visitas do sofisticado apartamento, situado nos Jardins, os amigos se produzem. O clima é de zona e euforia. Com enormes brincos dourados e peruca loira, Leo se esforça para igualar a intensidade do blush das duas bochechas. Já Camilo, com o rosto todo branco e delineador nos olhos,

contorna os lábios de lápis marrom claro com muita destreza. Sentado na cama, Pipo testa diferentes sandálias e chega a conclusão que não vai conseguir se equilibrar em nenhuma delas: "Se tivesse que fazer a Via Crucis de salto alto, Jesus desistia!". Todos riem, menos Mathias, que acompanha com atenção um tutorial no YouTube de como fazer um turbante afro. Camilo, tirando sarro: "Cuidado! Essa sua roupa vai gerar polêmica nas redes, hein. Os chatonildos dos politicamente corretos vão cair em cima!". Mathias ri. Depois de conseguir ajeitar as partes íntimas no maiô tomara que caia, Edu exhibe as pernas atentando para o fato de estar depilado: "Por essa vocês não esperavam!". Os amigos vibram.

Pipo estoura a champanhe. Ao som de *Girls Just Want to Have Fun*, de Cyndi Lauper, uma por vez atravessa a sala, desfilando pela passarela improvisada. Enquanto isso, as outras assistem, gritam e aplaudem. DUDA (Edu), com o corpo lambuzado de óleo iluminador, entra correndo como se estivesse fazendo *cooper* na praia. Fingindo estar suada e cansada, solta o rabo de cavalo de sua peruca, tira a saída de banho e olha para o horizonte como se fosse dar um mergulho no mar; CHIEKO (Camilo) entra com seu kimono tradicional japonês de seda e maquiagem impecável. Com passinhos curtos, a gueixa brinca fazendo um jogo sensual de mostra-esconde com seu leque; De barba e com uma peruca ruiva, JESUSA (Pipo) atravessa a passarela com a ajuda de seu cajado. Quando chega na outra ponta, levanta o manto com suas enormes unhas postiças marrons cintilantes e exhibe a coxa de forma exageradamente sensual; Extremamente charmosa, a NEGRA BI (Mathias) atravessa a sala girando seu saiote enquanto faz oferendas com plantas, muito similar a entidade da Umbanda Pomba Gira; Por último, com um cachorrinho de pelúcia no colo, MILU (Leo) entra vestindo uma mini saia branca de couro, uma blusa voal de oncinha e peitos postiços.

Na rua, os cinco entram atabalhoados no Uber. Um outro carro passa e dois homens gritam: "Suas gostosas!" e "Se tivesse buceta, eu chupava!". Enquanto Leo fica constrangido e entra depressa no automóvel, Camilo responde com uma voz aguda: "Vem checar, amor!" ao mesmo tempo em que Edu, irritado, grita: "Vão cuidar da vida de vocês, seus imbecis!".

Quando chegam ao restaurante, um estabelecimento chique e badalado na região da Paulista, os cinco crossdressers logo se tornam o centro das atenções: as pessoas sorriem e acenam para eles como se fossem celebridades. O GERENTE (36) os recebe e os direciona para a mesa reservada. No caminho, eles fazem caras e bocas e mandam beijos e piscadelas para os clientes.

Já sentados à mesa, com a taça de vinho erguida, Pipo: "Depois de nove maravilhosos anos, um brinde à nossa última noite de cross!". Inconformado, Camilo diz que não concorda com essa história deles pararem com os encontros de montagem: "Vocês não viram? As pessoas amam a gente. Vocês tão inventando problema onde não tem. Ninguém tá se sentindo desrespeitado!". Leo: "Você vai começar de novo?". Mathias: "Eu concordo com o Camilo. E, entre amigos, não vejo problema nenhum a gente se expressar. Cada um pensa de um jeito, Leo". O clima azeda. Edu: "Olha, nos nossos últimos encontros duas travestis - ou 'transexo', sei lá eu - vieram falar que a gente estava tirando sarro delas". Pipo: "É, antes existia a questão da experimentação e tal, mas agora tudo se resume a diversão". Leo, didático e prepotente: "Exato. O debate sobre essas questões de gênero e sexualidade avançou muito nos últimos tempos. O que pra gente é fantasia, pra outras pessoas é identidade. Já está decidido que vamos parar. Podemos não estragar o jantar, gente?".

Enquanto saboreiam as entradas, Mathias, nostálgico: "Mal

sabe seu paciente que foi ele quem proporcionou tudo isso, hein, Pipo!". Edu: "Como assim? Achei que tinha sido ideia da Lucinha!". Pipo diz que não, que naquela época atendia um paciente transgênero que estava começando a se assumir publicamente: "Foi lindo acompanhar essa libertação e eu fiquei encafifado pensando em como seria experimentar me vestir de mulher mesmo sendo hétero". Leo: "Pois é! Daí um dia a Lúcia convida a gente pra jantar na casa deles e quando Pipo abre a porta, a gente dá de cara com ele usando um vestido dela!". Pipo, rindo: "Seus olhos quase saltaram fora, nunca vou me esquecer!". Mathias: "Esse dia foi demais! A Lucinha era ótima!". Os amigos concordam, saudosos da amiga que faleceu. Pipo: "Pois é, já a Raquel é mais conservadora".

Os cinco relembram histórias de encontros de cross enquanto esperam pelo prato principal e enchem a cara de vinho. Camilo comenta sobre a primeira vez que eles se montaram, mas não tiveram coragem de sair na rua: "Que vergonha daquele dia! Nunca vi uma produção tão capenga!". Mathias diz que foi ótimo: "Você só tá falando isso porque nunca tinha colocado um salto, torceu o pé antes do desfile e teve que passar a noite sentado no sofá fazendo gelo!". Todos riem. Edu acorda-se da primeira vez que eles saíram em público e foram jantar em um restaurante na Rua Avanhandava, no Centro: "Mesmo sendo um lugar supostamente mais descolado, a gente causou um reboliço que só". Camilo, brincando: "Querido, naquela época nem existia Ru Paul! Óbvio que as pessoas ficaram impressionadas de ver cinco velhos travestidos!". Todos riem. Pipo se recorda que nesse dia Leo não queria sair do táxi de tanta vergonha dos clientes. Mathias: "E o Edu então? Que ficou super acanhado depois que aquele homem passou a mão na bunda dele?". Edu: "Nossa, isso foi traumático. Se só por tá vestido de mulher os caras acham que podem fazer uma coisa dessas, imagina o que a mulherada não passa!".

Ao sair do banheiro, Leo, embriagado, observa a placa de cor azul com o símbolo masculino. Leo se ausenta por um momento, volta com uma caneta e desenha um vestido por cima do símbolo. Nesse mesmo instante, um JOVEM (27) sai do banheiro e lança um olhar de reprovação para Leo.

O jovem atravessa o salão e senta-se na mesa com ISABEL (24). Jovem: "Já reparou naquelas bichas ali?". Isabel vira o corpo para olhar e imediatamente reconhece Edu, seu pai. Mathias cruza olhares com a garota e logo avisa Edu da presença da filha. Animado, Edu a chama para perto gesticulando com as mãos. Jovem: "Ele acenou pra você?!". Morta de vergonha, Isabel nega e discretamente pega o celular. Em sua mesa, Edu abre a mensagem de WhatsApp da filha: "Pai, sério, te mato se vc estragar meu date!". Edu e os amigos caem na gargalhada.

Já bastante bêbados, os cinco amigos conversam sobre a viagem de Réveillon que fizeram juntos para Portugal. Mathias rememora a noite em que chegaram no hotel montados depois de muito vinho e bacalhau à Bras: "A gente pedindo pro taxista deixar os faróis do carro acesos pra tirar a foto porque o flash da máquina tinha quebrado foi impagável!". Indelicado, Leo interrompe o marido: "É disso que você se lembra?! Eu lembro do absurdo que foi o gerente do hotel vindo pedir 'delicadamente' pra gente não repetir o feito porque a 'distinta clientela' poderia se incomodar com as 'fantasias'".

Enquanto terminam a sobremesa, um GRUPO DE AMIGOS na faixa dos vinte e poucos anos se aproxima antes de ir embora, pedindo para tirar selfies. Animados, os crossdressers se levantam quase tropeçando e fazem poses exageradas para as fotos. Os jovens agradecem, dizendo que eles são incríveis. A GARÇONETE (33) interrompe deixando a conta em cima da mesa: "Desculpem, mas o restaurante tá fechando". Pipo,

olhando para a bunda da mulher: "Mas já? Que pena".

Na rua, enquanto esperam os táxis, os amigos se abraçam, bêbados e fazem declarações de amor.

Pipo e Camilo dividem um táxi. O taxista começa a falar sobre o campeonato paulista. Envolvido, Pipo conta que é são paulino: "Acho que a gente leva!". Entediado, Camilo abre uma mensagem de Guile: "Acho que você não tá entendendo, eu não curto misturar trabalho e vida pessoal. Gostaria que vc me respeitasse".

Em silêncio, Mathias e Leo pegam o elevador. No *hall* de entrada, enquanto Mathias procura as chaves para abrir a porta do apartamento, Leo comenta que por sorte esse foi o último dia de cross: "Fiquei com vergonha de você sair vestido assim. Isso é apropriação cultural, não fantasia". Num rompante, Mathias: "Que inferno! Você tá insuportável! Esse seu jeito de falar é de uma arrogância, de uma agressividade... Tudo o que eu faço te incomoda, não aguento mais!". Embasbacado, Leo fica sem respostas.

Sentado na cama, ainda de maiô tomara que caia, Edu abre o áudio da ex-mulher: "Edu, você pode responder as minhas mensagens ou vai ficar me ignorando? Vamos conversar sobre o que aconteceu, por favor? Por que pra você é tão difícil...". Edu novamente interrompe o áudio antes que ele termine. Encolhido na cama, começa a chorar.

No táxi, depois de deixar Camilo, Pipo pergunta se eles podem parar em algum posto que tenha uma loja de conveniência para comprar um maço de cigarros.

Enquanto paga pelos cigarros, Pipo pede para usar o banheiro. A FUNCIONÁRIA (22) entrega as chaves e avisa que o banheiro fica aos fundos. A caminho do banheiro, Pipo passa por um

grupo de TRÊS HOMENS que termina de abastecer um carro tunado. Os homens começam a insultá-lo. Bêbado, Pipo retruca: "Vem chupar minha rola!".

Enquanto Pipo faz xixi, alguém tenta abrir a porta com força. Pipo: "Tá ocupado". Arrombando a porta, o HOMEM 01 (19) pergunta: "Que que cê falou, tio?!". Logo atrás dele, aparecem os outros dois homens. Em tom de enfrentamento, Pipo responde: "Falei pra você chupar o meu pau. Ouviu agora?". Empurrando Pipo no chão, o HOMEM 02 (21): "Quer dizer que essa bicha véia tá querendo pagar de macho?!". Os homens continuam a insultá-lo. Quando Pipo tenta levantar, o HOMEM 03 (18) mostra um revólver. Os Homens 01 e 02 se entreolham, assustados. Acelerado, o Homem 03 se agacha em frente a Pipo, tira o revólver da cintura e coloca a arma dentro da boca de Pipo: "Quem vai chupar a rola de quem mesmo?". Homem 02: "Mano, vamo embora, vai. Deixa esse bosta aí". O Homem 03 ignora e continua a ameaçar Pipo, agora sem reação. Nervoso, o Homem 02 se aproxima abruptamente na tentativa de afastar o amigo de Pipo.

Som de tiro; tela preta.

Em uma tarde ensolarada, canais de televisão e fotógrafos da imprensa cobrem a massa de pessoas que se reúne em uma manifestação em frente ao posto de gasolina onde Pipo foi assassinado. Abalada, Raquel, viúva de Pipo, dá um depoimento para uma das equipes de filmagem. Concentrado, Camilo organiza junto às pessoas da agência os registros do ato. De mãos dadas a Isabel, Edu chora copiosamente. Sentados na calçada, Mathias e Leo se consolam em um abraço carinhoso. Ao redor, pessoas seguram flores, bandeiras LGBTQI+ e cartazes com as frases: "Parem de nos matar", "Em luta pela liberdade de existir", "Eu não quero ser estatística!" e "Criminaliza STF!". Liderada pelos quatro amigos e Raquel,

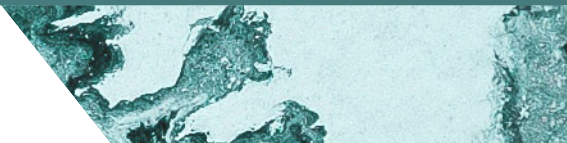
a marcha sai ressoando pelas ruas e agregando mais e mais pessoas por onde passa.

FIM



ANDRÉIA

Em meio à sofisticada celebração do aniversário de oitenta anos da vó Cecília no casarão da família quatrocentona Nogueira Marinho, Andréia observa o vôdrasto Abílio e seus discretos assédios contra as mulheres à sua volta. Registrando tudo em seu celular, a garota aproveita a hora do parabéns para ‘destapar a panela de pressão’.



ARGUMENTO

QUATRO EMPREGADAS, todas vestidas com o mesmo uniforme, decoram as mesas dispostas pelo jardim da casa. O octogésimo aniversário da VÓ CECÍLIA será comemorado pela família paulista quatrocentona Nogueira Marinho. Com cuidado e delicadeza, as empregadas cobrem as mesas com toalhas de linho ponto ajour. Elas dispõem os pratos de porcelana Limoges, os talheres de prata de lei, as taças Chenonceaux e ajeitam os enfeites minimalistas de flores sobre cada uma das mesas. DINHA (47), uma das serventes, perde o equilíbrio de sua bandeja e deixa uma das taças de cristal espatifar-se no chão.

Créditos iniciais.

ANDRÉIA (17) chega à festa um pouco atrasada e, desajeitadamente, tenta cumprimentar FELIPE (7), CAROL (9) e MIGUEL (11) - seus primos e irmão mais novo -, que se divertem na piscina atirando uns nos outros com suas modernas pistolas d'água enquanto encenam graves ferimentos e mortes trágicas. Carol fica um pouco deslocada na brincadeira comandada pelos meninos.

Andréia vai em direção aos tios GUSTAVO (58) e MICHELLE (46) - um engenheiro petulante e uma dermatologista botocada -, que comentam com seus outros tios, CLÁUDIA (49) e MAURO (48) - donos de uma agência de viagens -, como Dubai vista do Burj Khalifa é uma "must have experience" .

FLÁVIO (53) e HELENA (51), pais de Andréia, ainda que muito bem vestidos, são mais despojados que os demais adultos. Eles se aproximam da garota e cochicham sobre como o senso estético dos tios é duvidoso, pra não dizer deplorável. Flávio comenta que Cecília já perguntou por ela algumas vezes. Andréia se desculpa pelo atraso e vai à procura da avó.

Ao entrar na casa, a garota esbarra com o vôdrasto ABÍLIO (83). Discretamente, ela ajeita a blusa para que seu colo fique menos a mostra. Abílio se aproxima, sempre acompanhado de seu copo de whisky, e a comprimenta com um abraço demorado.

Não percebendo a presença de Andréia na cozinha, Cecília segue dando instruções à governanta CARMELITA (69) e à uma das empregadas, MARA (34): “Eu sei que já falei isso mais cedo, mas muito cuidado com as Chenonceaux, já foram vendidas. Não pode haver uma lasca sequer”. Carmelita e Mara se entreolham, apreensivas. Andréia cumprimenta apenas Cecília, que muda de assunto rapidamente. A garota dá um abraço carinhoso na avó, desejando parabéns. Cecília retribui com o mesmo carinho e diz ter um presente para a neta, apesar do aniversário ser dela.

Na biblioteca, Cecília entrega uma coleção de livros de medicina e comenta estar animada com a futura colega de profissão. A garota sorri, e diz que ainda não sabe se vai seguir a cardiologia. Cecília: “Aposto que sim. Você sempre foi muito parecida comigo, Dedéia. Em tudo!”. Elas se abraçam novamente, demonstrando muito afeto uma pela outra.

O clima da festa é agradável. A família se diverte em volta da piscina. Os adultos conversam enquanto bebem vinho e apreciam quitutes; e as crianças agora se entretêm tirando fotos debaixo d’água com as caixas estanques de iPhone dos gêmeos idênticos DAVI (14) e ESTÉFANO (14). Da beira da piscina, Abílio diverte a todos com seu jeito brincalhão.

Sentados nas espreguiçadeiras, Andréia e seus primos mais velhos, JULIANA (21) e BRUNO (25), tomam sol hipnotizados por seus celulares. Abílio se aproxima e senta-se na mesma esteira de Juliana, que chama atenção por seus seios

torneados de silicone. Abílio a elogia, enquanto percorre os dedos pela alça de seu biquíni: “Sempre achei mulheres com marca de sol mais charmosas”. Juliana sorri, desconcertada, e agradece. Bruno segue absorto pelo *feed* do Instagram. Indignada, Andréia, que está com o celular na mão, filma a situação sem que ninguém perceba.

Com as empregadas a postos para servir o almoço, Gustavo propõe um brinde. Num discurso formal e pomposo, ele diz como é gratificante ver todos reunidos e que “espera, fortemente, que o amor continue sendo o que move a família Nogueira Marinho, uma família tradicional, respeitada e querida por muitos”. Cláudia ameaça começar uma fala, mas logo é interrompida por seu outro irmão, Flávio. Percebendo o incômodo da enteada, Abílio se aproxima e acaricia sua nuca. Atenta aos movimentos de Abílio, Andréia o filma novamente. Flávio tira sarro da cafonice do irmão e diz que na verdade, tudo isso só é possível graças a sua mãe: “mulher de pulso firme, que sempre foi atrás dos seus sonhos, construindo uma carreira respeitável e uma família incrível”. Todos se emocionam. Flávio continua seu discurso, comentando que não pode esquecer de agradecer a Abílio, homem que sempre esteve ao lado de Cecília e que acolheu seus filhos e netos como se fossem seus. Abílio e Cecília se entreolham com ternura. Todos aplaudem. Abílio pede um momento, diz que Cláudia também tem algo a dizer. Desconcertada, Cláudia agradece: “Bom, na verdade acho que eles já falaram tudo, eu só tenho a te desejar um feliz aniversário, mãe. Amamos você.” Todos brindam e se sentam para comer.

Na mesa dos primos mais velhos, Bruno e Juliana se mostram decepcionados com o menu. Juliana: “Preferia muito mais quando a vovó contratava aquele *buffet*”; Bruno: “Nossa, era topzera! Essa comida aqui tá meio de pobre” .

Andréia não interage, e segue o vôdrasto com os olhos.

Abílio puxa a cadeira e senta-se ao lado de Michelle. Apoiando a mão em sua coxa, Abílio pergunta como vai a clínica. Sem graça, Michelle diz que as coisas estão caminhando bem. Gustavo retorna com um copo de whisky na mão e entrega ao padrasto. Como se nada tivesse acontecendo, Abílio retira a mão da perna de Michelle e diz que tem certeza que o empreendimento será um sucesso. Gustavo dá um beijo na bochecha da mulher e agradece ao padrasto por ter investido no negócio.

Afundada no sofá da sala, Andréia assiste ao vídeo de Abílio e sua tia em *looping*. Helena aparece e diz que a filha deveria participar mais da festa. Andréia a ignora e percebe que Abílio e seu pai entram no escritório discretamente.

Abílio e Flávio conversam sobre a delicada situação do escritório de arquitetura de Abílio do qual Flávio se tornou sócio. Cheio de dedos, Flávio diz que procurou o subprefeito e que eles conseguiriam dar um jeito de agilizar os trâmites da obra. Abílio logo o intercepta: "Isso tá fora de cogitação, Flávio. Enquanto eu estiver vivo, esse tipo de conduta será inaceitável dentro do meu escritório". Dinha interrompe a conversa e diz ao patrão que a encomenda finalmente chegou. Abílio sai da sala, deixando Flávio desconcertado. Curiosa, Andréia segue o vôdrasto.

Na cozinha, Abílio desembulha o bolo de aniversário de Cecília: "É esse mesmo! Exatamente como eu me lembrava!". Entusiasmado, diz que a esposa não vai acreditar quando vir o mesmo bolo de décadas atrás. Mara coloca a vela de 80 anos sobre o bolo e ao lado, põe uma flor: "Gosta, Seu Abílio?". Abílio sorri satisfeito e solta um tapa na bunda da empregada, que fica sem reação.

A sós, Mara pergunta à Carmelita se o patrão já a pagou esse mês. A governanta responde que não e diz que "o doutor tem tanta coisa séria pra cuidar que deve ter se esquecido". Mara logo retruca, diz que seu salário tá longe de ser brincadeira.

Andando na sala de um lado para o outro, Andréia decide enviar os vídeos que gravou para um grupo de amigos do WhatsApp. Andréia: "Olha que sem noção meu vôdrasto. Toda reunião de família é assim, bizarro... Tô muito puta". Imediatamente, mensagens começam a pipocar:

Amiga 1: QUE PORRA É ESSA?!?!

Amiga 2: Amiga, vc precisa fazer alguma coisa! Fala com a sua mãe, sei lá...

Amigo 1: Que escroto esse véio, meu deus!

Amigo 2: Puta gostosa essa sua prima, hein, Déia! Apresenta ela pros brothers ;)

Amiga 3: Nossa, que bad. Mas cara, relaxa, vc tá na festa de 80 anos da sua vó, deixa quieto...

Amiga 4: Áudio de um funk feminista da Mc Carol e Karol Conká.

Em câmera lenta, as empregadas aproximam-se trazendo o bolo. Ao som de "100% Feminista", Andréia levanta os olhos do celular. As velas acesas soltam faíscas; as crianças correm com bexigas coloridas; os adultos batem palma enquanto movimentam a boca no "Parabéns à você". A família se reúne, emocionada, ao redor da mesa. Com os olhos cheios d'água, Cecília assopra a vela.

A avó corta o bolo: "O primeiro pedaço vai para esse homem que há quarenta e oito anos me prega as melhores peças. Essa, com certeza, a mais saborosa delas". Todos sorriem. Cecília pede que Andréia leve o pedaço à Abílio. A garota caminha até o vôdrasto que agradece puxando a menina para um abraço. Num gesto de repulsa, Andréia aperta o bolo

contra o peito de Abílio e encara a família: "Há quarenta e oito anos esse homem se aproveita das mulheres dessa família. Há quarenta e oito anos ele assedia minhas tias, minhas primas e à mim". Direcionando-se à Helena: "Mãe, aquele dia do banheiro você viu e não falou nada. Todas vocês sabem e não falam nada". Virando-se para Abílio: "Eu tenho nojo de você". Todos ficam perplexos, em silêncio absoluto. Sóbria, Cecília caminha até Abílio, pega um guardanapo e limpa sua camisa. Ninguém diz uma palavra.

Na garagem da casa, sentada em um dos carros, Andréia chora de nervoso. Helena se aproxima. Andréia a olha, esperando algum tipo de acolhimento. Helena: "Onde você tava com a cabeça? Você sabe tudo o que pôs em risco fazendo esse showzinho que você fez?". Silêncio. Helena continua: "Espero que você arranje um bom jeito de se desculpar". Helena se retira. Andréia permanece sozinha, em silêncio, por alguns segundos. Então, aperta a buzina do carro longamente e levanta os olhos, satisfeita.

FIM

A young woman with voluminous, curly brown hair is smiling broadly, looking off to the right. She is wearing a white sleeveless top and a blue lanyard with a small pendant. The background is a lush field of white flowers, possibly daisies, under bright sunlight. The image is framed by a dark, semi-transparent geometric overlay that cuts across the scene.

LENA

Recebendo os avós que moram longe, Lena aproveita para apresentar a namorada, Valentina. No jantar, em meio a situações embaraçosas e um tanto cômicas, as duas expõem o desejo de terem filhos. Espantada, a avó questiona o por que de um casal lésbico querer constituir uma “família normal”. A discussão que se instaura traz à tona o passado cheio de contradições da família.

ARGUMENTO

No pequeno carro, a família entediada enfrenta o trânsito da Radial Leste. Nos bancos da frente estão LENA (25) e sua mãe CRISTINA (51). Nos de trás, espremidos entre as malas, a avó MARIA AUXILIADORA (73) e o vodrasto VIEIRA (78). Com o sotaque cearense carregado, Auxiliadora puxa assunto fazendo a típica pergunta à neta: “E a senhorita está namorando, é?”. Timidamente, Lena responde que sim. A avó então pergunta o nome dele e Lena diz, quase engolindo as palavras: “Valentina”. Num salto, Auxiliadora vira-se para o velho marido: “Mas Vieira, ‘Valentina’ é nome de mulher”. Vieira acena a cabeça confirmando, tranquilamente, e volta a olhar o movimento pela janela. No volante, Cristina não tira os olhos do trânsito, evitando a situação.

Créditos iniciais.

As toalhas de mesa xadrez, os garçons devidamente uniformizados, a música típica e o cheiro de queijo no ar caracterizam a tradicional cantina italiana. Lena e VALENTINA (29) atravessam a longa fila de espera do restaurante. Claramente produzidos para a ocasião, Cristina, Auxiliadora e Vieira acenam para elas com entusiasmo. As duas garotas sentam-se à mesa um pouco nervosas, mas a família recebe Valentina com carinho. Dando um abraço apertado na menina, Auxiliadora: “Ouvimos muito falar de você!”.

Crianças correm entre as mesas e adultos falam alto, tornando o ambiente um tanto caótico. Antes mesmo de pedir as bebidas, Auxiliadora não se contém e desanda a perguntar tudo sobre a vida de Valentina. Lena brinca tentando freá-la: “Eita, enxerida!”. Todos riem. Voltando-se para Valentina, Cristina comenta: “É essa empolgação toda vez que ela vem pra São Paulo”. Valentina sorri, ainda tímida.

A família se diverte e Valentina não demora a se entrosar.

Enquanto lambuza o pão de sardela, Auxiliadora, que já é o centro das atenções, conta a Valentina que conheceu Vieira há treze anos: "Foi no clube da terceira idade... Naquela época ele tinha um fogo na cueca que só!". Todos riem. Vieira dá um beijinho na bochecha de Auxiliadora e, em resposta, ela dá um selinho nele.

Os cinco seguem devorando as entradas enquanto Auxiliadora conta sobre a aventura que foi a lua de mel no Pantanal: "Eu queria fazer uma surpresa e comprei as passagens sem que ele soubesse... mas comprei pra novembro, época de chuva! Ele ficou uma fera...". E faz um gesto com a mão, como se estivesse cortando o próprio pescoço. Irônico, Vieira: "Fiquei não, meu doce... Mas que não vi metade dos animais que gostaria, não vi!". Rindo, Lena conta a Valentina que Vieira é biólogo. A namorada sorri e comenta que os dois são muito fofos.

Suculentas travessas de lasanha chegam na mesa. Auxiliadora serve Vieira, que aproveita o silêncio para perguntar o que Valentina está estudando. Valentina: "Terminei a faculdade de Economia e logo vi que não tinha nada a ver comigo. Então, desde o ano passado, faço um curso de formação em rolfing ". Percebendo a cara de interrogação dos avós, ela explica brevemente que é uma técnica de integração corporal desenvolvida por uma americana. Animada, Cristina: "Daqui uns anos vou levar a turma da dança pra se consultar com você!". Valentina sorri.

Na mesa ao lado, uma criança começa a chorar, com sono. O barulho toma conta do salão. Cristina entretém o menino com caretas e brincadeiras e, virando-se para a mesa, comenta despreziosamente que gostaria de ser avó logo. De imediato, Auxiliadora olha para a neta: "Mas a única opção nesse caso seria a adoção, não?" e enfia uma grande colherada

de pudim na boca. Cuidadosa, Lena diz que também existe inseminação artificial e, passando o braço carinhosamente por trás de Valentina, conta que as duas pensam nisso. De esguio, Auxiliadora olha ao redor para ver se alguém no restaurante notou. E, sussurrando, pergunta: "Mas vocês duas pensam em engravidar?". Valentina acena afirmativamente, provocando o maior desconforto na senhora. Em silêncio, Vieira continua apreciando sua sobremesa. Tentando evitar que o clima pese, Cristina diz que as meninas ainda tem tempo para pensar na opção que melhor cabe a elas: "Quando vocês tiverem lá pelos trinta, vocês veem como fazem". Entrando na lógica da mãe, Lena comenta que Valentina tem vinte e nove anos. Auxiliadora solta os talheres no prato e, exaltada, diz que não tem o menor cabimento elas fazerem uma 'coisa dessas' artificialmente. Sem que ninguém diga nada, a senhora se recompõe e explica didaticamente que uma família é constituída por pai, mãe e filhos. E apoiando-se na mesa: "Agora, por que vocês duas querem formar uma família normal?". Em silêncio, Valentina sente a brutalidade de Auxiliadora nas entranhas. Debaixo da mesa, Lena dá a mão à namorada.

Mantendo a calma, na tentativa de não estremecer a relação familiar, Lena pergunta à avó: "O que é ser 'normal'?". Sem resposta, a garota emenda algumas perguntas: "'Normal' em relação à quem? Qual é a referência? É a senhora? Sou eu? É meu pai, meu avô?". Auxiliadora olha para a neta, atenta. Amorosamente, Lena segura a mão da avó: "Você mesma, vó, por quanto tempo não ficou num lugar que muita gente condena? Sendo amante de um homem casado, pai de outra família...". Auxiliadora: "Não, mas é completamente diferente...". Lena: "Calma, deixa eu terminar meu raciocínio? Vocês tiveram a história de vocês, não tô querendo te julgar e acho que ninguém pode fazer isso. Você engravidou da mamãe, vocês formaram essa família,

e isso era o 'normal' pra você, certo?". Sucinta, Auxiliadora concorda com a cabeça. Lena: "Então, o que eu tô querendo dizer, é que não deveria existir uma só ideia de família...". A avó tenta encontrar argumentos: "Mas Lena, isso vai contra a natureza!". Interrompendo, o garçom pergunta se alguém gostaria de pedir café. Todos dizem que sim. Auxiliadora, complementa: "O meu curto, bem forte".

Retomando a conversa, Vieira: "É curioso... o reino animal têm comportamentos sexuais bem diversos. A monogamia é uma raridade... uma série de espécies tem comportamento homossexual e bissexual, e essa coisa de que o acasalamento é exclusivamente para fins reprodutivos é uma grande balela". Lena: "Pois é... Isso que você e tantas outras pessoas acham uma anormalidade, condenam e abominam é o que me faz feliz, vó". Auxiliadora: "Tá bom, Lena, eu acho que vocês podem gostar de quem vocês quiserem, mas tem que respeitar quem não entende". Lena, mais ríspida: "Eu não acho que eu, ou qualquer outra pessoa, mereça ser vista como uma aberração por amar e manifestar o amor desse ou daquele jeito". Cristina abraça a filha: "Não mesmo, filha. E, além disso, esse modelo 'ideal' de família é super romantizado e, na prática, bastante falido".

Tentando se posicionar de uma forma delicada, Valentina brinca: "No fundo a gente faz as coisas que qualquer outro casal faz: come pipoca no cinema, decide entre vinho branco ou tinto, discute quem vai tirar o lixo de casa...". Todos riem, um pouco nervosos. Lena olha para avó: "Enfim, vó, vai dizer que a gente não é uma família? O Vieira só chegou há treze anos e já é meu vô. Não porque a gente tem o mesmo sangue, mas porque a gente se ama". Tentando encerrar o assunto, Auxiliadora pergunta com ironia se Vieira realmente ama Lena. Todos riem e Vieira dá um beijo na testa da neta.

No banco de trás do carro, Valentina faz carinho no cabelo de Lena, que se vê exausta depois de toda a tensão do jantar. Ao lado delas, Vieira dorme profundamente, apoiado na neta. Cristina e Auxiliadora ouvem rádio no banco da frente. No ouvido de Valentina, Lena lamenta que pegou muito pesado com a avó.

Fim de semana, sol escaldante, churrasco na laje. Lena, Valentina e meia dúzia de amigos bebem cerveja enquanto se divertem na piscina de plástico ao som de cumbia. MIKE (25), um garoto gordo, entra na piscina com as pontinhas dos pés: "Gentchy, só uma piscina mesmo pra apagar esse fogo que sobe de dentro de mim!". GIU (26) dá um tapa na bunda dele e diz que prefere o fogo aceso. Todxs riem. BRUNA (26) vira-se para namorada: "Puts, acabei de ver que esqueci o limão que cê tinha pedido pra caipirinha, Pri". PRI (24): "Serião? Não tem uma vez que cê não esquece alguma coisa, né, mor?". Valentina comenta que também esqueceu de trazer cigarro e que pode dar um pulo no mercadinho da esquina para comprar tudo. Da piscina, Lena: "Pera aí que eu te acompanho, gata!".

No mercado, Lena e Valentina andam entre as fileiras de frutas e verduras até achar os limões. Um HOMEM 01 (52) fita as meninas enquanto carrega a cesta de compras. Antes de colocar as frutas na sacola, Valentina brinca fazendo um malabarismo meia boca. O Homem 01 não tira os olhos do casal. As duas se beijam, divertindo-se, sem perceber a presença dele. O Homem 01 se aproxima e, com raiva, empurra Valentina com força. Antes mesmo das garotas esboçarem qualquer reação, o HOMEM 02 (47) se acerca e empurra o primeiro: "Covarde filho da puta, vai bater em mulher, seu merda?!". Os dois começam a se xingar e se agredir, derrubando o que está ao redor. Rapidamente, uma roda de pessoas se forma envolta da briga que fica cada vez mais violenta, até que o Homem 01 cai no chão. Sem controle, o Homem 02 começa a chutar o Homem 01, que logo perde a

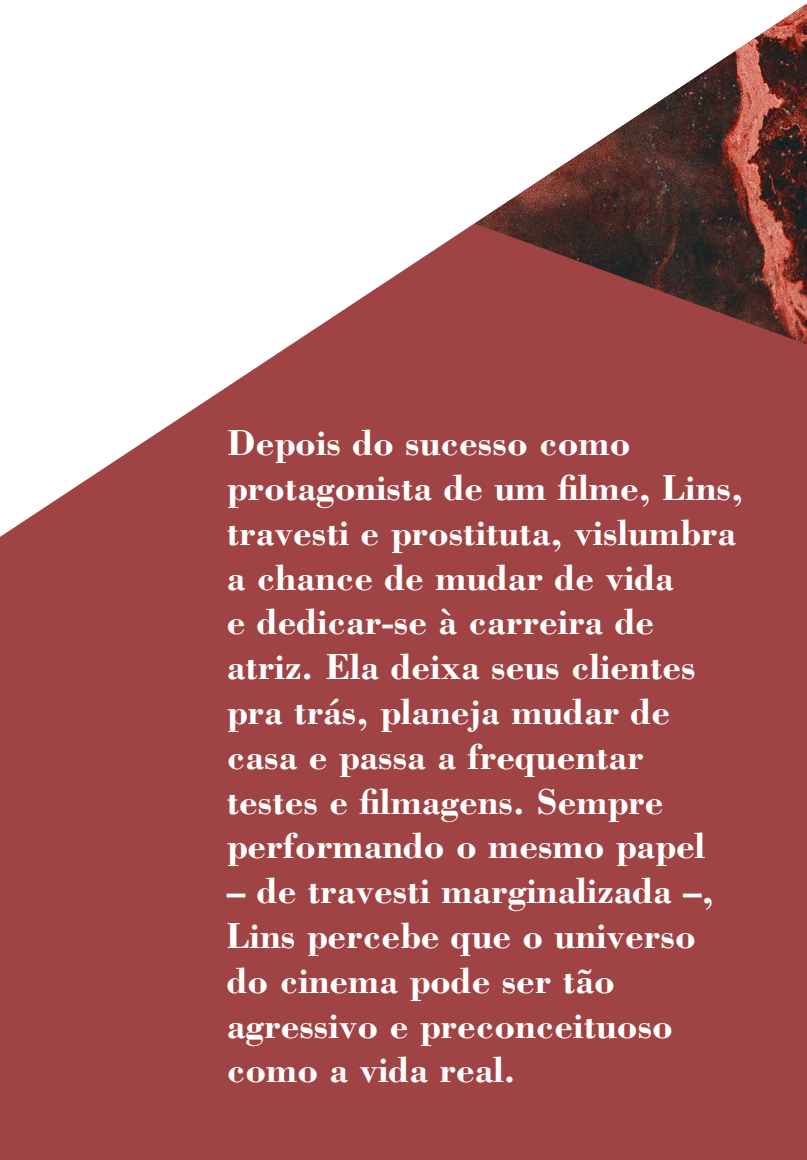
consciência. As pessoas se assustam e começam a chamar por ajuda. Em estado de choque, Lena e Valentina olham para o homem que as agrediu ensanguentado no chão. À força, três pessoas expulsam o Homem 02 do mercado, insultando-o pela violência. Lena e Valentina se afastam, sem saber como reagir.

Em silêncio, sentadas lado a lado no sofá de casa, Valentina e Lena tentam digerir o que acabou de acontecer. As duas se abraçam e Lena desata a chorar. Com carinho e vagar, Valentina começa a beijar seu rosto; depois seu pescoço e ombros; seu colo. Lena gosta. Os beijos vão descendo pela barriga, pelo ventre, até que se transformam em carícias mais calorosas. As duas começam a transar com amor. Uma transa demorada, intensa e apaixonada.

FIM



LINS



Depois do sucesso como protagonista de um filme, Lins, travesti e prostituta, vislumbra a chance de mudar de vida e dedicar-se à carreira de atriz. Ela deixa seus clientes pra trás, planeja mudar de casa e passa a frequentar testes e filmagens. Sempre performando o mesmo papel – de travesti marginalizada –, Lins percebe que o universo do cinema pode ser tão agressivo e preconceituoso como a vida real.

ARGUMENTO

Estúdio de teste de VT. Através do monitor, uma DIRETORA (42) assiste, indiferente, ao teste de uma ATRIZ (35). Não há cenário algum, apenas uma cadeira posicionada no centro do fundo infinito verde. Silenciosamente, a ASSISTENTE DE DIREÇÃO (26) se aproxima da diretora e cochicha: "Lins chegou".

O som da sandália de salto alto marca a entrada de LINS (48) no estúdio. Já de pé, a Diretora a recebe, animada: "Que bom que você veio! Parabéns, só tenho visto notícias boas do filme!". Vaidosa e brincalhona, Lins agradece dando uma voltinha e exibindo-se no vestido justo que pouco cobre as próteses de silicone no peito, coxas e nádegas. Suas mãos e pés são grandes, e as muitas plásticas em seu rosto confundem sua idade. Com a voz anasalada e aguda, Lins que diz que nunca imaginou tamanho sucesso: "O 'bapho' mais recente é que fui indicada ao prêmio de melhor atriz no Festival do Rio!". Como se já fossem amigas de longa data, as duas batem um papo antes de começar a gravação. Indicando a cadeira no centro do estúdio, a Diretora pergunta: "Vamos lá?".

Hotel cinco estrelas. Sentada em uma poltrona de design no lobby do hotel, Lins dá uma entrevista a um REPÓRTER (31) de uma revista de cultura e lazer. Minimalista, o ambiente ostenta no pé direito alto, valorizando os lustres pendentes e as grandes esculturas abstratas. Agora com um *look* elegante e maquiagem nude, Lins posa para o fotógrafo que acompanha a entrevista. Ao lado, uma equipe de maquiagem, figurino e produção. O Repórter comenta sobre a importância do longa-metragem no contexto político atual: "Fiquei sabendo que você virou a 'menina dos olhos' da preparadora de elenco! E olha que ela tem fama de ser super rigorosa!". Sorrindo, Lins responde com falsa modéstia: "Imagina,

querido! Agora que fui lançada nesse mundo 'glamour' do cinema, não vou largar nunca mais! Quero me aperfeiçoar e me dedicar inteiramente à vida de atriz”.

Corredor sombrio. Iluminada apenas por feixes de luzes azuis e verdes, Lins caminha com firmeza pelo longo e estreito corredor. A cada passo que dá, seus seios fartos saltam no decote do top branco.

Casa de Lins. De pé no meio da kitchenette, Lins e a amiga BIBI (34) planejam o futuro próximo. Apontando para a pequena televisão de tubo, Lins: “Na minha casa nova vai ter home theater, com caixas de som no teto pra dar todo aquele lance emocionante quando a gente vê os filmes!”. Apesar dos móveis gastos e das paredes encardidas, fotografias de paisagens genéricas e essências aromatizantes enfeitam e perfumam o ambiente. Bibi sugere que ela compre um apartamento na Vila Leopoldina, região que está cada vez mais ‘fervida’. Lins diz que antes quer ‘recuperar a dignidade’ perante a família e comprar uma casa pra sua mãe, que vive de aluguel no Embu. O toque do celular interrompe a conversa. É um cliente querendo marcar um horário para um programa. Convencida e irônica, ela responde: “Obrigada pelo convite, querido, mas mudei de *business!*”.

Estúdio de teste de VT. Atenta, Lins escuta as indicações da Diretora: “Agora olhando para a câmera, repete isso que você falou, das suas condições de vida antes de ir para as telas. Tudo bem natural, como se você tivesse falando com uma pessoa próxima, tá?”. Lins se concentra, espera o “Ação” e começa a contar que há um tempo atrás, ela e três amigas do ‘ponto’ conseguiram juntar um dinheiro e foram para a Itália: “Na época isso aí era moda. Todo mundo dizia que lá os homens davam preferência pras brasileiras e que como a gente ia ganhar em euro, não tinha jeito melhor de fazer

um bom ‘pé de meia’ e voltar pra cá ‘brilhando’. Mas não foi bem assim, né?! Eu dormia num quartinho asqueroso e me ferrava na beira da estrada”. Rindo, continua: “Os europeus não são essa finesse que o povo fala. Depois de dois anos nessas, um cliente me espancou quando viu que eu tinha esse ‘pau!’”. A equipe ri do jeito espirituoso com que Lins relata suas histórias. Animada, ela comenta: “Mas isso pra mim é coisa do passado! Minha vida é totalmente diferente agora! E ninguém quer ficar ouvindo ‘trava’ se lamentar, né?”. Insatisfeita, a Diretora pede que ela conte novamente a história, agora usando um tom mais carregado e traumático: “Precisamos de um depoimento natural, mas triste e comovente, Lins”.

Corredor sombrio. No final do corredor, Lins abre uma porta e entra num quarto soturno, iluminado por luzes néon amarelas e arroxeadas. O ambiente dispõe apenas de um colchão gasto. No canto, um vulto. Lins entra no quarto e fecha a porta.

Estúdio de teste de VT. Na saída do teste de VT, Lins cruza com um TÉCNICO DE FILMAGEM (45) que, dando uma secada de cima a baixo nela, diz: “Delícia!”. Esnobe, Lins responde: “Me conta uma novidade, amor” e continua andando.

Quarto soturno. Deitado no colchão, um HOMEM (59) maltrapilho e ensebado. Sem grandes cerimônias, Lins tira a blusa e a saia, apresentando um corpo que concilia seios fartos e pênis. A pele artificialmente bronzeada é repuxada nos pontos onde o silicone foi aplicado e flácida nas regiões não operadas. Os lábios, o queixo, as maçãs do rosto e os olhos possuem deformidades devido aos procedimentos cirúrgicos precários. Lins não tem um pelo no corpo.

Estúdio com cenário. Sob uma luz teatral e em meio ao um

cenário montado, Lins entra lentamente em cena e, com um olhar lascivo, encara o ATOR (31) de camisa social e cueca deitado sobre a cama. Exageradamente performática, ela inicia um *strep tease*. Atuando como se estivesse excitado, o Ator desabotoa a camisa enquanto percorre os olhos, apreciando cada parte do corpo de Lins.

Quarto soturno. Lins e o Homem transam selvagemmente. Não há nenhum traço de carinho ou de intimidade entre os dois. Penetrando por trás dele, Lins segura os longos cabelos de sua peruca para evitar que encoste nas costas suadas do Homem.

Casa de Lins. Bibi, DORA (19), FRAN (48) e VANY (25) conversam jogadas no sofá carcomido. Lins finaliza um telefonema e se junta às amigas. Entre risadas e lamentos, elas lembram os bons momentos que viveram naquela casa, que serviu como ponto de apoio entre as travestis nos últimos sete anos. Fumando um prensado, Fran acaricia o rosto de Dora: "O mais lindo foi ver esse bebê aqui no pós operatório. A gente 'tudo' se revezando pra fazer o curativo dos pontos". Brincando, Bibi: "É, 'miga, 'geral' sabe que o T da sigla significa 'treta': 'LGBTreta!'". Em meio às risadas, o celular de Lins toca. Vany comenta: "Não é mais puta, mas esse seu celular não para de tocar, hein, *honey!*". Lins se afasta para atender e abafa o aparelho para o barulho da sala não vazar. Do outro lado da linha, uma produtora de cinema a chama para o teste de um novo filme sobre pessoas travestis.

Quarto soturno. Em silêncio, Lins e o Homem vestem suas roupas, cada um de um lado da cama. Ao terminar de colocar os sapatos, Lins joga o dinheiro em cima do colchão e sai.

Estúdio de publicidade. Uma equipe de TRÊS PESSOAS retoca a maquiagem e o cabelo de Lins, que está posicionada

conforme a marcação estabelecida para a cena. Ao seu redor, pessoas passam apressadas com equipamentos e objetos cenográficos, ajustando os detalhes da filmagem. Esforçando-se para se mexer o mínimo possível e não provocar nenhum atraso, Lins comenta que amou o hidratante *Liss Renew* que eles passaram em seu cabelo: "Esse tipo de coisa aqui é uma fortuna, mas que a gente fica 'quenem' uma estrela, fica!". Envaidecido, o cabeleireiro dá um beijinho no próprio ombro e diz que Lins está 'divando'. Sorrindo, Lins pergunta se a PRODUTORA (52) pode lhe trazer um copo de café. Em tom de insulto, a Produtora responde: "Não temos o dia todo pra você, cara". Lins engole seco.

Depois de começada a gravação, o CLIENTE (36) se aproxima do DIRETOR DE FILMAGEM (37) e faz um pequeno escândalo: "É preciso revelar que é uma travesti! Se não, por que chamamos ela para vender o produto, porra?". Atormentada, mas fingindo não ouvir, Lins mantém a pose ainda na marcação da cena.

Casa de Lins. A água borbulha na panela do macarrão. Enquanto Lins se serve, a campainha toca. Estranhando, ela grita: "Quem é?". Sem resposta, Lins abre a porta e se depara com seu IRMÃO (44). Entrando com violência, ele começa a revirar a kitchenette: "Tô te vendo na televisão todo bacana e tu vai ficar aí vendo sua família se foder sem grana nenhuma, é?". Raivosa, Lins parte para cima dele com brutalidade: "Seu oportunista, sumiu por todo esse tempo e agora volta pra atazanar minha vida? Sai daqui agora!".

Estúdio com cenário. Atuando, Lins chora copiosamente deitada na cama do cenário. Ouve-se: "Corta!". As luzes se acendem. Sem conseguir se conter, Lins continua a chorar.

Sozinha e exausta, Lins permanece na sala com o olhar vazio.

Seu celular começa a tocar. Lins não se mexe. Depois de vários toques, ela atende, desanimada. Do outro lado, uma produtora a convida para fazer uma série chamada Femininx. Irritada, Lins: "Olha, achei que nesse mundo do cinema eu seria tratada de um jeito diferente. Não aguento mais ser chamada pra fazer papel de travesti. Parece que eu só sou isso na vida!". A produtora responde: "Mas o convite é pra que, além de atuar, você faça parte da equipe de criação da série. Topa conversar?".

Sala de roteiristas. Já bastante à vontade, Lins lidera uma reunião com outrxs TRÊS ROTEIRISTAS. Lins: "Acho que pessoas cis não conseguem ter noção do quanto essa história é importante pra nós... o quanto ela conforta nossos corações. 'Afe', até arrepiei aqui! Em meio à tanta transfobia e cissexismo, mostrar isso na televisão é um ato político e revolucionário".

Locação externa. Em meio à balbúrdia de pais e crianças na saída de uma escola, Lins e seu MARIDO (40) aguardam abraçados. Correndo em meio às pessoas, o FILHO (08) aparece e os abraça. De mãos dadas, a família caminha pela rua. Ao redor, a equipe de filmagem os acompanha.

FIM

An aerial photograph of a coastline. The sea is a deep, dark purple, and the shoreline is a lighter, textured brown. The text 'OLÍVIA MARINA' is overlaid on the left side of the image.

OLÍVIA
MARINA

SOBRE NÓS

Marina Certain é uma roteirista brasileira radicada em Nova York. Formada em Cinema com graduação conjunta entre a Fundación Universidad del Cine (FUC), Buenos Aires, Argentina e a Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), São Paulo, Brasil, Marina trabalhou por mais de dois anos como roteirista de base, assistente de roteiro e pesquisadora de conteúdo no MiraLab - Laboratório de Desenvolvimento e Criação de Projetos - da produtora paulistana especializada em produção de conteúdo Mira Filmes.

Em 2018, mudou-se para os Estados Unidos para expandir sua formação em roteiro e recentemente concluiu o curso *TV Series Intensive Program* na Columbia University, Nova York. Conjuntamente, tem atuado como freelancer em projetos selecionados e desenvolvido projetos autorais, como *Femininx*, experiências que permitiram aprofundar sua investigação sobre gênero, identidade e sexualidade - temas que sempre estiveram presentes em sua trajetória profissional.

Olívia Pedroso é diretora e assistente de direção. Nascida em São Paulo (Brasil), cursou parte do bacharelado em audiovisual no Senac e integrou o coletivo de estudo e de realização cinematográfica Casa 22. Entre 2017 e 2019 residiu em Lisboa, onde desenvolveu o mestrado em Comunicação e Artes na Universidade Nova de Lisboa com o projeto *Femininx*. Atualmente vive na França.

Entre seus principais trabalhos como realizadora está a série televisiva *Show da História* (exibida pelo Canal Futura e vencedora do prêmio TAL de melhor série de estúdio em 2019) e o videoclipe *De Cara no Asfalto*, de Paulinho Tó. Como assistente de realização, Olívia fez diversos longas e curtas-metragens, filmes publicitários e séries para televisão. Entre elas, *Rotas do Ódio* (Universal Channel), *Pacto de Sangue* (canal Space) e *Vida de Estagiário* (Warner Channel). Em São Paulo, Olívia colaborou como freelancer nas produtoras O2 Filmes, *Conspiração*, *Paranoid*, *Prodigo*, *Hungry Man*, entre outras.

certain.marina@gmail.com
oliviapedroso@gmail.com